

Junho, 2012

IV SÉRIE - Nº 27

TRIMESTRAL

# Macau

## MACAU, MENINA E MOÇA

As vozes do fado que se ouviu e se ouve

Dossier

**COMO SER FELIZ**

Teatro

**DIOGO INFANTE ESTREIA  
PEÇA NO ORIENTE**

Efeméride

**DUAS DÉCADAS SEM  
CARLOS D'ASSUMPCÃO**



# Momentos Surpreendentes

*Uma variedade de eventos de craveira mundial  
durante todo o ano atrai um público global e  
proporciona-lhe surpresas em todos os momentos.*



MOMENTOS MEMORÁVEIS

SENTIR **MACAU**



DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO  
[www.macautourism.gov.mo](http://www.macautourism.gov.mo)

**DIRECTOR**

Victor Chan Chi Ping

**DIRECTOR EXECUTIVO**

Alberto, Au Kam Va

**EDITOR EXECUTIVO**

Fernando Sales Lopes

**PROPRIEDADE**Gabinete de Comunicação Social  
da Região Administrativa Especial de Macau**ENDEREÇO**Avenida da Praia Grande, n° 762 a 804  
Edif. China Plaza, 15° andar, Macau  
Tel: +(853) 2833 2886 Fax: +(853) 2835 5426  
e-mail: info@gcs.gov.mo**PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO**

Delta Edições, Lda.

Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601

**EDITOR**

Luís Ortet

**COORDENAÇÃO EDITORIAL**

Filipa Queiroz

Hélder Beja

Vanessa Amaro

**DIRECÇÃO GRÁFICA**

Rita Ferreira

KauTim - Productive Creations, Ltd

**COLABORAM NESTA EDIÇÃO:****Texto:** Alexandra Lages, Ana Cristina Alves, Carlos Picassinos, Catarina Domingues, Filipa Queiroz, Hélder Beja, José Simões Morais, Mark O'Neill, Patrícia Lemos, Paulo Barbosa, Sofia Jesus e Vanessa Amaro **Fotografia:** António Mil-Homens, Carmo Correia, Gonçalo Lobo Pinheiro, Naty Tórres e Paulo Cordeiro **Ilustração:** Rodrigo de Matos**TRADUÇÃO:** Cherry Lee**FOTOGRAFIA DA CAPA:** Gonçalo Lobo Pinheiro**ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E PUBLICIDADE**Av. Dr. Rodrigo Rodrigues, 600 E  
Edif. Centro Comercial "First International"  
14° andar, Sala 1404  
Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601  
e-mail: contacto@revistamacau.com  
www.revistamacau.com

www.revistamacau.com

**IMPRESSÃO:** Tipografia Welfare, Macau**TIRAGEM:** 3 000 exemplares**ISSN: 0871-004X****ANGOLA:** AOA 2,595.00 | **BRASIL:** BRL 48.00**CABO VERDE:** CVE 2,336.00 | **GUINÉ-BISSAU:** XOF 14,080.00**MACAU:** MOP 100.00 | **MOÇAMBIQUE:** MZM 737.00**PORTUGAL:** EUR 21.00 | **S.TOMÉ E PRÍNCIPE:** STD 517,166.00**TIMOR-LESTE:** USD 21.00 | **RESTO DO MUNDO:** USD 28.00**(PREÇOS POR ASSINATURA ANUAL)**

# Macau



No contexto da cooperação entre a China e os países de língua portuguesa, a revista MACAU, vem apresentando desde há alguns anos, uma série de pequenos *dossiers* sobre os grandes ícones da cultura chinesa. São exemplo disso os trabalhos já publicados sobre a bicicleta, um ícone de uma China

que, em grande parte, já não existe, o vermelho, uma cor muito celebrada, o ano novo chinês, a etiqueta chinesa, a ópera, a dança, os nomes chineses e a língua.

Nesta edição, começamos a abordar as temáticas em torno dos três deuses Fu, Lu e Shou, isto é, da Felicidade, da Prosperidade (ou Dignidade) e da Longevidade, simbolizando as três facetas de uma vida afortunada. O tema da felicidade é abordado nas suas diversas vertentes, incluindo uma entrevista com Manuel Afonso Costa, professor da Universidade de Macau, que se especializou no estudo do conceito de felicidade numa perspectiva europeia, permitindo assim o contraste com a visão chinesa em relação ao mesmo assunto.

A mesma cooperação sino-lusófona, mas numa perspectiva económica, é sublinhada num artigo em que se explica o que é o Fundo de Desenvolvimento para a Cooperação entre a China e os Países de Língua Portuguesa, que acaba de ser instituído, permitindo apoios financeiros visando dinamizar as relações bilaterais.

Finalmente, a história do fado em Macau, a evocação da figura de Carlos d'Assumpção, o teatro de sombras chinês e a vinda a Macau do actor português Diogo Infante, são outros dos temas em foco nesta edição.

**LUÍS ORTET**

## ÍNDICE

### O QUE É A FELICIDADE PARA QUEM VIVE EM MACAU?

Os motivos do sorriso da população, 12

Sofia Jesus

### UMA RUA CHEIA DE FELICIDADE

Retrato de uma artéria tradicional, 20

Hélder Beja

### AS MÚLTIPLAS MANIFESTAÇÕES DA FELICIDADE

Manuel Afonso Costa, um especialista no tema, 26

Paulo Barbosa

### O CONCEITO DE FELICIDADE NA FILOSOFIA CHINESA

Religião como mote , 34

Ana Cristina Alves

### FUNDO PARA LUSOFONIA EM ACÇÃO

China apoia com milhões , 42

Vanessa Amaro

### COOPERAR ATRAVÉS DO DIREITO

Os planos de Luís Sáragga de Leal para conquistar a China, 48

Patrícia Lemos

### II ENCONTRO DOS JOVENS MACAENSES

Jovens empenhados em manter tradições, 56

Alexandra Lages

### TÉNIS DE MESA PORTUGUÊS

Chineses vestem cores lusas e têm orgulho, 64

Patrícia Lemos

### FADO DE A A Z EM MACAU

O género que nunca abandonou o território, 72

Catarina Domingues

### À MESA COM RUI ROCHA

Poeta em almoço japonês, 84

Hélder Beja

### 20 ANOS DA MORTE DE CARLOS D'ASSUMPÇÃO

O homem que deixa saudades, 88

Alexandra Lages e Vanessa Amaro

### TEATRO CHINÊS DE SOMBRAS

Tradição na lista de património da UNESCO, 100

José Simões Morais

### FORTES PAKEONG SEQUEIRA REVELA-SE

A singularidade do artista, 110

Carlos Picassinos

### DIOGO INFANTE ESTREIA PEÇA EM MACAU

*Preocupo-me, logo existo!* com lugar cativo, 116

Filipa Queiroz

### SECÇÕES

Aconteceu, 6

Cartaz, 122

Memórias, 128

### FELICIDADE À LUPA

Afinal, o que faz a população de Macau feliz? Viver em paz, não ter um orçamento apertado, estar com a família ou ter adversários à altura são alguns aspectos que fazem os residentes sorrir.

p. 12

### A FORÇA DOS JOVENS MACAENSES

Alguns pisaram pela primeira vez o território para dar vida às histórias que os avós e os pais contavam. Os jovens macaenses na diáspora passaram uma semana em Macau para conhecer a terra das suas raízes.

p. 56

### A TRADIÇÃO DO FADO EM MACAU

Passou pelos salões nobres da cidade, foi cantado por militares e gentes da terra. O estilo musical português nunca abandonou Macau e nos dias que correm ganha novo fôlego.

p. 72

### 20 ANOS SEM CARLOS D'ASSUMPÇÃO

Foi um advogado de punho firme e um político respeitado. Morreu em 1992 e deixa um espaço em branco que, segundo amigos, jamais será preenchido.

p. 88

### \* RECTIFICAÇÃO

No artigo “Escrever Macau”, da autoria de Ana Paula Dias publicado na edição n.º 26 de Março deste ano, a bibliografia apresentada não se refere de todo ao texto em questão. À autora e aos leitores, as nossas desculpas.

\* Os artigos assinados expressam as opiniões dos seus autores e não necessariamente as da Revista Macau.

# 收藏

澳門郵票



COLECCIONE  
SELOS DE MACAU  
*Collect Macao's Stamps*



澳門議事亭前地  
Largo do Senado, Macau  
FILATELIA

澳門郵政  
CORREIOS DE MACAU

情牽心意 助拓商貿  
Aproximamos Pessoas, Facilitamos Negócios

Tel : (853) 8396 8513, 2857 4491  
Fax : (853) 8396 8603, 2833 6603  
E-mail : philately@macaupost.gov.mo  
Website : www.macaupost.gov.mo

# Macau

ASSINATURA ANUAL DA REVISTA MACAU



delta edições

## ONDE PODE ENCONTRAR A REVISTA MACAU

### PORTUGAL

#### Lisboa

##### Centro de Promoção e Informação Turística de Macau em Portugal

Direcção dos Serviços de Turismo da RAEM  
Av. 5 de Outubro, n.º 115, r/c  
1069-204 Lisboa  
Tel: +(351) 217 936 542

#### Delegação Económica e Comercial de Macau

Av. 5 de Outubro, 115 – 4º  
1069-204 Lisboa

### BELGICA

#### Macao Economic and Trade Office to the E.U.

Avenue Louise, 480  
1050 Bruxelles - Belgium

### MACAU

#### Livraria Portuguesa

Rua São D'Somingos, 18-22  
Tel: +(853) 28 556 442

#### Livraria S.Paulo

Travessa do Bispo - 11 R/C "C"  
Tel: +(853) 28 323 957

#### Plaza Cultural

Av. Conselheiro Ferreira de Almeida, 32

#### Café Caravela

Pátio do Comandante Mata e Oliveira, 29

#### Pizza & Companhia

Av. Ouvidor Arriaga, 79/79A

#### Jade Garden Magazines Stall

Av. da Praia Grande S/N

### PREÇOS POR ASSINATURA ANUAL

ANGOLA: AOA 2,595.00 | BRASIL: BRL 48.00

CABO VERDE: CVE 2,336.00 | GUINÉ-BISSAU: XOF 14,080.00

MACAU: MOP 100.00 | MOÇAMBIQUE: MZM 737.00

PORTUGAL: EUR 21.00 | S.TOMÉ E PRÍNCIPE: STD 517,166.00

TIMOR-LESTE: USD 21.00 | RESTO DO MUNDO: USD 28.00

# www.revistamacau.com

Se deseja ser assinante da revista **MACAU** (assinatura anual) fotocopie, preencha o cupão e envie-o por correio, fax ou e-mail.

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E,  
Edif. Centro Comercial First International, 14º andar, Sala 1404 - Macau  
Email: [contacto@revistamacau.com](mailto:contacto@revistamacau.com) Tel: +853 2832 3660 Fax: +853 2832 3601

NOME: \_\_\_\_\_

MORADA: \_\_\_\_\_

TELEFONE: \_\_\_\_\_ FAX: \_\_\_\_\_

EMAIL: \_\_\_\_\_

Não inclui portes de correio.



## Grande Prémio aquece motores

A Comissão do 59º Grande Prémio de Macau anunciou em Março o programa para o evento deste ano, que se realiza entre 15 e 18 de Novembro. Além das três corridas principais (Fórmula 3, Campeonato do Mundo de Carros de Turismo e o Grande Prémio de Motos), vai haver lugar outras quatro competições de patrocínio: Taça GT Macau, Taça de Carros de Turismo de Macau, Macau Road Sport Challenge e a Corrida de Interport MAC/HKG. Os bilhetes de entrada já se encontram à venda, com preços a variar das 50 às 900 patacas.

**53.000.000**

patacas foi quanto o Fundo para o Desenvolvimento das Ciências e Tecnologia gastou em 2011 a apoiar 57 projectos de investigação



## Português chega à ilha de Hainão

O Centro de Cooperação Internacional em Educação vai lançar uma licenciatura em Português em conjunto com a Associação de Macau-Hainão para a Promoção Económica e Cultural e o Instituto Politécnico de Leiria. O programa contempla três anos de estudo da Língua e Cultura Portuguesas em Hainão, e o quarto e último ano da licenciatura em Portugal, no Instituto Politécnico de Leiria (IPL), onde os alunos vão optar entre duas vias de especialização: Gestão Turística e Hoteleira e Tradução e Interpretação.

## Literatura de Macau estreia-se em Taiwan

Pela primeira vez, a literatura de Macau foi divulgada em Taiwan, através da Exposição Internacional do Livro em Taipé. Mais de mil livros publicados na RAEM nos últimos anos a abordar os mais variados temas estiveram à venda no certame.

## Chefe do Executivo saúda novo líder de Hong Kong

O líder do Governo de Macau, Chui Sai On, endereçou, a 25 de Março, a Leung Chun-ying uma mensagem de felicitações pela vitória nas eleições para Chefe do Executivo de Hong Kong. Leung Chun-ying, 57 anos, foi eleito Chefe do Executivo de Hong Kong para um mandato de cinco anos que terá início a 1 de Julho.

**1.278.000**

peças passaram por Macau em 2011 para participarem em 1045 conferências e feiras de exposições, um aumento de 59% comparado ao número de 2010



## APOMAC abre portas a artistas locais

As paredes da sede da Associação dos Aposentados, Reformados e Pensionistas de Macau (APOMAC) vão encher-se com obras de artistas de Macau. O organismo inaugurou, a 7 de Março, um espaço para dar a conhecer os talentos locais. O arquitecto Carlos Marreiros foi o primeiro a oferecer uma serigrafia de Macau de edição limitada, em que o território surge sob a luz de uma cidade de justiça.

## ECONOMIA DE 2011 À LUPA

**+20,7%**  
crescimento real

**MOP 292,1**  
**mil milhões**  
total do Produto Interno Bruto  
(PIB)

**MOP 531.723**  
PIB per capita

**+34,6%**  
exportações de serviços  
de jogo

**+7,2%**  
despesa total dos visitantes

**+10,2%**  
despesa de consumo privado

**+9,4%**  
despesa de consumo final do  
Governo

**+14,5%**  
formação bruta de capital fixo

**-2,9%**  
exportações

**+41,9%**  
receitas do jogo

**+12,2%**  
turistas

**+4,3%**  
ocupação média dos hotéis

**+79,4%**  
investimento público

**+41,7%**  
volumen dos negócios  
do comércio a retalho

**+6,7% - 12,9%**  
mediana do rendimento  
de cada trimestre

Fonte: Direcção dos Serviços  
de Estatística e Censos

## Guias em chinês para facilitar negócios

Sete guias de investimento em língua chinesa foram lançados em Março, para facilitar os negócios dos empresários de Macau e do Interior da China no espaço lusófono, numa iniciativa do Fórum Macau e Agência para a Promoção do Investimento da China. A colectânea tem por base informações reunidas pela Promoção do Investimento (CIPA) do Ministério do Comércio da China e a colaboração do Governo de Macau e de embaixadas e agências de investimento dos países de língua portuguesa.



## Melhor nota no combate à corrupção

Macau mantém o sexto lugar no relatório de 2012 da *Political & Economic Risk Consultancy* sobre a corrupção, num total de 16 países e regiões asiáticos analisados. Mas, desta vez, recebeu nota mais positiva, passando de 4,68 para 2,85 pontos. A pontuação varia entre zero e dez pontos, correspondendo zero ao maior nível de integridade.

## Orquestra Chinesa de Macau vai a Portugal

A Orquestra Chinesa de Macau vai subir a três palcos portugueses durante o mês de Julho. O grupo viaja até Lisboa, Coimbra e Guimarães, este último espectáculo integrado no programa da Capital Europeia da Cultura.

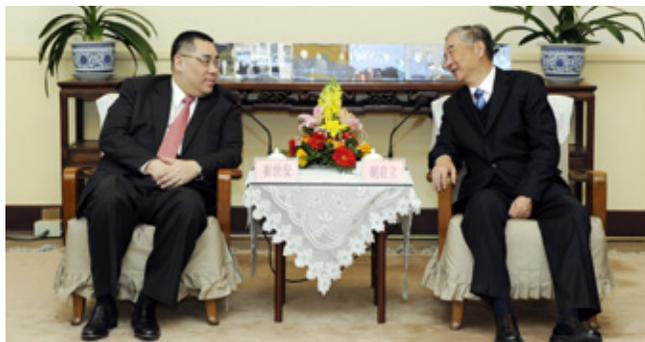
## ACONTECEU

### 11.ª Assembleia Popular Nacional

Turismo, Ilha da Montanha e lusofonia foram os temas que dominaram os encontros do Chefe do Executivo de Macau, Chui Sai On, com altos representantes do Governo Central, durante a 11.ª Assembleia Popular Nacional, que decorreu em Pequim em Março.



Delegados de Macau à Assembleia Popular Nacional



Reunião com o presidente da Fundação Soong Ching Ling, Hu Qili



Encontro com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Yang Jiechi



Visita à Universidade Tsinghua

### TDM garante direitos da Liga dos Campeões

A UEFA anunciou em Abril que a Teledifusão de Macau (TDM) garantiu os direitos de transmissão da Liga dos Campeões e da Liga Europa durante o período 2012-15. O canal TDM Desporto, de sinal aberto, vai transmitir um encontro em directo em cada noite de jogos, bem como um programa de resumos, o mesmo acontecendo na Liga Europa.



## RAIO-X DE MACAU

**552.503**  
população total

**62.304**  
trabalhadores não residentes

**4944**  
estudantes não residentes

**37,5 anos**  
idade média

**48%**  
homens

**52%**  
mulheres

**59,1%**  
da população residente nasceu  
fora de Macau

**0,9%**  
são nacionais de Portugal

**92,3%**  
têm nacionalidade chinesa

**2,7%**  
são das Filipinas

**83,3%**  
falam cantonês

**0,7%**  
têm o português como  
primeira língua

**95,6%**  
sabem ler e escrever

**31,2%**  
são solteiros

**2,7%**  
são divorciados

Fonte: Direcção dos Serviços  
de Estatística e Censos

[www.revistamacau.com](http://www.revistamacau.com)

## Macau em 52.º no ranking de salários mundiais

Macau ocupa a 52.ª posição em termos mundiais no que toca a salários mensais, com uma média de 758 dólares norte-americanos, segundo dados da Organização Internacional do Trabalho das Nações Unidas. O estudo, que engloba um total de 72 países, coloca Hong Kong na 30.ª posição, com um salário médio de 1545 dólares. A China está um pouco mais abaixo do que Macau, no 57.º lugar, com um salário médio de 656 dólares.

## Rui Cunha cria fundação

O advogado português Rui Cunha, radicado há 31 anos em Macau, lançou em finais de Abril uma fundação com o seu nome destinada essencialmente a promover a identidade singular da região. Dotada de um capital social de 50 milhões de patacas, a Fundação Rui Cunha é um projecto que envolve também os seus filhos - Isabel e Rui Pedro, que terão a responsabilidade de perpetuar o projecto - e dispõe de um mini-auditório, zona de exposição e biblioteca jurídica integrada num centro de Estudo e Difusão do Direito de Macau.



## Li Keqiang reúne-se com delegação de Macau

O vice-primeiro-ministro chinês Li Keqiang esteve a 1 de Abril em Hainão para assistir às actividades da reunião anual do Fórum Boao da Ásia. O dirigente teve encontros com as delegações oficiais e empresariais das regiões administrativas de Macau e de Hong Kong. Além de marcar presença no encontro com o vice primeiro-ministro chinês, o Chefe do Executivo da RAEM, Chui Sai On, participou ainda num jantar de boas-vindas oferecido pelo Governo provincial de Hainão.

## Nova associação quer facilitar trocas

Os primeiros órgãos estatutários da Associação de Promoção da Cultura, Arte e Economia entre a China e os Países Lusófonos tomaram posse em Abril, com uma série de projectos já em andamento. Segundo o presidente da associação, Frederico Santos do Rosário, o objectivo é facilitar o intercâmbio entre os empresários e artistas dos dois lados. São já 200 os associados de Macau, China, Portugal e até do Japão. Na agenda de actividades decorreu, no início de Maio, uma viagem ao Brasil, onde foi assinado um memorando com a Confederação Nacional de Serviços do Brasil.



## De Portugal a Macau de bicicleta

Um ano, sete meses e seis dias depois de terem partido de bicicleta de Ovar, Portugal, os jovens Rafael e Tanya concluíram no início de Maio, no Largo do Senado, em Macau, um percurso de 17.519 quilómetros que os fez atravessar 23 países.

**1.400.000**

utentes de telemóveis registados em Abril – o dobro da população do território



## Encantos portugueses animam cidade

Macau vai ter, no próximo mês de junho, uma quinzena exclusivamente dedicada à cultura portuguesa. Intitulado "en-Cantos", o evento inclui várias iniciativas de foro cultural, desde a literatura, o teatro, ao cinema, passando pela música. A iniciativa abrange o 10 de junho, dia de Portugal, de Camões e das Comunidades e o dia 24, dia de S. João. A iniciativa, organizada pelo Consulado de Portugal, pela Casa de Portugal e pelo Instituto Português do Oriente, arranca no próximo dia 8 com a exibição do documentário *500 anos de relações entre o Sião e Portugal*.

## Carlos Couto deixa a sua marca em Taiwan

O arquitecto português Carlos Couto está a desenhar hotéis e um autódromo em Taiwan, ilha que define como tendo espaço para a afirmação de vários profissionais porque "tem ainda muita construção civil e pouca arquitectura". O profissional, radicado em Macau e autor do desenho do premiado pavilhão de Portugal na Exposição Mundial de Xangai, esteve cerca de um ano a desenhar a pista, que foi pensada para a categoria 2, onde podem ter lugar treinos de fórmula um, mas não corridas.

**208.037**

veículos estão hoje em circulação em Macau, um número 5% superior ao registado em Março de 2011

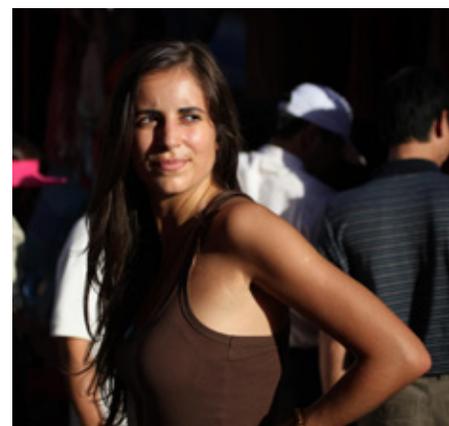


## Rui Rocha deixa direcção do IPOR

Três anos depois de ter assumido a direcção do Instituto Português do Oriente (IPOR), Rui Rocha vai abandonar o cargo no fim do mandato, em Julho. Rui Rocha explica que a decisão de não continuar prende-se com motivos de ordem pessoal. O dirigente considera que está na hora de assumir novos desafios e dar lugar a outros. O novo director do organismo será agora escolhido através de um concurso público.

## Raquel Carvalho vence Prémio Macau Reportagem 2011

A jornalista Raquel Carvalho do *Jornal Tribuna de Macau* é a vencedora do Prémio Macau Reportagem 2011 atribuído pela Fundação Oriente no valor de 50 mil patacas. A jornalista ganhou o prémio com o trabalho "A vida num pátio" publicado a 24 de Março do ano passado, e que se centra nas vivências do Pátio da Claridade. A Fundação Oriente justifica que o trabalho foi premiado "pela actualidade do tema escolhido, de grande dimensão humana, que foca o fim de uma época na vida quotidiana das gentes de Macau, evidenciando os seus problemas sociais".



REVISTA **Macau**

CONCURSO DE **FOTOGRAFIA**



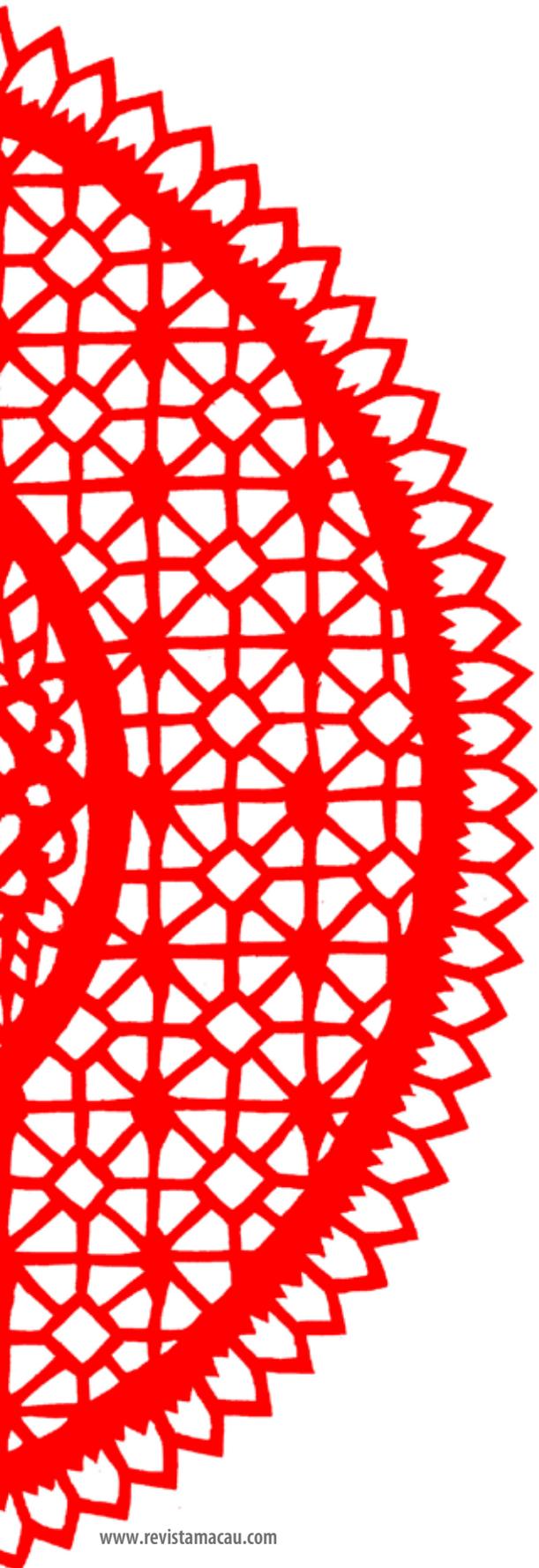
*Esta foto pode ser SUA*

Pormenores em [www.revistamacau.com](http://www.revistamacau.com)

# MEDIR O PULSO À FELICIDADE

Os académicos têm medido o nível de felicidade das gentes de Macau. Há quem diga que a população está mais satisfeita com a vida, há quem diga que não. Mas, afinal, o que é isto de ser feliz?

Texto **Sofia Jesus** | Fotos **Gonçalo Lobo Pinheiro**



A felicidade constrói-se. Ou acontece? Pega-se. Ou procura-se? É um momento. Ou alguém? É um obrigada. Ou um tanto-faz? Diz-se. Ou vê-se? Dá-se. Ou recebe-se? É minha. Ou nossa?

Há séculos que o homem anda às voltas com o conceito. Para uns, palavra-chave. Para outros, palavra-inútil. Há filósofos que a negam. Há poetas que por ela suspiram nas entrelinhas, como Fernando Pessoa, nas vestes de Ricardo Reis: “Quer pouco: terás tudo. Quer nada: serás livre”.

Mas há também quem a esventre em pontuações, a arrume em escalas e lhe diagnostique causas. Em Macau, a Associação de Ciências Económicas lançou recentemente mais uma edição do chamado Índice de Felicidade, que teve por base um inquérito a 958 pessoas. Resultado: um 6,92 que nos põe este ano, pela primeira vez, atrás de Hong Kong.

Dizem os peritos que a quebra de 1,1 pontos – em relação ao primeiro estudo divulgado em Janeiro do ano passado – está ligada ao aumento do custo de vida. Os investigadores concluem também que foi entre as famílias com filhos que o nível de felicidade mais desceu e salientam, entre os factores negativos, alguma insatisfação face à saúde pessoal, às relações familiares e ao modo de governação.

Mas os estudos não ficam por aqui. Numa iniciativa conjunta entre a revista *Macau Business* e a Universidade de São José, a última edição do Estudo Sobre a Qualidade de Vida no território azul a cenário: no último trimestre do ano, o índice de satisfação com Macau subiu para os 61,2 por cento e o mesmo aconteceu com o índice de bem-estar pessoal (alcançou os 65,7 por cento). Em Outubro, foi divulgado um outro inquérito, neste caso da Associação de Pesquisa e Sondagens, realizado junto de mais de 1500 residentes e encomendado pelo gabinete da deputada Melinda Chan. O estudo fixou o índice de felicidade da população em 71,6 pontos, valor semelhante ao de 2010. Aqui, a política de habitação foi a que mais reparos mereceu entre os participantes. Números à parte, a MACAU quis ouvir da boca dos que por cá vivem o que é isto de ser feliz. E descobriu que felicidade é também química aliada à gratidão: o O<sub>2</sub> que se respira, o H<sub>2</sub>O que mata a sede.



## “SER FELIZ É VIVER EM PAZ”

**SAM SOU, 53 ANOS**

O sorriso com que cumprimenta quem se aproxima da banca, no mercado de São Domingos, é o mesmo com que pesa as couves e o mesmo com que fala de felicidade: aberto, espontâneo, despretenso. Mais tímida frente ao gravador, Sam Sou – como é conhecida, porque o marido é o terceiro filho dos pais – descreve-se humildemente como uma “uma mulher pequena”. Tradução: que pede pouco deste mundo. “Uma vida em paz faz-me feliz.”

A paz de Sam Sou é feita de “um corpo saudável” – em tempos não o teve e de “um rendimento estável, não necessariamente elevado”. A visão, acredita, é comum a muitas das pessoas que lhe são próximas. Mas mostra-se apreensiva face ao futuro dos jovens de Macau.

“Os meus filhos já são crescidos e independentes, não tenho de me preocupar. Mas para as gerações mais novas, com filhos, e que têm de

Sam Sou descreve-se humildemente como uma “uma mulher pequena”. Tradução: que pede pouco deste mundo. “Uma vida em paz faz-me feliz”

pagar propinas, alimentação e renda da casa, a subida em flecha dos preços vai ser um problema”, lamenta.

O mercado põe-lhe o pão na mesa há 13 anos e não tem pruridos em dizer que sorri muito porque está a “conseguir vender”. Seis dias por semana, das oito e meia da manhã às sete da noite, pausas para almoço é um luxo que não lhe assiste. A sorte é ter o marido como companheiro de trabalho e poderem revezar-se na banca. É que há momentos em que o cansaço pesa e apaga o sorriso outrora contagioso “às vezes”, só às vezes.

# FELICIDADE É “TER UM RENDIMENTO ESTÁVEL”

**WONG CHI KAN, 77 ANOS**

Wong Chi Kan mistura-se com a história da cidade. Está exactamente no mesmo sítio há 60 anos. Atrás da banca da Avenida Almeida Ribeiro, onde vende cigarros, lenços e pacotinhos de chá de limão, já houve um cinema. Hoje há uma conhecida loja de roupa.

Mudou a paisagem, mudaram os clientes. Os do Interior da China “perguntam preços mas não compram nada”. Valem-lhe os de Hong Kong, que abrem os cordões à bolsa para tabaco. E, para Wong, dinheiro é coisa que faz falta quando se pensa em felicidade.

“Dinheiro é igual a rendimento, que é igual a vida estável, que é igual a não termos de nos

preocupar com muito.” Se os filhos tiverem um emprego estável – e têm, assunto arrumado: é feliz. A monotonia do emprego que tem desde os 17 anos – porque a invasão da China pelos japoneses tornou a vida difícil e a falta de estudos fechou a porta a uma alternativa não parece incomodá-lo. E acredita que as gentes de Macau – as com mais anos de casa, “não os novos residentes” são fáceis de contentar, sobretudo com a ajuda do Governo, que “todos os anos dá cheques”.

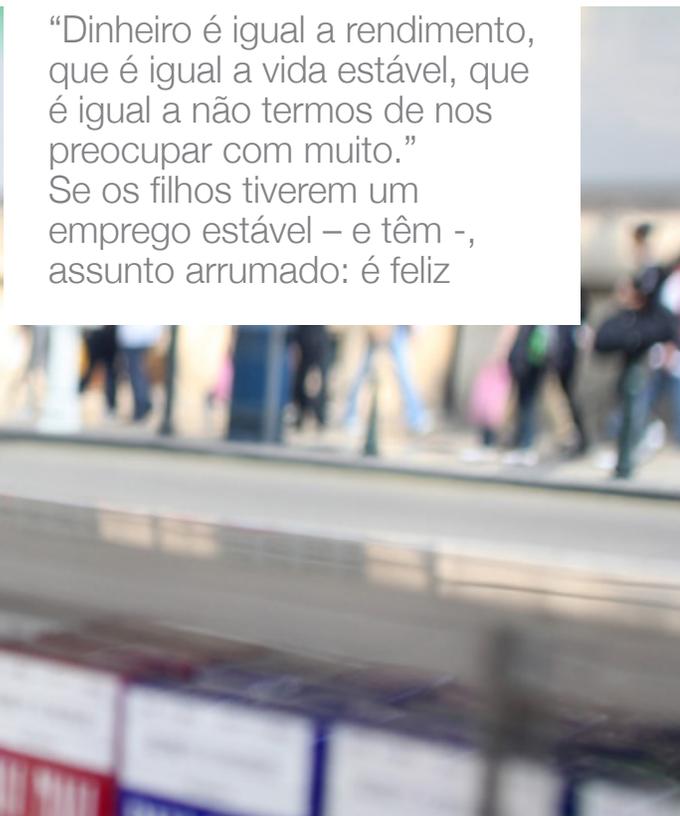
De sorriso fácil, nos tempos em que havia cinema na San Ma Lou, trabalhava das sete da manhã às dez da noite, todos os dias do ano. Hoje premeia-se com uma folga semanal e vai para casa às seis da tarde, que o negócio mais não justifica.

Mas se felicidade é ter “família grande” – é pai de três – com um “rendimento estável” ao fim do mês – e um local feliz é qualquer um que lhe dê sustento, felicidade é também ir com os parentes a um *yam tcha*. Ou acordar à meia-noite para ver um jogo de futebol na televisão. Ou levantar-se todos os dias às cinco da manhã para correr. Assim mesmo, com quase 39 anos em cada perna.



“Dinheiro é igual a rendimento, que é igual a vida estável, que é igual a não termos de nos preocupar com muito.”

Se os filhos tiverem um emprego estável – e têm -, assunto arrumado: é feliz



## “A FELICIDADE CONSTRÓI-SE”

**ARDYTH KLANDER, 36 ANOS**

O ponto de viragem aconteceu precisamente com a pergunta “És feliz lá em Macau?”. Aconteceu há dois anos, durante o primeiro Natal que Ardyth Klander passou nos Estados Unidos, desde que se mudou para a RAEM, no Verão de 2008. “És feliz?” Não foi capaz de dizer que sim. E começou a pensar na vida.

Ardyth, 36 anos, veio para Macau abrir a delegação de uma empresa na área da informática. Durante os primeiros tempos, o mundo girou à volta do escritório. Era incapaz de “deixar o trabalho no trabalho”. Mas a ideia de poder estar a “desperdiçar o tempo” fê-la repensar prioridades. E quando a empresa lhe propôs nova transferência para a Austrália optou por ficar em Macau. Hoje goza de uma licença sem vencimento e dedica-se ao estudo do chinês. Acredita que a cidade reserva oportunidades raras de realização a quem quer que se mostre interessado em mergulhar na cultura e na comunidade. Alguns expatriados, reconhece, dirão que os locais “não são muito simpáticos”, mas Ardyth desfaz o engano: “Quatro ou cinco palavras de cantonês e um sorriso mudam por completo a forma como as pessoas lidam connosco”.

A felicidade? “Constrói-se” e “é contagiosa”. Já o sentiu na pele. “Agora estou numa altura da vida em que não tenho tempo para pessoas demasiado negativas.” Afinal, lembra, tal como aconteceu com ela, a vida está nas mãos de cada um: “Se estás infeliz, faz alguma coisa por mudar”. Quando era mais nova, Ardyth acreditava que a felicidade era sinónimo de perfeição. Hoje acredita em “momentos felizes”, não no “felizes para sempre dos contos de fada”. Acredita que, se for feliz, faz a pessoa que ama feliz. Acredita que, entre os altos e baixos da vida, é possível perceber se, em termos gerais, se é feliz ou infeliz, num dado período de tempo. Feliz, quando pesam mais “as gargalhadas, as pequenas conquistas e os momentos de paz”. Infeliz, quando “as lutas, as frustrações ou a raiva” saem a ganhar. A vida que Ardyth quer é uma em que possa “marcar a diferença nas pequenas coisas” a cada



“Quatro ou cinco palavras de cantonês e um sorriso mudam por completo a forma como as pessoas lidam connosco”

dia, de preferência com alguns risos pelo meio e quebras de rotina. “Quando chegar a hora de partir, prefiro arrepende-me dos erros que cometi, do que das coisas que não tive coragem de fazer.”

# “OLHAR PARA AS PÉTALAS, NÃO PARA OS ESPINHOS”

**CATHERINE ALMAZAN, 37 ANOS**

Catherine Almazan – Katy, como a chamam – é um dos rostos por detrás dos sabores que se servem na cantina da Associação dos Macaenses, na Rua do Campo. Filipina, com bacharelato na área comercial e especialização em ciências informáticas, descobriu em Macau o talento culinário e as condições de vida que não encontrou na sua terra.

Katy vive e trabalha em Macau há sete anos e meio. E há sete anos e meio que não vê o seu país. Às vezes dá por ela a pensar: “Onde estou?” Mas sente-se bem no emprego, porque, diz, é “tratada como família”. A pedra no sapato é a filha que ela e o marido deixaram nas Filipinas. “É duro.” Os olhos negros enchem-se de água. A voz falha. “Quanto ela tinha três anos, explicámos-lhe a situação. Se voltarmos, podemos sobreviver, mas não te podemos dar tudo.” O tempo foi passando e a criança habituou-se. Mas há dias que doem mais que outros, como quando há reuniões de pais na escola. “Aí sinto-me tão culpada...”

Há momentos bons e maus, mas é preciso “olhar para as pétalas da rosa, não para os espinhos”. “De contrário, o que acontece? Passamos a vida à procura de algo que não chega”

Os quilómetros – e as saudades fintam-se com as novas tecnologias, como o *Face Time*, “quatro ou cinco vezes por dia”. Encarregada de educação à distância, sabe o que a filha faz a todo o momento. E todos os anos a criança vem a Macau passar os dois meses de férias da escola. Viver cá é que não – “diz que prefere as Filipinas”.

Felicidade, para Katy, passa por “estar em Macau e poder garantir os estudos” da filha. “Mas se há felicidade no meu coração? Não exactamente.” Ri-se, com tristeza, do paradoxo. “Porque sinto falta dela e não há um sentimento de pertença entre nós.” Mas esforça-se por não estragar o dia a pensar nisso. Felicidade é “contentamento” e pequenas coisas bastam: o prazer de andar de roda dos tachos, o elogio a um prato.

A fé ajuda. Todas as manhãs agradece a Deus por mais um dia e liga para as Filipinas a saber se do outro lado o amanhecer aconteceu, também, em segurança. “Pensamento positivo” é o lema a seguir. Há momentos bons e maus, mas é preciso “olhar para as pétalas da rosa, não para os espinhos”. “De contrário, o que acontece? Passamos a vida à procura de algo que não chega.”





## “FELICIDADE É TER VIVIDO O 25 DE ABRIL”

**FREDERICO RATO, 64 ANOS**

Para Frederico Rato, felicidade é, antes de tudo, “ter nascido e estar vivo, é respirar e beber água, é ser livre e viver em liberdade”. Felicidade é “saber ler” e “ouvir música”, formas de dar ao espírito “um passaporte sem fronteiras”.

A felicidade, diz o advogado português, há 28 anos em Macau, pode estar nas pequenas coisas. “Era o Fernando Pessoa [Álvaro de Campos] que dizia, na Tabacaria, ‘Se eu casasse com a filha da minha lavadeira talvez eu fosse feliz.’” Mas a felicidade também pode ser fantasia.

“Felicidade é sonhar que se fuma sem pegar fogo à cama”, ri-se Frederico, que deixou de fumar há mais de 20 anos. O vício, pelos vistos, ainda o visita durante o sono. “E é tão bom fumar sem absorver nicotina e alcatrão...”

No exercício da profissão, por vezes, passa-lhe pelas mãos a felicidade de alguém. Mas mais que o acesso ao Direito e à justiça, felicidade “é amar”. E vêm-lhe à memória, uma vez mais, as palavras dos poetas: o “amar perdidamente” “mais este e aquele, o outro e toda a gente”, da Florbela Espanca, ou o “fogo que arde sem se ver”, do Camões.

Frederico lembra, no entanto que além da chamada felicidade “individual, egoista”, há também a felicidade “social, colectiva”. A da “paz e solidariedade entre os homens e os povos”, a da “prevalência dos valores jurídicos e éticos e de justiça”. As duas não são incompatíveis, defende. E dá um exemplo: “Felicidade para mim foi ter vivido o 25 de Abril”. Felicidade, acrescenta, é “ter adversários com pinta”, em vez de “inimigos movidos a inveja”. Olhando para a comunidade de Macau, o advogado de 64 anos não vê “meio milhão de pessoas infelizes”. Mas entende que a coesão e a solidariedade social no território – duas vertentes da “felicidade colectiva” – “deveriam de algum modo ser estimuladas”. Num barómetro inventado, Frederico Rato diria que o índice de felicidade da comunidade deve andar entre os 60 e 70 por cento, numa escala de zero a 100.

E o dinheiro? “Pode ser um instrumento para evitar algumas infelidades”, mas “não é um factor *sine qua non* para que as pessoas se sintam felizes”. “Se pensarmos que a felicidade é também beber com as pessoas que se ama um bom vinho, de preferência com um queijo da serra, pata negra e um bom pão de rolão, bem, tudo isto custa algum dinheiro. E proporciona alguma felicidade. Mas se calhar também é um bom momento de felicidade fazer isto com as pessoas que se ama, mas com um vinho regular, um queijo industrial, um presunto de embalagem e um pão da padaria de Coloane.”

# “FELICIDADE É ESTAR COM A FAMÍLIA”

**KAZUMA NOGUCHI, 15 ANOS**

Kazuma Noguchi não se lembra da vida antes de Macau. Nasceu nos Estados Unidos, mas veio para o território tinha apenas três meses. Hoje com 15 anos, vive entre viagens para visitar a família “espalhada pelo mundo” – a do lado da mãe, nos EUA, a do lado do pai, no Japão.

Kazuma começa por dizer que não sabe bem o que é a felicidade mas, a pouco e pouco, descaise: “É um sentimento que me invade quando estou ao pé das pessoas que amo: da minha família e dos meus amigos”.

Filho único, admite que houve um tempo em que se sentia só e o que mais desejava era um irmão. “Mas os meus pais têm estado sempre lá. Adoro mesmo a minha família, até o meu cão me faz feliz!” E quando elege “casa” como o sítio onde se sente bem, quando conta como larga o que quer que esteja a fazer quando os avós telefonam, ou quando garante que abdicaria de tudo para partir com os pais se eles se mudassem, percebe-se que, para ele, o “f” de felicidade é o “f” de família.

Mas, para Kazuma, felicidade é também fazer o que se gosta. Coisas simples, como “jogar basquete” ou “comer” quando se tem fome. O

## FELICIDADE

(latim *felicitas*, -atis)

s. f.

1. Concurso de circunstâncias que causam ventura.
2. Estado da pessoa feliz.
3. Sorte.
4. Ventura, dita.
5. Bom êxito.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa



dinheiro dá felicidade a prazo: compra-se “um carro muito caro”, “um computador super-rápido” ou “um jogo novo”, mas a sensação de felicidade esvai-se com o instante.

“Acredito que a felicidade é um momento, mas não tem de durar pouco tempo.” E encolhe os ombros, de sorriso aberto: “[A felicidade] é algo que sempre esteve ao meu alcance.” Mesmo nos piores momentos.

O tsunami do ano passado, no nordeste do Japão, “foi horrível”, mas não afectou directamente a família. E, no meio da calamidade, a felicidade veio sob a forma de telefonemas e palavras amigas em catadupa. “Fez-me feliz ver que as pessoas se preocupam.” Houve momentos em que ele e o pai temeram o pior por quem lá estava, sem dar notícias, mas a esperança deu-lhes força. Depois das lágrimas? É possível recuperar a felicidade mesmo depois de uma tragédia como a de 11 de Março de 2011. “O segredo está em encontrar algo a que nos agarrarmos.” Como os amigos. Como a família. ●

# A FELICIDADE É UMA RUA

É uma rua bem famosa. No centro de Macau, já chegada ao Porto Interior, está uma linha recta pintada de portas e janelas vermelhas. É um lugar cheio de história. Mas e hoje, o que é a Rua da Felicidade? Fomos descobrir

Texto **Hélder Beja** | Fotos **António Mil-Homens**



**S**e a felicidade fosse mesmo uma rua, estaria sempre cheia, porque toda a gente quer encontrar a felicidade. Em Macau, a felicidade dá nome a uma das ruas mais conhecidas do território. Wenceslau de Moraes escreveu sobre ela, Camilo Pessanha frequentou-a, Henrique de Senna Fernandes voltou a imortalizá-la nos livros. Por cá, a felicidade transformou-se num lugar.

A Rua da Felicidade que encontramos hoje é bem diferente daquela que por longos anos homens frequentavam em busca de companhias femininas. Fok Long San Kai, em cantonês a Rua Nova da Felicidade Abundante, já não é o centro daquilo a que chegou a chamar-se “bairro do amor”. Não deixa por isso de continuar a ser inspiradora.

Seguimos os números e começamos na ponta onde a Rua da Felicidade casa com a Rua da Alfândega. À esquerda e à direita, fazendo jus à boa tradição da comida por estas bandas, as primeiras fracções são ocupadas por restaurantes que oferecem gastronomia local – sopas de fitas, *dumplings*, *noodles*. Mas a nossa primeira paragem há-de ser um tudo nada mais abaixo.

Há mais de dez anos que a senhora Wong acerta as horas da Rua da Felicidade. A velha loja de relógios que gere é um compêndio de ponteiros pendurados nas paredes. “O negócio foi-me passado por uma amiga e costumava ser só uma casa de chaves. Como tinha muito espaço livre decidi começar a vender relógios”, conta. O negócio das chaves ainda se mantém mas são os relógios, especialmente os grandes relógios de sala, que fazem a clientela da loja.

Metade turistas, metade locais. É assim que a senhora Wong contabiliza os seus clientes. Os preços são convidativos. O relógio mais caro da casa não custa muito mais de mil patacas. Mesmo assim, o negócio já teve dias melhores. “Antes a rua tinha outras lojas de comércio tradicional, isso agora está a mudar muito. Abriam estas lojas de bolos que há por todo o lado.” A senhora Wong está a referir-se aos bolos de amêndoa que ocupam algumas das portas da Rua da Felicidade.

Apesar de a loja contar apenas uma dezena de anos, esta mulher já frequenta a Rua da Felicidade há pelo menos o dobro do tempo. “Não consigo imaginar o meu dia-a-dia noutro lado”, admite. Se lhe pedimos que nos

recomende um restaurante nesta rua, diz que mais abaixo há umas barbatanas de tubarão saborosas, para acrescentar logo de seguida que os preços da maior parte dos restaurantes não são para a carteira de gente simples.



\* A senhora Wong dá horas à Rua da Felicidade: numa zona cheia de restaurantes e turistas, esta mulher vende relógios, principalmente relógios de parede

### AS OUTRAS FELICIDADES

Descer a Rua da Felicidade com os olhos bem abertos é perceber uma série de ramificações que dali partem. Temos o Beco das Galinhas, o Pátio do Ídolo, o Beco da Felicidade, o Pátio da Felicidade. Todos estreitos e discretos, alguns com pequenos pagodes logo ao lado de cabides cheios de roupa e de motas estacionadas.

A fiada de casas vai mudando de cor, com o amarelo a dar lugar ao branco e, à nossa esquerda, entramos numa loja de antiguidades que, ao contrário do que seria de esperar, abriu há apenas seis meses. É uma das novas lojas da rua – há várias fracções para aluguer ou venda, com números de telefone colados nas portas.

Lá dentro, o senhor Lau está sentado ao lado de uma série de estatuetas da dinastia Qing e de muitas peças de jade. O irmão era colecionador de antiguidades antes de emigrar para o Canadá. Há meio ano, e como tinha este espaço da Rua da Felicidade para usar, Lau decidiu abrir uma loja. “Não há muitos clientes, mas às vezes lá vendemos algumas peças. Só conseguimos que a loja exista porque não temos de pagar renda”, conta. A peça mais cara da loja é uma imagem centenária da deusa Kun Iam, que custa 300 mil patacas. Daqui até às cerca de 500 patacas que pode valer uma pequena lembrança de jade, os preços são para quase todas as bolsas.

\* A peça mais cara da loja de antiguidades do senhor Lau é uma imagem centenária da deusa Kun Iam, que custa 300 mil patacas





A comida ainda continua a ter importância na Rua da Felicidade. Neste restaurante simples de especialidades chinesas passam mais de mil pessoas por dia. Vão à procura da sopa de barbatana de tubarão por preços que não excedem as 90 patacas



### FELIZES À MESA

Os carros e as motas vão passando pela rua que muitos peões tratam como pedonal, caminhando pelo meio da estrada. Os letreiros em português, mais presentes no topo das lojas fechadas que das abertas, são tão curiosos como os que anunciam a Loja de Canjas Leong Heng Kei ou Loja de Comidas R. Cherikoff.

A próxima paragem é um pequeno restaurante à direita de quem desce a rua, já depois do cruzamento com a Travessa do Aterro Novo, que liga a Rua da Felicidade à Almeida Ribeiro. O restaurante tem nome apenas em caracteres chineses e que é famoso pela barbatana de tubarão. Sing, um dos empregados, senta-se à mesa com a gente. A casa é simples e Sing conta que o prato mais barato da ementa ronda as 30 patacas. O mais caro não vai além das 90.

Por dia, entre as 11h e as 22h, Sing afiança que muitas vezes passam mais de mil pessoas pelas pequenas mesas do restaurante. São principalmente turistas que chegam de Hong Kong, Taiwan e Japão, e que são servidos por uma equipa de seis funcionários.

A comida ainda continua a ter importância na Rua da Felicidade. Há casas de peixe e marisco com os seus aquários, há as lojas de bolos de amêndoa, há alguma comida com sabor ocidental e há, a fechar esta recta de pequenas casas rasteiras, o famoso Fat Siu Lau, com mais de 100 anos de história e um menu que continua a privilegiar os sabores da cozinha portuguesa. Mesmo diante do Fat Siu Lau está outro dos lugares simbólicos da actual Rua da Felicidade. A hospedaria San Van também já faz parte



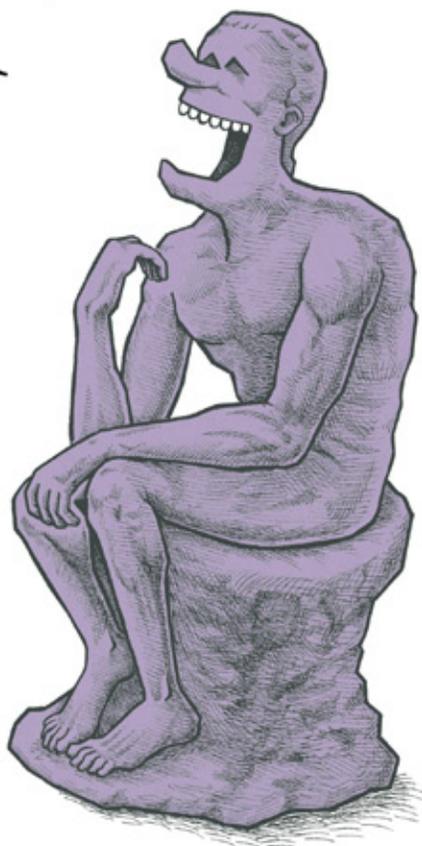
da história de Macau e do cinema – parte de *Isabella*, filme de Pang Ho-Cheung, foi filmado aqui. Mesmo assim, os preços por noite na ainda San Van são bastante acessíveis, com uma estadia a custar entre 140 e 230 patacas.

Voltamos a olhar a rua onde também há uma lavandaria, uma loja de vinhos, casas com peixes e carnes secas, um Home Deco Artwork Café que entretanto já fechou. Algumas portas têm as caixas de correio cheias, sinal de que não recebem visitas há muito tempo. Outras estão pintadas de um vermelho novo e incandescente, à espera de novos proprietários. Entre os que passam, muitos tiram fotografias com grandes sorrisos. Tentam fixar através da câmara o momento em que também foram felizes numa rua chamada Felicidade. ●

A fiada de casas vai mudando de cor, com o amarelo a dar lugar ao branco e, à nossa esquerda, entramos numa loja de antiguidades que, ao contrário do que seria de esperar, abriu há apenas seis meses

“É-SE FELIZ...





## ...MOMENTANEAMENTE”

Manuel Afonso Costa formou-se inicialmente em Engenharia, profissão que nunca exerceu. Apaixonado pelas Humanidades enveredou antes pelo estudo da História e interessou-se especialmente pelo tema da felicidade. Em entrevista, o poeta e professor da Universidade de Macau analisa a felicidade sob os seus múltiplos prismas

Texto **Paulo Barbosa** | Fotos **Carmo Correia** | Ilustração **Rodrigo de Matos**



**M**anuel Afonso Costa, professor da Universidade de Macau, que se especializou no estudo do conceito de felicidade numa perspectiva europeia. Licenciado em Engenharia, profissão que nunca chegou a exercer, decidiu mais tarde enveredar pelos caminhos da História, interessando-se sobretudo pelo tema da felicidade. “A meio do curso descobri um livro sobre a ideia da felicidade em França, na literatura e no pensamento. Percebi que valia a pena ler sobre aquele tema durante uma vida inteira”, conta. Da pesquisa surgiu uma tese de doutoramento de mil páginas sobre “a ideia de felicidade em Portugal no séc. XVIII” (concluída em 2007 na Universidade Nova de Lisboa).



somos muito maduros. Aí podemos começar a olhar para a nossa vida como um todo. Dizer aos 20 ou 30 anos que se atingiu a felicidade não é possível. Com essa idade não se atinge nada, está-se no caminho de praticamente tudo. Só muito mais para diante é que a pessoa faz o balanço da sua própria vida.

### **NO ÂMBITO DO SEU DOUTORAMENTO ESTUDOU LIVROS DE AUTO-AJUDA, QUE ELENCAM CONSELHOS E FÓRMULAS PARA SE ATINGIR A FELICIDADE. ACHA QUE SÃO ÚTEIS?**

Têm pouca utilidade. Haverá fórmulas e modos de uma pessoa se bater por um ideal como o de felicidade? Isso pode aparecer num guia? Acho que não, de modo nenhum. Dou um exemplo: imagine-se que se dá um livro a um toxicod dependente acerca dos malefícios da droga. É absolutamente certo que nenhum toxicod dependente abandona a droga a partir de uma auto-ajuda desse estilo. Para a questão da felicidade é necessária uma reconversão inteira, íntima. A felicidade não é uma coisa meramente exterior. Por causa das coisas exteriores estou feliz agora e não daqui a bocado. Hoje a vida corre-me bem e amanhã corre-me mal. Por aí a pessoa não vai a lado nenhum. É necessária uma reconversão íntima, uma atitude diferente perante a vida. Essa reconversão não se compadece com guias terapêuticos. É necessário que a pessoa mude estruturalmente e se torne outra pessoa. Outro exemplo: imaginemos um tipo que é estruturalmente hedonista, só se sente bem rodeado de prazer e de confortos e quando não os tem fica inseguro, insatisfeito, parte à procura. Mesmo que o livro diga a esta pessoa que fazer isso é contraproducente, ele não vai deixar de fazer. Só no dia em que for capaz de se reconverter e tornar-se num tipo mais ascético e frugal é que vai entrar no caminho da luta estrutural contra o seu problema.

### **COMEÇAMOS COM UMA ESPÉCIE DE PERGUNTA ETERNA: É POSSÍVEL SER-SE FELIZ?**

Claro. Mas há pessoas que acreditam na felicidade como algo estável e eu não concordo com isso. Um tipo diz: “Eu gostaria de ser bem sucedido”. E pode ser, se fizer tudo o que tem que fazer bem feito. A dada altura consegue ser bem sucedido, ter dinheiro, ter uma boa vida profissional. Pode ter isso durante muitos anos. O mesmo já não acontece com a felicidade, que, do meu ponto de vista, é precária. É-se feliz momentaneamente. Nunca chega a ser um estatuto. É sempre qualquer coisa que está a ganhar-se. Há altos e há baixos. Os gregos diziam uma coisa que é muito sensata. Só se pode fazer o juízo acerca da nossa felicidade quando atingimos uma determinada idade e já

### **MAS AS PESSOAS PODEM FAZER ISSO? PODEM ALTERAR A SUA PERSONALIDADE?**

É complicado. O Albert Camus diz que há uma tirania do temperamento e do carácter. Ou seja, nascemos, de algum modo, como somos e lutar contra isso é quase impossível. A pessoa tem que encontrar o tal caminho que procura tendo em conta o seu modo de ser. Posso ser expansivo e, no entanto, ser capaz de controlar as minhas pulsões.



“Não existe uma felicidade em termos étnicos. Não há nenhuma raça que tenha vocação para uma felicidade particular”

**ESTUDOU TAMBÉM A QUESTÃO ETIMOLÓGICA DO TERMO FELICIDADE. CADA IDIOMA TEM UMA PALAVRA PARA DESIGNAR A FELICIDADE. ISSO REFLECTE-SE NA MANEIRA COMO OS POVOS E AS CULTURAS ENCARAM O ASSUNTO?**

Penso que não. Estudei a ideia de felicidade também na perspectiva da etimologia das palavras que designam a felicidade, tanto para os gregos como para os latinos e para as línguas modernas. Mas fi-lo mais para descobrir os invariantes estruturais. Os ingleses têm a palavra *happiness*, que vem do verbo *to happen* (acontecer). A felicidade aí aparece designada como qualquer coisa que nos acontece. Tem ligação a uma concepção de felicidade nos gregos que era a *eutopia*, ou seja, uma boa fortuna que nos aconteceu. A *happiness* traduz uma concepção de felicidade que é um bocado oscilante, precária e fortuita. Em francês, *bonheur* significa bom augúrio, tem também um carácter ocasional. Mas a palavra *felicity*, - ou *felicité*, ou felicidade - tem o radical *felix*, que não tem nada a ver com *happen* ou com augúrio. *Felix* é algo de constitutivo, uma expansão íntima do ser para uma espécie de locupletação de bem-estar, harmonia e equilíbrio. Já é qualquer coisa que a pessoa pode alimentar e não tem esse carácter fortuito. Diria que em todas as línguas existem declinadas as várias concepções possíveis de felicidade.

**NÃO LHE PARECE, PORTANTO, QUE SE POSSA DEFENDER QUE A FELICIDADE TEM UMA RAIZ ÉTNICA?**

Para mim, não existe uma felicidade em termos étnicos. Não há nenhuma raça que tenha vocação para uma felicidade particular. Por exemplo, tenho andado a ler poetas chineses e verifico que eles promovem um sentido do bem-estar e da harmonia existencial que é em tudo semelhante aos poetas gregos e latinos clássicos. Há o equivalente do *carpe diem* (desfruta o dia) e da vida retirada e da *aurea mediocritas* (meio termo) nos poetas chineses. A alma humana é uma invariante, tanto faz que seja nascida no Ocidente, no Oriente, no Leste ou no Sul. Há

elementos que são estruturais e estruturantes. Mas há duas formas fundamentais de ligação à existência e de concepção de felicidade. Isso aparece em várias obras. O autor francês Jean Cazeneuve escreveu um livro que foi muito importante para mim, que se chama *Felicidade e Civilização*, onde estabelece uma dicotomia de povos com orientações existenciais antagónicas. Tal como o Nietzsche fez na *Origem do Espírito Trágico*, ele elenca o apolíneo e o dionisiaco.

**HÁ POVOS EXPANSIVOS E OUTROS COM TENDÊNCIA PARA A MELANCOLIA?**

Esses estudos incidiram sobre povos da América Central. Verificaram que há povos que têm um comportamento estruturalmente apolíneo. São muito moderados, equilibrados e serenos. Não são exaltados, não toleram no seu grupo pessoas que procurem protagonismo. Cultivam uma mediania, quase diríamos, uma mediocridade. Em contrapartida, quase no mesmo espaço físico havia uma tribo em que os indivíduos eram exaltados, efervescentes e só sentiam que existiam verdadeiramente através do excesso. Já nos gregos aparece essa dicotomia entre a moderação e o excesso. Os outros [apolíneos] aceitaram quando foram dominados pelos brancos. Desde que não os chateassem, eles ficaram lá a fazer a vida deles e não sofreram muito. Os dionisiacos tiveram quase um paroxismo auto-destrutivo, porque não conseguiam assumir aquela estrutura de dominação.

**PARECE-LHE QUE OS CHINESES SÃO UM POVO MAIS CONTIDO, COM AS CARACTERÍSTICAS APOLÍNEAS QUE REFERIU?**

Isso eu penso. De qualquer maneira, os chineses não têm nada que não exista no Ocidente e vice-versa. Enquanto que nalguns países europeus predomina o sentido da moderação e da tolerância, outros povos da Europa são mais exacerbados e têm comportamentos mais irracionais. A tradição da China vai no sentido dessa moderação. Parece-me que não é um povo muito exaltado em termos emocionais.



## **ESTUDOU TAMBÉM AS CONCEPÇÕES DE FELICIDADE QUE EMANAM DAS DOCTRINAS RELIGIOSAS...**

Não sou crente e há alguns amigos acharam até estranho que, no âmbito da minha reflexão, tivesse uma incidência tão grande no fenómeno religioso. Fi-lo porque a civilização ocidental é marcada pela Bíblia. É um texto incontornável e mesmo as pessoas que não são religiosas foram educadas segundo os valores éticos e morais que são estruturantes do pensamento religioso. Coloquei sempre esta questão: Será possível que o mal e a felicidade possam ser compatíveis? Como é possível haver felicidade num mundo dominado pelo mal? O século XX foi um século de progresso, de democracia e de liberdade, mas conheceu alguns dos momentos mais malignos, no sentido de um mal radical, organizado, científico e brutal.

## **HÁ UM ESCAPE RELIGIOSO PARA ILUDIR ESSA PREVALÊNCIA DO MAL?**

Sabemos que a religião tem tendência a desvalorizar a felicidade terrena e a valorizar uma felicidade projectada num tempo futuro. Nesse sentido, a tensão na Europa, em termos intelectuais, foi permanente. De um lado aqueles que acham que não faz sentido levar uma vida de sacrificio, às vezes até infeliz, para poder merecer uma vida feliz numa outra dimensão, do outro aqueles que acham que é isso que faz sentido, porque esta vida é ilusória. O Ricardo Reis [heterónimo de Fernando Pessoa] diz “circunda-te de rosas, ama, bebe e cala; o mais é nada”. Podemos achar que esta vida é uma ilusão e, se for assim, há uma saída religiosa para este tipo de interpretação, mas também pode haver uma saída hedonista, que é “esta vida é assim e não há outra, portanto o que tenho que fazer é viver o melhor e o mais intensamente possível o dia que passa”.

## **E QUANTO ÀS IDEOLOGIAS POLÍTICAS?**

Em termos de ideologias, só aparece uma separação nítida entre a felicidade individual e colectiva quando o individualismo se tornou o centro do palco, o que só aconteceu na modernidade. Antes disso podemos aplicar o paradigma corporativo e orgânico. As pessoas estavam sempre inseridas num grupo que as legitimava. Todas as correntes do Direito

“Enquanto que nalguns países europeus predomina o sentido da moderação e da tolerância, outros povos da Europa são mais exacerbados e têm comportamentos mais irracionais. A tradição da China vai no sentido dessa moderação”

moderno, a partir do século XVII, enfatizam que há um bem individual e um bem comum, uma felicidade privada e uma felicidade pública. Num outro quadro aparecem as ideologias, como o marxismo e o liberalismo, que, no fim de contas, projectam a felicidade para um além. Não defendem tanto uma felicidade aqui e agora, mas num futuro. O futuro que, para a Igreja, é após o juízo final; para o marxismo, por exemplo, era a sociedade sem classes. Duas gerações ou três foram sacrificadas a uma felicidade e no futuro e não a tiveram no tempo em que viveram. São ideologias que hipotecam a felicidade das pessoas em troca de uma promessa de felicidade. ●

# A FELICIDADE



\* Paulo Cordeiro

## **ANA CRISTINA ALVES**

Doutorada em Filosofia  
(Filosofia da Cultura Chinesa)

Ilustração **Rodrigo de Matos**

### **A FELICIDADE NA RELIGIÃO POPULAR CHINESA: A DIVINDADE DA FELICIDADE**

**H**averá categoria mais difícil de definir do que a de felicidade?

Ela varia consoante as pessoas. Para aqueles que apostam forte na matéria, a felicidade depende obviamente de se ter muitos bens materiais. Para aqueles que optaram pelos bens intelectuais, a

felicidade deve-se a vastos conhecimentos, grandiosas bibliotecas sempre à mão, melhor ou pior, informatizadas. Os que seguem uma via religiosa, encontram-na na religião, mais ou menos ascética, à divindade ou divindades da sua predileção. Os que se comprometem com uma via espiritual crêem que ela pode estar na concentração e desenvolvimento das forças mentais.



## SOCIEDADE

A felicidade também varia consoante as culturas. Onde procuram os chineses a felicidade? Com a devida ressalva relativamente a generalizações, existem de facto tendências culturais que marcam uma determinada postura facilmente identificável com este ou aquele povo. Aceitando o pressuposto de que a felicidade é uma categoria simultaneamente pessoal e cultural, encontramos-na na China na filosofia religiosa, popular e erudita, e também noutras filosofias mais mundanas, como a confucionista. Nas crenças populares, ela pertence a uma divindade estelar, *Fu* (福), a da Felicidade, que se insere numa trilogia, composta ainda pela Dignidade, *Lu* (祿), e pela Longevidade, *Shou* (壽). Analisando a representação das três divindades estelares, surge-nos em primeiro lugar a Felicidade trajada a vermelho, com uma criança ao colo. Segue-se a Dignidade em tons acastanhados, com um *ruyi* (如意), que representa a concessão de todos os desejos, sendo símbolo de poder e de elevado estatuto social. E por último a Longevidade, em tons verdes, de longas barbas brancas, cujo símbolo é o pêssego da imortalidade. Do ponto de vista da religião popular, e numa leitura possível, a felicidade é uma categoria relativa, inserindo-se num grupo onde se constitui a felicidade absoluta. Esta para o chinês espontâneo significa ter uma família constituída, a fim de poder assegurar a sua descendência;



\* Nas crenças populares, existem três divindades estelares que guiam a filosofia chinesas: *Fu* para a felicidade, *Lu* para a Dignidade e *Shou* para a longevidade

possuir um bom cargo social, que lhe confira estatuto, poder e riqueza; e, ainda, saúde e vida longa, para poder usufruir da grande alegria que é estar vivo.

Quanto a *Fu*, a felicidade, em termos relativos, representa um conjunto de aspirações que incluem por tradição uma numerosa prole masculina e um forte desejo de prosperidade, condição de possibilidade de uma vasta família. Vejamos alguns dos votos de felicidade mais utilizados pela altura do Ano Novo Chinês, em rolos e xilogravuras, denominadas *Nian-hua* (年畫).

Entre os votos de felicidade, distinguem-se: Cinco Crian-

ças Lutam por Sementes de Lótus (五子奪蓮), sendo um rogo para obter continuidade de crianças do sexo masculino. Por tradição, há ainda uma outra expressão, que apela directamente à Divindade *Kui* (*Kui Xing* 魁星), também conhecida por Divindade Proeminente. O trocadilho entre *kui* (魁) de proeminente e *gui* (貴) de nobre, conduz a um outro voto. Ei-lo: nobre descendência nascer continuamente (貴子蓮生), que se enquadra perfeitamente na matriz da mentalidade chinesa. Entre os votos para o encontro da felicidade na descendência masculina, há um muito expressivo, onde as crianças surgem montadas e ao colo



como o boi. Uma associação muito frequente é a das crianças com as flores das quatro estações do ano que se segue, ou numa leitura mais alargada, que elas possam caminhar bem e felizes a vida inteira. Vemo-las na gravura: crianças rechonchudas com flores das quatro estações (四季花開), numa aspiração a que atravessassem felizes os tempos naturais, do Inverno representado pela flor da ameixeira, do Verão pela flor de lótus, do Outono pelo crisântemo e da Primavera pela magnólia. Não menos usual é a relação entre as crianças, a prosperidade e a abundância, num voto a que riqueza e a nobre descendência nunca sejam demais (富貴有餘), sendo a riqueza figurada pelo peixe (yu 魚) dourado, cujo carácter é homófono do de excesso (yu 餘).

Para o chinês espontâneo, felicidade significa ter uma família constituída, a fim de poder assegurar a sua descendência; possuir um bom cargo social, que lhe confira estatuto, poder e riqueza; e, ainda, saúde e vida longa, para poder usufruir da grande alegria que é estar vivo

\* Gravura Crianças rechonchudas com flores das quatro estações (四季花開)

de um servo de *Qilin* (麒麟), o animal mitológico que personifica a máxima benevolência, sendo o seguinte: Qilin Concede Descendência Masculina (麒麟送子). Esta relação entre o Qilin e as crianças do sexo masculino ficaria estabelecida numa lenda, na qual se conta que pouco antes do nascimento de Confúcio surgiu na terra um *Qilin* que deixava escapar da boca livros em jade. Há ainda outros votos de felicidade, mais abrangentes, com belas mulheres e meninos, ou com crianças de ambos os sexos, rodeando por exemplo o Buda que Ri (笑佛) e, ainda, aparecendo montadas noutros animais,



# A FELICIDADE NA FILOSOFIA TRADICIONAL CHINESA

## A FELICIDADE NA FILOSOFIA TAOÍSTA

A felicidade para um taoísta é, como nos conta Zhuangzi (莊子), vagarear em absoluta liberdade. O santo é aquele que percorre o caminho de volta a casa, ou melhor de regresso ao Tao (道), pois desde que nasceu, mais não fez que se distanciar dele. A felicidade ao nível do nosso mundo traduz-se no comportamento espontâneo do recém-nascido. Diz-nos Laozi (老子) no Tao Te Jing (《道德經》), que é necessário cultivar uma postura meditativa, onde os exercícios respiratórios viabilizem a purificação do organismo, a fim de se regredir ao estado de recém-nascido (capítulo 10): «Podes cultivando o teu sopro, torná-lo suave como o de um recém-nascido?» (結聚精氣以致柔順，能像無欲的嬰兒吧？). A finalidade a atingir é, em termos do mundo espiritual, a criação de uma criança, sim, mas mental. Será pela hábil conjugação das energias feminina yin (陰) e masculina yang (陽), que, numa transmutação interior, se realiza a criação do embrião espiritual, conduzindo à grande longevidade e mesmo

à imortalidade do praticante. As crianças deste mundo são substituídas por outras da mente de cada um, os halos, porque são projecções imagéticas santificadas. A verdadeira felicidade é atingida mais uma vez por meio de crianças, mas estas são especiais, uma vez que possuem o estatuto de embriões espirituais. Só alcança estes filhos

da mente quem tiver o coração purificado e o corpo submetido a exercícios respiratórios eficazes. Vejamos então como é possível a procriação espiritual na Alquimia Interior, descrita em *Tabuleta de Cem Caracteres do Ancestral Lü*, apresentada por Thomas Cleary em *Vitality Energy Spirit. A Taoist Sourcebook* (1991: 185):

*Nutre a energia, esquece as palavras e guarda-a.  
Conquista a mente, pratica a não-acção.  
Conhece a fonte progenitora, na actividade e na quietude.  
Se não há nada, a quem devo procurar?  
A verdadeira constância responde às pessoas;  
Ao responder às pessoas, é essencial não nos deixarmos baralhar.  
Quando não nos deixamos confundir, a natureza é espontaneamente estável;  
Sendo a natureza estável, a energia espontaneamente retorna.  
Com o regresso da energia, o elixir espontaneamente cristaliza.  
Na vasilha emparelha a água e o fogo.  
O yin e o yang ascendem, alternando constantemente.  
Por todo o lado se produz o som do trovão.  
Nuvens brancas se reúnem no pico.  
O doce orvalho banha a montanha polar.  
Quando bebemos o vinho da longevidade,  
vagueamos livres. Quem nos poderá conhecer?  
Sentamo-nos e ouvimos o tom sem cordas.  
Compreendemos claramente o mecanismo da criação.  
O todo formado por estes vinte versos  
é uma escada para o céu.*

Resumindo, os passos para a felicidade no pensamento taoísta, crente e empenhado são: a prática da quietude; o esvaziamento da mente e a sua purificação; a procura e recolha das energias que nos atravessam o corpo; o casamento ou harmonização das energias, primeiro ao nível do ventre, depois do coração e, por fim, na mente, de modo a permitir a projecção da imagem ou do embrião espiritual. Sendo assim alcançada a felicidade de ascender ao céu dos imortais, enquanto se vagueia entre o céu e a terra, de um modo frugal e simples, como uma criança.



Os passos para a felicidade no pensamento taoísta, crente e empenhado são a prática da quietude; o esvaziamento da mente e a sua purificação; a procura e recolha das energias que nos atravessam o corpo; o casamento ou harmonização das energias, primeiro ao nível do ventre, depois do coração e, por fim, na mente, de modo a permitir a projecção da imagem ou do embrião espiritual

### **A FELICIDADE NA FILOSOFIA CONFUCIONISTA**

A felicidade para a tradição confucionista reside, do ponto de vista prático, no acordo e adaptação às crenças populares e ao culto dos antepassados, sendo para tal muito importante

a constituição de uma família, regida por virtudes ético-morais, entre as quais se destacam a benevolência e a piedade filial. No seio da família, os homens têm um papel modelar, pois a eles se liga a primeira virtude confucionista, que é a benevolência, ficando

reservado para as mulheres o sentimento compassivo e a virtude da obediência. O papel dos filhos masculinos é determinante, porque além de poderem prestar culto aos antepassados, e desta forma assegurarem a protecção da família, têm ainda acesso à educação, que os poderá transformar em cavalheiros ou homens de estado. A felicidade reside na capacidade de se cultivar a doutrina do Meio (中庸), o que implica possuir todas as emoções em equilíbrio e é um objectivo extraordinariamente difícil de alcançar. Confúcio disse: «A Doutrina do Meio é o supremo princípio, mas infelizmente as pessoas raramente compreendem isto» [中庸·鮮)孔子說：“中庸可以說是最高的原則，可惜人們已經是久不知道這道理了。】”.

O cultivo da via do Meio só é possível quando o cavalheiro dá o exemplo, pelo facto de manifestar um coração benevolente e educado. Ele poderá ter uma natureza superior, mas deve aperfeiçoá-la ao longo da vida, por meio do estudo, a fim de poder governar a sua família e o país. A felicidade encontra-se na capacidade de um homem estabelecer uma casa feliz e de a comandar, bem como, por alargamento da esfera de acção, às restantes. Ser feliz, não significa perder a postura séria nem a compostura ética. Feliz é aquele que consegue servir de exemplo aos outros, adoptando uma atitude grave e solene. Num dos Clássicos da tradição confucionista, o *Grande Estudo*, cita-se um outro, o *Livro dos Cantares*, a fim de desenvolver esta ideia. Diz o *Livro dos Cantares*: «Ambos os irmãos mais velho e mais novo estão felizes.» Só quando estão felizes, eles podem educar o povo. E continua: «A aparência de um homem deve ser solene e séria. Ele deve ser um exemplo para os outros». Só quando o pai, o filho, ou o irmão se comportam como modelos, lhes segue o povo o exemplo. O que significa que o governo do estado depende da educação da família [(大學·治國章)《詩經·小雅·蓼蕭》說：“兄長歡愉，弟弟歡愉”兄弟都歡愉，然後才能教化國人。《詩經·曹風·鳴鳩》說：“儀容威嚴端莊，足以為四方的表率。”無論是作為父親，作為兒子，還是作為兄長，作為弟弟都堪稱為典範，然後民衆才能效法他們。這就叫做治國在於整齊其家。].

A tradição confucionista e, sobretudo, a neoconfucionista, distinguem bem entre os dois tipos de felicidade possível, ambos desenvolvidos a partir da noção de piedade filial. Há um bem-estar espontâneo, sentido por via materna e na relação de sentimento que se estabelece com a mãe e por arrasto com todas as mulheres; porém este não possui qualquer valor se a alegria não for domesticada, controlada e colocada ao serviço de ideais superiores, como sejam a orientação da família e o governo da pátria. No Capítulo 13 do *Clássico da Piedade Filial* (《孝經》), intitulado a *Amplificação da «Virtude Perfeita»* do Capítulo 1, depois de nos ser comunicado que o homem superior, categoria central desta filosofia, é um exemplo vivo da virtude da piedade filial, recorre-se ao *Livro dos Cantares* para definir um soberano feliz: «O Soberano feliz é o pai do povo» (Barnhart, 1993:132), consistindo então a felicidade em transformar a casa numa pátria e esta num lar. Quando se dá a plena identificação entre o domínio familiar ético-moral e o político, é atingida a felicidade suprema ou absoluta.

A tradição confucionista e, sobretudo, a neoconfucionista, distinguem bem entre os dois tipos de felicidade possível, ambos desenvolvidos a partir da noção de piedade filial

### **A FELICIDADE NAS REPRESENTAÇÕES POPULARES DO BUDISMO CHINÊS**

A felicidade búdica consiste em seguir mimeticamente o modelo existencial de Shakyamuni, cultivando assim a Via do Meio. Porém o Budismo quando chegou à China, adaptou-se à mentalidade local, tendo dado origem ao Budismo da Meditação (chan 禪), considerado o mais tipicamente chinês, bem como ao culto do seu patrono, Avalokitesvara. Bodhidharma é o fundador terreno desta escola, que terá chegado ao Império do Meio, via Índia ou Ásia Central, pelo século VI, durante a dinastia Liang (502-557). O seu exemplo de simplicidade e meditação foi seguido ao longo dos séculos por religiosos e leigos, ou seja, por ascetas e pelo comum dos mortais. Avalokitesvara transformou-se na China na Bodhisattva da Compaixão, conhecida pelo nome de Guanshiyin (觀世音) ou Guanyin (觀音) no Norte e, como todos sabemos, em Macau pelo de Kun Iam. É a esta divindade de infinita misericórdia que as chinesas recorrem para pedir

descendência especialmente masculina, sendo conhecida nesta metamorfose pela Bodhisattva que Concede Filhos (送子觀音). E ainda que a filosofia budista de raiz não tenha muito a ver com as alegrias e bem-estar deste mundo, considerado filosoficamente ilusório e religiosamente dominado pelo sofrimento, doença e morte, a verdade é que ao sinizar-se o Budismo da Meditação, se transmuta também para poder expressar os sentimentos mais genuínos dos crentes. Por isso a expressão máxima da compaixão fica encarregue de satisfazer a aspiração tradicional de numerosa prole masculina. Haverá maior felicidade terrena para as famílias chinesas do que ter uma casa cheia de crianças a brincar e a estudar por entre familiares, umas vezes rígidos, outras bonacheirões? Quanto à felicidade espiritual ou absoluta, essa será obtida em vida pelo cultivo do coração Buda, por recurso à via do meio; na morte com a entrada num qualquer paraíso Buda, sendo o mais popular, a Terra Pura (jingtú 淨土), também conhecida pelo nome de Paraíso do Oeste. Retomando o fio à meada, e para desembaraçar argumentos, deixo-vos com o meu sentir espontâneo do que pode ser a felicidade para os chineses:

### FELICIDADE PARA UM CHINÊS

A felicidade para um chinês  
É ter muitos filhos,  
Pelo menos três.  
Todos em tom cortês,  
de muito boa rês.

A felicidade para o chinês  
É o que ele vê,  
nas linhas do coração  
da criança a quem dá a mão.

A felicidade também está na muita idade,  
E na calma de um corpo,  
desfrutado sem maldade.



### Bibliografia

Barnhart, Richard M. 1993.

*Li Kung-lin's Classic of Filial Piety*. New York: The Metropolitan Museum of Art

Chuan Yunlong (傅云龍) (org) 1996. 大学·中庸·*The Great Learning. The Doctrine of Mean* (汉英对照). Beijing: Sinolingua

Cleary, Thomas. 1991.

*Vitality Energy Spirit. A Taoist Sourcebook*. London: Shambala Dragon Editions

Grace Lei, Roy Sit. 2007.

《迎新接福，一紙萬象·楊柳青年畫展》*Votos de Felicidade. Gravuras do Ano Novo Chinês de YangliuQing*.

Macau: Instituto Cultural do Governo da R.A.E de Macau

Jorge, Cecília. 2005. 《諸神靈》*Deuses e Divindades. Gods and Deities*. Macau: Correios de Macau

Laozi (老子). *O Livro de Tao. Tao Te Ching* (道德经). Trad. João C. Reis e Maria Helena O. Reis. Macau: Edições Mar-Oceano – Macau. 1998

Lu K'uan Yü. *Taoist Yoga. Alchemy & Immortality*. York Beach, Maine: Samuel Weiser, Inc. 1973

Lu K'uan Yü. *The Secrets of Chinese Meditation*. York Beach, Maine: Samuel Weiser, Inc. 1994 ●

# UNIÃO BEM-SUCEDIDA

Vão ser mil milhões de dólares disponíveis para fomentar o desenvolvimento das nações que falam português. O Fundo de Desenvolvimento para a Cooperação entre a China e os Países de Língua Portuguesa pretende atribuir a primeira leva de apoios financeiros ainda este ano, a pensar na criação de *joint-ventures* entre empresas chinesas e lusófonas e na melhoria das condições de vida de 250 milhões de pessoas unidas pela mesma língua

Texto **Vanessa Amaro** | Fotos **António Mil-Homens**

A promessa do primeiro-ministro chinês, Wen Jiabao, em Novembro de 2010, ganhou novos contornos no final do mês de Março, com a concretização do Fundo de Cooperação para o Desenvolvimento entre a China e os Países de Língua Portuguesa. Os mil milhões de dólares garantidos pelo Governo da República Popular vão beneficiar a criação de parcerias entre empresas chinesas e lusófonas, apostando sobretudo na construção de infra-estruturas que podem vir a beneficiar uma população total de 250 milhões de pessoas em sete países onde o português é a língua oficial. De Macau chegam, numa fase inicial, 50 milhões de dólares.

O mecanismo financeiro vai ter uma gestão bicéfala, sob a responsabilidade do Fundo de Desenvolvimento Industrial e de Comercialização de Macau – criado pelo Governo da RAEM – e do Banco de Desenvolvimento da China, através

da sua subsidiária CBD Capital. Juntos, os dois organismos assumem-se como financiadores do Fundo de Cooperação, em que 800 milhões de dólares vão estar disponíveis para empréstimos, enquanto os restantes 200 milhões destinam-se a fundos de capital.

Espera-se que até ao fim deste ano o Fundo de Cooperação possa atribuir os primeiros montantes. Segundo Francis Tam, secretário para a Economia e Finanças de Macau, o mecanismo está registado nas Ilhas Cayman e a intenção é acelerar os trabalhos que para o fundo esteja capitalizado antes de 2013. “Este Fundo foi uma das importantes medidas anunciadas pela China durante a terceira Conferência Ministerial do Fórum Macau, em 2010, com o papel de conceder empréstimos mais vantajosos aos países membros do Fórum e ajudar essas nações na formação de dirigentes e pessoal técnico”, explicou o secretário.





\* Gao Yan, directora adjunta do Gabinete de Ligação do Governo Popular Central na RAEM, e Chang Hexi, secretário-geral do Fórum Macau, selam o Memorando de Entendimento para a Cooperação

## DUPLA VANTAGEM

Na sessão de apresentação do Fundo, que contou com a presença de mais de 150 personalidades, entre as quais o vice-ministro chinês do Comércio, Jiang Zenghei, o director-geral do CBD Capital, Zhang Xuguang, ressaltou que o objectivo é “atender ao benefício socioeconómico com atenção especial para a melhoria da capacidade dos países de expressão portuguesa”. Os montantes vão ser investidos sobretudo na construção de infra-estruturas, transportes, telecomunicações, agricultura, energia e recursos naturais, áreas de interesse comum entre a China e os países lusófonos.

Empresas chinesas e aquelas constituídas nos países de língua portuguesa podem pedir apoio a título individual para investimento ou criar *joint-ventures* que dinamizem as relações bilaterais. O único pré-requisito é que sejam firmas com boa previsão de lucros e fluxo de caixa estável.

“Além do investimento directo nas empresas com características de cooperação entre a China e os países de língua portuguesa, o Fundo pode ainda aprofundar a cooperação económica e comercial através da constituição de parcerias nos respectivos países, visando alcançar a finalidade de dupla vantagem: ‘da sua parte existo eu, da minha parte existe você’”, esclareceu Zhang Xuguang.

Não há restrições aos tipos de investimentos, com excepção do mercado imobiliário – o Fundo não poderá jamais atribuir fundos de investimentos para imóveis, nem poderá ter o papel de fiador imobiliário. Cabe a cada país definir a sua lista de prioridades e fazer uma pré-triagem dos projectos a serem apresentados. As entidades gestoras terão, contudo, autonomia para escolher aqueles mais adequados, sem qualquer tipo de intervenção no desenvolvimento das ideias. Os riscos do investimento ficam a cargo do

## COOPERAÇÃO

“

O Fundo visa dar apoio financeiro às empresas da China e dos países de língua portuguesa na exploração de mercados, aumentar a competitividade global das empresas e a escala de investimentos”

**ZHANG XUGUANG, DIRECTOR-GERAL DO CHINA DEVELOPMENT BANK CAPITAL CORPORATION LTD.**

CBD Capital e do Fundo de Desenvolvimento Industrial e de Comercialização de Macau. Os delegados destacados no Fórum Macau ficam encarregues de acompanhar a aplicação do investimento.

O investimento inicial de mil milhões de dólares estará disponível por cinco anos, esperando-se que nos cinco anos seguintes haja recuperação de capital. Assim que o dinheiro é atribuído, o Fundo de Cooperação passa a ser accionista directo nas empresas não cotadas em bolsa. O financiamento supõe também que o CBD preste consultoria financeira no âmbito de fusões, aquisições e pacotes de financiamento.

Para o vice-ministro do Comércio da China, Jiang Zengwei, o Fundo de Cooperação traduz-se num ponto de partida para explorar novos âmbitos de investimento e fortalecer a cooperação económica e comercial entre a China e os países lusófonos.

### 中國國家開發銀行與中國-葡語 常設秘書處合作備

Cerimónia de Assinatura do Memorando de Entendimento  
Banco do Desenvolvimento da China e o Secretariado de  
Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa

2012年3月27日  
中國·澳門



## RELAÇÕES PRÓSPERAS

As trocas comerciais em crescimento e os múltiplos negócios milionários permitem revelar a crescente importância da China para as economias de Portugal, Angola, Moçambique ou Brasil. Ao entrar em 2012, o espaço de língua portuguesa mostrou-se quase imune às adversidades, tendo as trocas comerciais entre a China e os “oito” superado a meta de 100 mil milhões de dólares traçada para 2013 pelo primeiro-ministro da China, Wen Jiabao.

Dados dos Serviços da Alfândega da China mostram que as trocas entre a China e os países de língua portuguesa fecharam 2011 com um aumento de 28 por cento em relação a 2011, cifrando-se nos 117,2 mil milhões de dólares.

O ano terminou com um dos negócios mais sonantes de sempre entre a China e um país de língua portuguesa, a entrada da China Three Gorges Corporation (CTG) na EDP – Energias

## O MAIOR DA CHINA

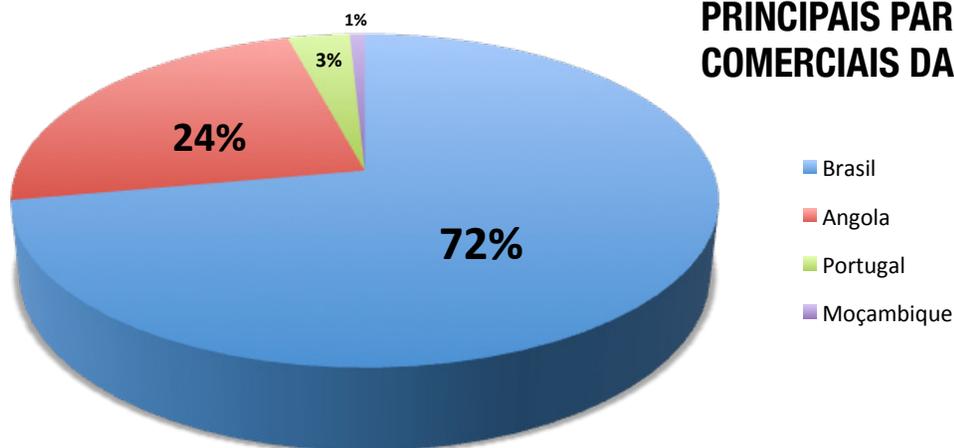
O Banco de Desenvolvimento da China é a principal instituição financeira do país na área de investimentos e financiamentos a médio e longo prazo. Os seus activos rondam os 6 biliões de yuans, o que faz do banco o único de grande dimensão a prestar serviços financeiros integrados no âmbito de investimentos. Tem 34 sucursais espalhadas pela China e representações em 40 países. Em 2011, foi o banco chinês que mais empréstimos concedeu em moeda estrangeira, atingindo os 210 mil milhões de dólares. Além disso, é a segunda maior emissora de obrigações da China, a seguir ao Ministério das Finanças, registando uma classificação de crédito “quase-soberano”.

## 論壇(澳門) 簽署儀式

entendimento para a Cooperação entre o  
Secretariado Permanente do Fórum para a  
e os Países de Língua Portuguesa (Macau)

27 de Março de 2012  
Macau • China





de Portugal, uma importante injeção de capital (12 mil milhões de dólares) mas também de confiança na economia de Portugal, que atravessa uma crise prolongada. A CTG prevê investir em conjunto com a EDP em novos projectos no mercado brasileiro, mas sem afectar a composição accionista da EDP Brasil. Já na recta final de 2011, o grupo China Petroleum & Chemical Corporation (Sinopec) acordou a tomada de uma participação de 30 por cento na subsidiária brasileira do grupo português Galp Energia, Petrogal Brasil, operação a realizar através de um aumento de capital de 4,8 mil milhões de dólares.

Se no caso de Portugal a crise trouxe urgência na atracção de investimento e financiamento, a China surge como parceiro natural para países que dele carecem para sustentar o potencial de crescimento das suas economias, como Brasil, Angola e Moçambique.

Segundo economistas da *Economist Intelligence Unit*, os mais recentes acordos de cooperação entre Angola e a China demonstram uma trajectória de aproximação e crescente interdependência económica entre os dois países, fazendo com que Angola seja hoje o principal parceiro comercial da China em África. A China Sonangol obteve participações em quatro dos 11 blocos do pré-sal angolano recentemente licenciados para exploração, que no total deverão implicar um investimento de perto de 1,32 mil milhões de dólares.

## DETALHES DO FUNDO DE COOPERAÇÃO

**US\$ 1000 milhões** Dimensão total

**US\$ 200 milhões** Investimento inicial

**US\$ 50 milhões** Investimento inicial da RAEM

**10 anos** Duração do investimento inicial (cinco anos para investimento e cinco para a recuperação de capital)

**Infra-estruturas** Foco de investimento, especialmente nas áreas de transportes, telecomunicações, energia, agricultura e recursos naturais

**Empresas estáveis** Alvo dos investimentos

**7 países** Empresas de Angola, Brasil, Portugal, Moçambique, Timor-Leste, Guiné-Bissau e Cabo Verde podem candidatar-se

**Imóveis** Exclusão de financiamento

**Comissão** Instituição decisória conta com profissionais designados pelo Banco de Desenvolvimento da China e da empresa administradora

Sinal da importância crescente de Angola para a China foi a visita em 2010 a Luanda de Xi Jinping, vice-presidente da China, que esteve no projecto habitacional Kilamba Kiaxi, onde o grupo de construção civil chinês CITIC está a construir 20 mil apartamentos.

Visitas de alto nível foram também a do presidente de Moçambique, Armando Guebuza, a Pequim, onde se avistou com o seu congénere chinês, Hu Jintao, e assinou mais de dez acordos nas áreas financeira, económica, técnica e social. Entre muitos outros projectos na agricultura e indústria, Moçambique está a assistir ao início de vários projectos para fábricas de cimento, incluindo três de empresas chinesas, que vão permitir triplicar a produção da matéria-prima em apenas dois anos.

O Brasil, principal parceiro comercial da China no espaço de língua portuguesa e um dos maiores do mundo, continua a ser um íman para o investimento chinês, nomeadamente no sector automóvel, e são cada vez mais os projectos a juntarem empresas dos dois países. ●

“

A criação do Fundo dá resposta às necessidades de um melhor desenvolvimento de cooperação no âmbito financeiro ao qual a China e os países de língua portuguesa prestam importância”

**FRANCIS TAM,  
SECRETÁRIO PARA A  
ECONOMIA E FINANÇAS DA RAEM**



\* Chang Hexi, secretário-geral do Fórum Macau, considera que o mecanismo bilateral irá apoiar a internacionalização das empresas chinesas no âmbito da lusofonia

# COOPERAÇÃO ATRAVÉS DA ADVOCACIA

A abordagem à China da sociedade de advogados portuguesa PLMJ começa a dar frutos positivos. O seu sócio fundador, Luís Sáragga Leal, acredita que “os grandes grupos chineses têm toda a vantagem em investir em Angola e Moçambique em associação com grupos portugueses”. O Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa é a força motriz

Texto **Patrícia Lemos** | Fotos **Paulo Cordeiro**, em Portugal





“Os grandes grupos chineses têm toda a vantagem em investir em Angola e Moçambique em associação com grupos portugueses”. Esta foi uma das mensagens que o sócio fundador da sociedade de advogados portuguesa PLMJ, Luís Sáragga Leal, passou na China aos empresários locais para potenciar negócios da lusofonia. E sublinhou ainda “o relevante papel” que está a ter o Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China os Países de Língua Portuguesa.

## **QUAL É A PARCERIA QUE A PLMJ ESTABELECEU EM MACAU E NA CHINA?**

Em Macau, a parceria com a DSL Lawyers já dura há mais de quatro anos e recebeu, recentemente, um forte incentivo e um reforço da sua dinâmica no contexto da nossa visita à China e da parceria que temos com um escritório de advogados chinês em Pequim, chamado Dacheng Law Offices. É o maior da China, com quase 2000 advogados instalados em cerca de 30 cidades e tem uma dinâmica muito grande de crescimento e internacionalização.

## **QUANDO É QUE SURTIU A PARCERIA COM A DACHENG?**

A nossa relação com a Dacheng data de há quase três anos, altura em que começámos a discutir a possibilidade de criar uma parceria. No Verão de 2010, esta relação teve um primeiro salto qualitativo quando deslocámos uma das nossas associadas seniores para trabalhar nos escritórios da Dacheng em Pequim. Actualmente é a Rita Assis Ferreira que coordena a Portuguese Desk na Dacheng, onde trabalha ainda o associado Peter Jiang, que é um advogado chinês. Inclusivamente, já começamos a sentir alguns resultados positivos e surge muito trabalho advindo desta parceria. É na sequência desta dinâmica acelerada com a Dacheng que fiz um périplo pela China no ano passado, tendo estado em Pequim, Hong Kong e Macau. Em Macau, estive com os nossos parceiros da DSL e ainda com Rita Santos, coordenadora do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, com outras instituições e membros do Governo da RAEM. Estive apenas cinco dias em Macau, o que foi pouco.

## **DURANTE A SUA VIAGEM NA CHINA ENCONTROU-SE COM EMPRESÁRIOS INTERESSADOS EM INVESTIR NOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA. EM QUE CONSISTIRAM ESSAS REUNIÕES?**

Uma das mensagens que tentei passar nesta viagem é a de que os grandes grupos chineses têm toda a vantagem em investir em Angola e Moçambique, em associação com grupos portugueses. Na sua relação com estes países, a China deve fazer projectos inter-relacionando-se com as economias e populações locais. Há

“A China deve fazer projectos inter-relacionando-se com as economias e populações locais [dos países lusófonos]”

que recrutar pessoas destes países, treiná-las e fazer associações com empresas locais. Se, porventura, não houver empresas angolanas ou moçambicanas com o perfil, a qualidade, a dimensão, a experiência para essas *joint-ventures*, há certamente empresas portuguesas que têm essas características e que já lá estão. Além disso, são privilegiadas porque falam a mesma língua e têm uma história comum de cinco séculos. Estão habituadas a trabalhar nestas nações africanas e têm ainda toda esta cobertura política do Fórum Macau. Incentivei todos os grupos chineses com que me reuni a investirem sempre com uma estratégia de médio e longo prazo e que, quando possível, o fizessem associados a empresas portuguesas.

## **QUE TIPO DE NEGÓCIOS PODERÁ ATRAIR OS CHINESES?**

As áreas de maior interesse são as grandes obras públicas, os projectos de infra-estruturas portuárias, rodoviárias e aeroportuárias. Há ainda grande interesse na parte da energia hídrica, mineira (carvão), petróleo e gás natural – bens de que a China tanto precisa para garantir o seu crescimento. É de notar que os chineses têm particular interesse em pequenas áreas de negócio de Portugal, como a tecnologia, sobretudo no que respeita a projectos inovadores. Inclusivamente, Portugal funciona como plataforma da China para outros mercados, sobretudo o brasileiro e o americano.

“Existe um enquadramento político que favorece as relações económicas entre a China e os países da CPLP”

### FUNDAÇÃO PLMJ QUER COMPRAR ARTE DE MACAU

Nos últimos três anos, e acompanhando a acelerada internacionalização do maior escritório de advogados português, a PLMJ, a fundação homónima, constituiu uma colecção de artistas da CPLP. “Temo-nos centrado

sobretudo em países e artistas para cuja divulgação possamos contribuir”, explica o presidente do conselho de administração da empresa, Luís Sáragga Leal, que manifesta interesse em adquirir agora obras de artistas de Macau. “A Fundação está interessada em ter a

RAEM representada na sua colecção CPLP”.

Além disso, “gostaríamos muito, de expor a nossa colecção em Macau, logo que haja condições para isso”.

A decisão da Fundação PLMJ, constituída há uma década, pretendia criar uma colecção de arte contemporânea portuguesa. Começou, num primeiro momento, pela pintura e desenho, alargando-se depois à escultura e à fotografia. Mais recentemente, “temos apostado também no vídeo”. A PLMJ tem ainda uma colecção muito representativa de arte contemporânea portuguesa, que vai desde os anos 80 até à actualidade.



### ENTRETANTO, QUAIS SÃO OS DESENVOLVIMENTOS EM RELAÇÃO AOS CONTACTOS COM A DACHENG?

A última visita que fiz à China, há um ano, ultrapassou as minhas expectativas. As reuniões em Pequim permitiram reforçar as excelentes relações profissionais com a Dacheng e potenciar o interesse de muitas empresas públicas chinesas (conhecidas por SOE, na sigla inglesa) no Programa de Privatizações do Governo Português, assim como explorar possíveis "alianças estratégicas" com empresas portuguesas para investimentos conjuntos também em países lusófonos. Tive ainda a oportunidade de alargar contactos em Xangai, também com grandes grupos privados e até empresas cotadas na Bolsa, que revelam o



grande dinamismo da economia chinesa que não cessa de me impressionar. Em muitas reuniões realizadas, sublinhei o relevante papel macro político e económico que o Fórum Macau vem desempenhando no fomento da cooperação empresarial entre a China e a CPLP.

**POR QUE É QUE SENTIRAM NECESSIDADE DE REFORÇAR A PRESENÇA EM PEQUIM, TENDO A RELAÇÃO QUE JÁ TINHAM COM MACAU?**

Na verdade Macau faz essa ponte e é muito mais fácil. Temos a parceria com a DSL, que é um dos escritórios-líder em Macau e une-nos a língua que é um veículo por excelência de comunicação. Acresce que em Macau ainda se mantém uma forte marca cultural portuguesa e

o próprio regime jurídico é muito inspirado pelo português. Tendo estes parceiros em Macau torna-se de facto menos necessário deslocar um advogado de Portugal. Contudo, também Macau viveu, compreensivelmente, alguns anos de uma certa indefinição na sequência da transferência de soberania em 1999. Houve nesses primeiros tempos uma compreensível tendência para aculturar Macau, integrando-a numa lógica mais alargada da República Popular da China. Julgo que após consumada esta integração, o Governo Central concluiu que era preferível manter as especificidades da região. Macau tem-se reafirmado nos últimos anos como uma ponte entre a economia chinesa e a dos países de língua portuguesa. Isso foi extremamente hábil e inteligente da parte dos chineses.

“A nossa estratégia de globalização coincide exactamente com a razão de ser do Fórum Macau”

Isso é particularmente evidente no momento em que se criou o Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China os Países de Língua Portuguesa, pois mostra que existe um enquadramento político que favorece as relações económicas entre a China e a CPLP. É muito simbólico e significativo o facto de Macau ter sido escolhida como a sede deste Fórum, porque é realmente por evidência o ponto de

contacto entre as duas realidades. No mapa da nossa estratégia de internacionalização consta ainda Timor-Leste e queremos concretizar este projecto ainda neste ano.

### **JÁ CONHECIA O TRABALHO DO FÓRUM MACAU ANTES DESTA VIAGEM A MACAU?**

Tínhamos conhecimento das actividades desta entidade, embora à distância. Acompanhámos todas as suas iniciativas em Portugal. É evidente que agora tenho uma percepção muito mais clara da importância do Fórum. Tive reuniões muito construtivas com a secretária-geral adjunta Rita Santos, criando uma grande empatia baseada na partilha dos objectivos e dos princípios programáticos do Fórum, que são coincidentes com a política da PLMJ. Queremos, através de Macau, fazer a ponte entre os parceiros que temos na China, como é o caso da Dacheng, e os da PLMJ International Legal Network. A nossa estratégia de globalização coincide exactamente com a razão de ser do Fórum. ●



# ALBcreativeLAB

澳門仁慈堂婆仔屋文化及創意產業空間



we build the future in the present  
our actions have always a face

# PARA SEMPRE MACAENSES

Vivem longe, em países diferentes e alguns pisaram pela primeira vez a terra dos avós e dos pais, mas nem por isso se sentem menos macaenses. Os jovens da diáspora estão empenhados em impedir que as tradições se percam. O futuro da comunidade parece estar em boas mãos

Texto **Alexandra Lages** | Fotos **Naty Tôrres**





## COMUNIDADE

**G**il consegue entender português, mas não comunicar nessa língua. Também não fala cantonês. O seu apelido é Manhão e pertence a uma das principais famílias macaenses, mas o jovem de 25 anos conhece pouco a terra dos pais e avós. Vive na Califórnia e tinha 13 anos quando visitou Macau pela primeira vez. “Vim para assistir à transferência de administração, porque os meus pais acharam que seria importante para mim estar aqui nesse momento”, conta.

Doze anos depois voltou à RAEM para participar no II Encontro de Jovens Macaenses, organizado em Abril pelo Conselho das Comunidades Macaenses. Gil fez parte do grupo dos 38 macaenses com idades compreendidas entre os 18 aos 40 anos que participaram nesta edição do encontro, que acontece a cada três anos. Ao longo de uma semana, estes jovens enviados pelas 12 casas de Macau espalhadas pelo mundo visitaram o património histórico da cidade, conheceram melhor a cultura e tiveram oportunidade de conhecer a cidade de Foshan, no Interior do País.

Em Macau não se sente como um peixe fora de água. Apesar de ter nascido num continente diferente, está ligado às pessoas, à cidade e à cultura. “Quando se está nos Estados Unidos e

se é macaense, não há tantas pessoas com quem conviver e sentimo-nos um pouco desligados. Aqui, começamos a sentir-nos como se já não fôssemos extraterrestres”, diz entre risos. Na Califórnia, é costume os jovens macaenses se reunirem de vez em quando, mas “não é a mesma coisa”. “Temos festas com comida e bebidas tradicionais, mas aqui senti-me mais ligado à comunidade”, reitera.

Durante o encontro, Gil fez amizade com jovens macaenses que vivem nos Estados Unidos, Brasil, Canadá, Austrália e Portugal. E a relação é para continuar. “Vamos criar uma página no Facebook para manter o contacto.”

Não se pense, contudo, que o encontro se fez só de passeios e palestras. Houve ainda tempo para reuniões de trabalho com associações e instituições locais, como a Federação de Jovens de Macau e o Gabinete de Apoio ao Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Comercial e Económica entre a China e os Países de Língua Portuguesa.

O objectivo do encontro, organizado por um grupo de jovens macaenses locais, era dar a conhecer aos seus pares da diáspora as suas raízes e cultura. A organização quer que as novas gerações voltem para casa com a missão de divulgar a cultura macaense aos seus familiares e amigos.



\* Presidente da Comissão organizadora, Duarte Alves, discursa na cerimónia de abertura do II Encontro de Jovens Macaenses



\* O programa do Encontro incluiu várias visitas culturais e reuniões com associações e instituições locais

## GERAÇÃO COM UMA MISSÃO

Este trabalho de divulgação já está a ser feito nas várias Casas de Macau pelo mundo. Bernardo Carion, que participou pela segunda vez no encontro e é vice-presidente da Casa de Macau no Rio de Janeiro, refere que falar da terra dos antepassados é uma missão com que estes jovens nasceram.

“A nossa ideia é criar um grupo de jovens”, explica o brasileiro de 30 anos. A Casa de Macau no Rio de Janeiro organiza workshops de culinária macaense e aulas de mandarim. Os macaenses que vivem no Brasil estão de olho no desenvolvimento de Macau no contexto do Delta do Rio das Pérolas. “Aqui é o cantonês que se fala, mas a gente sabe que com o progresso de Macau e da região do Delta do Rio das Pérolas o mandarim está a ficar mais forte. Estamos a tentar manter as raízes e preparar-nos para o futuro”, defende.

Bernardo é filho de pai macaense e mãe brasileira e quando chegou a Macau pela primeira vez, em 2010, não teve surpresas pois foram muitas as histórias da terra que tinha ouvido durante a infância e adolescência. O próximo projecto do vice-presidente da Casa de Macau do Rio de Janeiro é criar um grupo de teatro em patuá. Actualmente, a casa já tem um pequeno grupo de jovens que faz teatro, mas falta introduzir o *dialecto maquista*.

A comunidade macaense que reside no Canadá também já começou a implementar medidas para garantir a passagem do testemunho para os mais jovens. Nicholas Xavier Tam é o director do departamento de juventude da Casa de Macau de Toronto. “Criámos este departamento para preencher uma lacuna da casa e dar espaço aos mais jovens”, explica.

Segundo o responsável, a Casa de Toronto organiza muitas actividades ligadas à culinária, bem como encontros e eventos para celebrar os feriados tradicionais e aniversários. “Tenho mais ideias para continuar a destacar mais a comida macaense. A comida é sempre algo que passa de geração em geração”, afirma.

As casas dos Estados Unidos estão a adoptar medidas semelhantes. O Clube Lusitano da Califórnia estabeleceu uma nova política a pensar nas gerações mais novas de macaenses que também passou pela criação do departamento de juventude. “Actualmente, a responsável pelo departamento de juventude é a minha irmã, que tem 16 anos”, explica Leonardo Xavier, representante da associação e ex-vice-presidente.

“Estamos a tentar atrair mais membros por volta dessa idade promovendo mais actividades focadas nos jovens, como festas de *Halloween*, aulas de culinária, aulas de português ou noites de jogos.”

COMUNIDADE



第二屆澳門土生  
2º Encontro da Com

Trinta e oito jovens representaram  
as 12 Casas de Macau da  
diáspora no II Encontro de Jovens Macaenses



生葡人青少年聚會二零一二  
comunidade Juvenil Macaense 2012

## COMUNIDADE

### OBJECTIVO ALCANÇADO

A família de Ana Sanches é portuguesa, mas esta sente-se de Macau porque aqui viveu dos quatro aos dez anos de idade. Ana faz parte da Casa de Macau em Portugal e participa em todas as actividades. “Estamos aqui com uma grande missão de recolha de ideias das outras casas. Somos uma casa bastante activa, organizamos chás gordos, celebrações do Ano Novo chinês, mas queremos ver se conseguimos fazer outras coisas”, explica.

No que toca aos jovens, a Casa de Macau em Lisboa está a “dar os primeiros passos”. “Os

filhos dos macaenses vão lá, porque os pais também frequentam a casa, mas estamos a começar a criar uma dinâmica própria para os jovens, como workshops de cultura chinesa ou de conhecimentos básicos do mandarim.”

A cultura macaense também está a despertar o interesse académico de jovens filhos da terra. É o caso de Sofia Rangel que apresentou recentemente o livro *Filhos da Terra – a Comunidade Macaense Ontem e Hoje* baseado na sua tese de mestrado.

A jovem de 25 anos concluiu que até 2049 a comunidade macaense vai estar protegida, mas



\* Sofia Rangel (direita) na apresentação do livro “Filhos da Terra – A Comunidade Macaense Ontem e Hoje”

apela aos jovens para se interessarem mais pela sua história e cultura. “É preciso que os jovens possam transmitir esses conhecimentos para as gerações futuras”, defende.

Na sua obra, Sofia Rangel elogia a organização de encontros de jovens macaenses, pois “é essencial que os jovens da diáspora se encontrem, se conheçam e possam trocar impressões sobre as suas experiências de vida e, especialmente, sobre o que é ser macaense.”

A académica alerta que a continuidade da comunidade na diáspora está em risco de extinção e está nas mãos dos jovens impedir

que tal aconteça. “A comunidade da diáspora é muito diferente da local. Na maior parte dos casos, eles já se aculturaram aos países onde vivem actualmente. Por isso é importante que os jovens se interessem mais pela sua história.” Apesar de tudo, Sofia Rangel reconhece que há jovens na diáspora empenhados em preservar a cultura macaense. “Fazem palestras, encontros e exposições. Têm muitas actividades. Há pessoas que estão muito empenhadas em continuar a avivar a cultura macaense e a divulgá-la não só para os jovens da diáspora, mas também para pessoas dos outros países com interesse em conhecer Macau e a nossa história”, constata.

Um dos objectivos do II Encontro de Jovens Macaenses é também ajudar as casas a alargar o âmbito destas iniciativas, diz o presidente da comissão organizadora, Duarte Alves. “Este encontro permite que nós possamos ajudá-los a expandir essas actividades. Além da culinária, é possível realizar algo com as línguas, como o chinês ou o patuá.”

Todas as metas do encontro foram cumpridas e o presidente da organização faz um balanço “bastante positivo”. “Os representantes das casas vieram para conhecer as suas raízes e voltaram a sentir orgulho de serem macaenses e com vontade de serem embaixadores de Macau. Todos mostraram vontade de regressar e de trazer amigos e familiares”, conta Duarte Alves. A par disso, o evento permitiu que fosse dado um passo importante para o rejuvenescimento da comunidade macaense local, pois foi a primeira edição a ser organizada apenas por jovens. Um total de dez membros da juventude macaense deu corpo à comissão organizadora. “Foi um projecto que nos permitiu trabalharmos juntos e de sentirmos que todos temos os mesmos objectivos, que é estarmos mais envolvidos na sociedade e no desenvolvimento de Macau, bem como na continuidade da comunidade macaense”, conclui Duarte Alves.

Seja em Macau ou na diáspora, o empenho dos jovens alivia os receios do desaparecimento da cultura macaense. “Isso [o empenho dos jovens da diáspora] acalma-nos um bocadinho em relação ao futuro. Se continuarmos assim e se nos esforçarmos ainda mais para realizar estes encontros e divulgar a nossa cultura, vamos manter o espírito da comunidade macaense”, garante Sofia Rangel. ●





# TÊNIS DE MESA LUSO COM ESPERANÇAS CHINESAS

São a grande promessa do ténis de mesa em Portugal e têm ascendência chinesa. Não são os únicos asiáticos a jogar em Portugal, mas são os melhores. Maria Xiao, 18 anos, e Diogo Chen, 15 anos, vestem as cores da selecção portuguesa e têm orgulho nisso

Texto **Patrícia Lemos** | Fotos **Paulo Cordeiro**, em Portugal



## DESPORTO

**M**aria Xiao é Campeã Nacional de Juniores e a nova Campeã Ibero-Americana. Pelo seu clube, o CTM de Mirandela, venceu em Março o Campeonato Nacional da 1.ª Divisão Feminina de ténis de mesa. Ela é a melhor mesa tenista portuguesa, com acento no ranking mundial, logo seguida por outras duas chinesas, também elas a jogar em Portugal. Agora, sonha representar o seu país de adopção nos Jogos Olímpicos. Como diz o seu pai Daili Xiao, “esse é o grande objectivo da Maria”.

A atleta vai ter de esperar para realizar o seu maior sonho, pois não conseguiu a qualificação para participar este ano. Era “difícil”, admitiu meses antes de receber a notícia que a afastou dos Jogos Olímpicos de Londres, ainda que acreditasse que “tudo é possível”. Apesar de estar mais habituada às vitórias, parece bem preparada para encarar as derrotas, por isso não desiste de um dia ser a primeira atleta de origem chinesa a representar Portugal nos Jogos Olímpicos. E tem tudo para o conseguir, ou não estivesse em terceiro lugar no circuito mundial de juniores. Confiança não lhe falta: “Estou numa boa base”.

### MARIA XIAO

Nasceu em Espanha no dia 19 Maio de 1994  
Nacionalidade portuguesa  
Iniciou a actividade aos seis anos  
Treina em média duas horas e meia por dia  
Veste as cores do Mirandela  
Está na 136.ª posição no ranking mundial  
de ténis de mesa  
Wang Nan é o seu atleta de referência







Quem também tem dado que falar no mundo do pingue-pongue à séria é Diogo Chen que conquistou duas medalhas em Janeiro. Uma foi de ouro na variante de pares e a outra de prata na competição colectiva, em representação da Selecção da Europa. Ficou na sétima posição a nível individual. Para este jovem atleta, que passou recentemente a competir como júnior, o “Sporting é como uma segunda casa” e Lisboa a sua cidade de eleição.

Maria e Diogo não partilham apenas a paixão pelo ténis de mesa e as raízes chinesas. Eles são ainda filhos de grandes atletas. O pai de Diogo, Si Chen, foi o primeiro desportista chinês a alinhar pelo Sporting (ver caixa) e os pais de Maria, Daili e Yao, ganharam muitos títulos em Portugal na mesma modalidade. Por isso, conhecem-se “desde bebés.”

Sentem-se mais portugueses ou chineses? Diogo apressa-se a responder: “Português, português”. Maria também não tem dúvidas porque, explica, é “em Portugal que passo a maior parte do ano”. Porém, não esconde a costela espanhola. “Nasci em Espanha, onde tenho muitos amigos. É uma alegria ir lá.” Sente-se assim “completamente portuguesa”. Aliás, “fui para a Madeira aos dois anos de idade, porque os meus pais jogavam no CSD Câmara de Lobos”. Nos dias que correm veste as cores do CTM de Mirandela, o clube campeão de Portugal no ténis de mesa.

## DIOGO CHEN

Nasceu em Portugal a 24 de Agosto de 1996

Nacionalidade portuguesa

Iniciou a actividade aos seis anos

Treina em média três horas por dia

Veste as cores do Sporting

Chen Qi e Ma Long são os seus atletas

de referência

O pai Daili diz que um dos segredos do sucesso da Maria é o facto de ela estudar a modalidade: “Vê muitos vídeos e aprende com os outros jogadores”. E fala com conhecimento de causa já que é o seu treinador. Se para ele “não é difícil ser pai e treinador”, para o pai de Diogo Chen os problemas são inevitáveis. “Como também é meu filho, às vezes é complicado.” Si Chen gostava que um dia Diogo fosse “um atleta de nível mundial”. Recorda que logo em pequeno mostrou talento para o ténis de mesa, enquanto “o irmão mais velho gosta mais de futebol”. Diz que não é só o jeito do Diogo que está na origem de tantas vitórias. “Ele joga muito com a cabeça e isso é importante, mas tem de evoluir mais tecnicamente.” Exigente como é, o pai treinador sublinha que nesta modalidade é preciso ter bons reflexos, energia e uma boa cabeça. “A experiência é igualmente importante.”

### “EM MACAU SENTI-ME EM CASA”

Fartos de viajar pelo mundo para competir e visitar a família na China, tanto Diogo como Maria já estiveram em Macau. Diogo gosta especialmente de ir à China, porque “é sinal de que não há aulas”, diz em tom de brincadeira. Já Maria, que fala mandarim, fica confusa quando se fala em Macau. “É que eu já estive em tanto lugar... Não me recordo bem”, confessa. O atleta lembra-se bem dos casinos e manifesta uma ligação maior à RAEM, muito provavelmente pelas suas ligações familiares a Cantão.

Embora tenha um ar franzino e de mal ter entrado na adolescência, Diogo tem a personalidade vincada pela inteligência. De cara é chinês, mas a conversar é português de A a Z. Como Macau, tem o coração dividido entre a China e Portugal, por isso essa região é especial para ele. “Estive lá em 2010 e lembro-me de me sentir em casa, porque havia portugueses.” Quem conhece Macau de longa data é o pai, pois nasceu lá perto, em Cantão. “Era da selecção chinesa e fui lá enquanto jogador”, lembra.

Sobre uma eventual debandada para a China, terra das novas oportunidades e onde o ténis de mesa é desporto-rei, ambos admitem que se jogassem pela selecção chinesa isso teria um significado especial, “porque quereria dizer que somos muito bons”, garante Maria. Diogo concorda mas sabe bem que “isso é muito difícil”. O pai de Maria espera apenas que a

## DESPORTO

filha apoie a Federação Portuguesa de Ténis de Mesa: “Quero que ela jogue por Portugal”. Há atletas chineses a jogar no mundo inteiro, “na mesma situação que nós”, por isso ninguém estranha que tantos mesa tenistas do Império do Meio defendam actualmente as cores de outros países. Conforme explica Daili Xiao, “na China, o ténis de mesa é bastante profissional”. A competição é tal, que são muitos os atletas

talentosos que ficam de fora e acabam por partir para poderem ser jogadores profissionais noutras partes do mundo.

Maria promete não arrumar as raquetas do ténis de mesa tão cedo. Aliás, “não me imagino de outra forma”. Diogo, que tem tanto talento a jogar ténis quanto sentido humor - e de toque português -, explica que este sonho é para continuar. Já a escola, “pois...vai-se andando. É só passar de ano”. ●





## SI CHEN, O VETERANO CHINÊS

Foi o primeiro mesa tenista chinês a competir em Portugal. Si Chen chegou em 1988 para vestir a camisola do Sporting. Recorda que naquele tempo “o ténis de mesa era muito fraco”. Apesar de não ser tão popular como o futebol, o pingue-pongue dos profissionais conta hoje com uma boa selecção e Si ajudou a preparar alguns atletas da nova geração. “E há os que têm dado nas vistas em competições internacionais, como a Maria Xiao e o Diogo Chen [seu filho]”, diz.

Si Chen é um dos mais respeitados desportistas do clube lisboeta. O veterano confessa-se saudosos do tempo em que competia, mas também se sente bem na pele de treinador. Tem, acima de tudo, muito orgulho na sua carreira desportiva. “Sinto que abri o caminho a outros atletas chineses.” Até porque se há modalidade portuguesa bem apetrechada de asiáticos é o ténis de mesa.

Quando deixou de competir, pensou em regressar à sua Cantão natal, mas “a minha mulher tinha trabalho aqui e os meus filhos estão muito bem ambientados”. Decidiu ficar e não deve regressar tão cedo, porque “gosta muito de Portugal”.

# TUDO ISTO É FADO

Passou pelos salões nobres da cidade, foi cantado e tocado pelos militares e até se juntou aos sons tradicionais chineses. O fado nunca abandonou o viajante. Nem a gente da terra. Nem Macau

Texto **Catarina Domingues** | Fotos **Gonçalo Lobo Pinheiro**



O *pangyau* das barbas ainda chamou um amigo, entendido no cantonês, para desfazer as dúvidas. E o porteiro retomou a explicação: a vizinha chinesa do quinto andar, momentos antes de morrer, deixara instruções para oferecer aqueles discos ao português. “Ao *pangyau* das barbas”, não se cansava de repetir o porteiro.

A vizinha, namorada de um bom fado castiço, guardara ao longo dos anos quase meia centena de álbuns enviados pela família e amigos de Lisboa. Veio ainda a saber-se que, naqueles serões em casa do português, onde se cantava e tocava o fado, a senhora, já com o gira-discos em silêncio, deleitava-se com o choro vindo do andar de baixo.

O senhor das barbas não se lembrava de ter trocado mais do que um *chou san* (bom dia) com a vizinha, mas acabou por aceitar a herança musical.

### HÁ FADO EM MACAU

Naquele dia de Verão, pôs-se bonita para ir à televisão. Escolheu um vestido fresco, em malha de seda castanha-cerejeira, uns centímetros abaixo do joelho. Os vestidos longos são para as galas. E esse não era o caso.

A frente das câmaras, Ada de Castro recordou: “E a vizinha chinesa do meu amigo tinha cinco discos meus. Fiquei comovida, nunca esperei que acontecesse a 18 mil quilómetros”.

Uma distância tão remota no espaço e no tempo, que não se pode culpar a fadista de, após 25 anos, não se lembrar da história ao detalhe, mas as velhas cassetes BETA do arquivo da Teledifusão de Macau (TDM) não deixam mentir. Hoje, com 74 anos, Ada ainda se lembra: “Fui à televisão porque era importante que as pessoas soubessem que o fado estava em Macau”. Se a vizinha do quinto andar estivesse viva, de certeza que acompanharia *Gosto de tudo o que é teu*, o fado que inaugurou a gravação nos estúdios da TDM. Ou talvez cruzasse a única ponte de então para chegar ao outro lado, onde naquelas noites húmidas de Macau, Ada de Castro cantava no antigo Hotel Hyatt. A fadista estava em Macau por uma semana.

### DO SR. VINHO AO HYATT

O convite chegou por correio à casa de fados lisboeta Sr. Vinho. Macau era terra distante, mas Ada, madrinha de muitos soldados na Guiné e habituada a longas jornadas, aceitou esta também. Em Macau, cantou no Hotel Lisboa e na Associação dos Comandos durante as festas de São João, mas foi no salão do Hotel Hyatt que alimentou longos serões de fado. “Queriam ainda que cantasse à porta do hotel quando vinha um autocarro de turistas. Recusei-me, éramos três músicos e não um trio.”

Os percalços não se ficaram por aqui, mas são os bons momentos que a memória insiste em distinguir: a homenagem ao Presidente da Assembleia Legislativa “com uma simulação do Al Capone e carros a entrar no átrio do Hotel Lisboa”, a noite na *boîte* do casino e, claro, os longos aplausos aos seus fados castiços. A Macau trouxe o *Cigano*, *Rosa Caída*, sem esquecer o *Fado Macau* (ver caixa). À viola estava Pedro Nóbrega e à guitarra portuguesa Carlos Macedo, que 11 anos depois regressaria ao território.





\* Ada de Castro e Carlos Macedo em Macau, 1987

## UM FADISTA SOLITÁRIO

Mais ninguém passeava por Cheock Van. Naquele Inverno de 1998, a pequena praia da Ilha de Coloane era de um só fadista à guitarra portuguesa.

O mundo descarregava ali, nas margens do Mar do Sul da China, toda a sua solidão. Carlos Macedo já tinha andado por muitas terras. Fez a tropa de guitarra na mão em Moçambique, cantou e conquistou o Brasil enquanto Maria da Fé trocava de vestido.

Mas agora, aquele areal estéril que atravessava ao amanhecer, não era senão o último desterro dos homens. “O primeiro mês em Macau foi difícil, estava praticamente só.”

Não foi amor à primeira vista, mas amor que foi chegando. Carlos Macedo estava em Macau com um contrato de dois meses para tocar no Restaurante Lusitano, primeiro com a fadista Carolina Tavares, numa segunda fase com Maria Mendes. Foi sobretudo entre os chineses que encontrou maior aceitação. “Talvez pela curiosidade. Às vezes estavam grupos de 500 pessoas.”

Carlos fazia três intervenções por noite e, a pouco e pouco, começou por sentir o bulício da cidade e a quietude das ilhas como seus. “Tornou-se a minha outra terra, passava pelos mesmos sítios, cumprimentava as mesmas pessoas, era interessante.” Quando regressou a casa, levou uma mão cheia de amigos e três novos fados dedicados a Macau.

## FADO EM VIAGEM

Além de Ada de Castro e Carlos Macedo, outros fadistas passaram por Macau. Em 1991, Amália trouxe temas com meio século de história, três anos mais tarde foi a vez de Carlos do Carmo deixar o Teatro Dom Pedro V em silêncio. Seguiram-se nomes como Mariza, Kátia Guerreiro, António Chainho e, mais recentemente, Aldina Duarte.

Convidada para cantar na primeira edição do Festival Literário, a vinda de Aldina Duarte acabou por resultar num dos documentários produzidos pela Radiotelevisão Portuguesa (RTP) no âmbito da classificação do fado como património imaterial da Humanidade. A fadista partiu à procura de uma cidade que se relacionasse com o fado: a respiração ofegante da zona dos Tim-tins, “o fado tem essa origem, é uma arte popular”, ou a história dos corredores da Casa do Mandarin, “dos sítios mais bonitos onde já cantei, com mais alma e mais elevação”. Estudiosa da tradição fadista, Aldina Duarte também escreve, embora diga que o seu compromisso é cantar o fado, uma música frágil, ligada às raízes. “Se há música que por excelência privilegia o som da língua é o fado. Penso que não se pode fixar em terra nenhuma. Vai e volta. Essa é a sua história: os marinheiros, a viagem, sempre com a perspectiva do regresso a casa.”



\* Aldina Duarte na Casa do Mandarin, Macau



\* Arquivo Histórico de Macau

\* Serão de fado no Clube Militar durante a década de 1980

“Se há música que por excelência privilegia o som da língua é o fado. Penso que não se pode fixar em terra nenhuma. Vai e volta”

**ALDINA DUARTE**

## FADO MACAU

O fado tradicional é um tipo de fado que obedece a uma estrutura poética e varia entre quadras, quintilhas, sextilhas, decassílabos ou alexandrinos.

O universo do fado tradicional reúne cerca de 140 melodias. “Uma melodia pode ser utilizada para vários poemas”, explica Ada de Castro, que cantou o *Fado Macau* pela primeira vez. A música foi composta pelo guitarrista Jaime Santos, embora a autoria seja também atribuída ao violinista Adriano Roiz. A letra da versão celebrizada por Ada de Castro chama-se *Manjerico* e foi escrita pelo poeta Linhares Barbosa. “Foi composto para a Lucília do Carmo, que não o cantava. Eu precisava de gravar um disco porque estava em início de carreira e pedi-lhe autorização”, revela a fadista. A razão que levou o compositor a dar o nome de *Fado Macau* é desconhecida. “Talvez tenha ido a Macau ou estivesse de alguma forma relacionado com a cidade”, conclui.

### ADA DE CASTRO

Lisboa, 13.8.1937 | Ainda menina subia às mesas nas festas do Castelo de S. Jorge e cantava os fados de Hermínia Silva | Pertenceu à Juventude Operária Cristã, onde fez teatro | Cantou em várias casas de fado: Severa, Folclore e Sr. Vinho | Em 2010 venceu o Prémio Amália | Celebrizou o *Fado Macau*

### CARLOS MACEDO

Lousado, 9.12.1946 | Aprendeu os primeiros acordes a ver televisão | É fadista e guitarrista | Deu os primeiros concertos no barco, a caminho de Moçambique onde fez a tropa | Em Portugal, acompanhou fadistas como Maria da Fé e Ada de Castro | Toca na Taberna D’El Rei em Alfama | Tem sete discos editados

### ALDINA DUARTE

Lisboa, 22.7.1967 | Integrou o grupo Valdez e as Piranhas Douradas | Aos 24 anos ouviu cantar Beatriz da Conceição e apaixonou-se pelo fado | Foi monitora de tecelagem no Centro de Paralisia Cerebral | Montou com Camané “As noites de Fado” no Teatro da Comuna | Canta desde 1997 no Sr. Vinho | Em 2004 editou o primeiro de três discos

# AS FADISTAS DE MACAU

No início dos anos 1950, ainda antes de começarem a chegar artistas de Portugal, já o fado tinha histórias para cantar. Fazia parte das noites de convívio entre os militares, chegava à comunidade através da Rádio Vila Verde ou pela voz aveludada de Rubye, uma menina macaense acabada de chegar de Coimbra



**S**orri. E é sempre graciosa na palavra. “Costumo dizer que sou a condessinha de pés descalços.” É verdade que Rubye descende do Conde Bernardino de Senna Fernandes, mas se for levado à letra, não podia estar mais longe da verdade. Naqueles anos 50, sempre vestida com alinhado, Rubye era entusiasta de uns sapatos de salto nobre. Talvez por isso fique melhor um outro título: a fadista de Macau.

Com seis anos mudou-se para Coimbra e foi aí que cresceu entre as serenatas e as músicas americanas que chegavam pela rádio. Em casa a mãe tocava piano, o pai distinguia-se ao violino e, de forma natural, desenvolveu o ouvido para a música e aprendeu a tocar o uquelele. “Eu gostava era de músicas havaianas.”

Quando o pai percebeu o gosto pela música, decidiu que era hora de cantar o fado. Com 19 anos, ao regressar a Macau, trouxe na bagagem um xaile negro e uma viola. “Ninguém cantava. Nem se falava do fado. Tanto imitei os trinados da Amália que, na brincadeira, comecei a ser chamada de fadista de Macau.”

## **UNGA CASA MACAÍSTA**

Com a ajuda do pai, Rubye encontrou entre a Polícia Marítima um guitarrista, Manuel de Oliveira. Foi assim que durante anos os dois levaram as músicas de Amália aos mais nobres salões de Macau. Era convidada pelos governadores, frequentava festas no Clube de Macau e cantava letras saudosistas aos militares.



\* Rubye acompanhada pelo guitarrista Manuel de Oliveira no Clube de Macau

“Os fados eram tristes e eu sou bastante sentimental. As pessoas gostavam muito.”

Sempre de viola ao colo, também acompanhou o macaense Adé, José dos Santos Ferreira, e até cantou em patuá letras do poeta, como *Unga Casa Macaísta*, uma adaptação do fado *Uma Casa Portuguesa*. “Ele tinha de me ensinar a pronúncia, eu carregava no erre, em patuá não pode ser.”

Nas noites de palco, Rubye entregava-se aos vestidos longos e negros, sempre acompanhados pelo xaile negro. “Era vaidosa, uma menina sempre *au point*. Havia quem dissesse que eu parecia uma atriz.” E até poderia ter sido, gostava do palco e figura não lhe faltava. “Fui a primeira a usar biquíni em Coloane.” Não admira que num daqueles dias em que acompanhou Adé à rádio, o locutor português António José Pereira se tenha apaixonado pela macaense.

“Tanto imitei os trinados da Amália que, na brincadeira, comecei a ser chamada de fadista de Macau”

### RUBYE DE SENNA FERNANDES

#### O PRIMEIRO DISCO DE FADO

Ainda que não cantasse profissionalmente, Rubye era a única voz do fado em Macau. E por isso, nos anos 70, quando regressou a Portugal, deixou Macau sem os sons dolentes da canção. O silêncio durou quase 20 anos, intercalado pela vinda de fadistas portugueses ou por registos mais ligeiros de grupos locais, como a Tuna Macaense. Até que no início da década de 90, o fado reapareceu, pela voz de uma professora de físico-química, Isabel Telo Mexia.

Começou por brincadeira a cantar em jantares de amigos. Depois, ao integrar o Grupo de Danças e Cantares, levou o fado ao Japão e à Coreia do Sul. Um dia “o jornalista João Severino propôs-me gravar um disco”.



A gravação coincidiu com a vinda a Macau da fadista Luz Sá da Bandeira, acompanhada pelos guitarristas João Torre do Valle e Fernando Alvim, “profissionais com tamanho valor, que só podia estar esmagada pela sua qualidade”. Foi na Rádio Macau, ao som destas guitarras, que em duas tardes nasceu o primeiro disco de fado em Macau. O álbum associou fados de Lisboa e de Coimbra ao som de instrumentos tradicionais chineses.

A Isabel juntaram-se mais tarde dois guitarristas locais. Juntos percorreram os salões de Macau, de Hong Kong e ainda assinaram um contrato de um ano com o antigo Hotel Bela Vista.

No grande salão do Cineteatro, Isabel Mexia juntou o fado aos sons tradicionais da Orquestra Chinesa de Macau e assegura que foi a primeira fadista a ensaiar com o grupo, naquela que seria uma tradição até hoje.

Quase por superstição, Isabel inaugurava os espectáculos com o tema *Gaivota* de Amália. “Fazíamos um compasso de espera a explicar aos estrangeiros que o fado era uma música intimista e que não se podia falar”. Era então que se fazia silêncio.

## UNGA CASA MACAÍSTA

Unga casa macaísta vós olá  
Têm carinho na pobreza  
Si têm gente batê pórtá pôde entrá  
Vêm comê cô nos na mêsa  
Genti pobre, genti rico sã gostá  
Cativá tudo visita  
Ma qui seza unga casita  
têm su chiste cô alegria  
tudo óra, tudo dia.

Mêsa cô toália bordado  
Vaso di fûla na châm  
Pisunto china bafado  
Têm galinha, têm capâm.  
Porco balchâm tamarinho  
Vaca chaucháu maragoso  
Unga caneca cô vinho  
Quanto bebinga sábrôso

Unga casa macaísta fazê vista  
Sã fazê vista unga casa macaísta

Siara-siara sabe abrí su coraçám  
Lôgo ri pa tudo genti  
Na janela sã cherá mangericám  
fazê vós ficá contente.  
Tem biscoito cô ôbrêa na fontám  
Camalénga fetó dóci  
Chá-co-sucrí dóci-dóci  
Tudo óra têm na mesa  
Quim querê fazê fineza.

Adé

## RUBY DE SENNA FERNANDES

Macau, 5.6.1925 | Com seis anos mudou-se para Portugal | Em Coimbra terminou o curso de Magistério Primário | Foi professora na Escola de Magistério Primário de Macau, de trabalhos manuais no Liceu de Macau e de desenho na Escola Comercial | Com 45 anos regressou a Portugal e nunca mais voltou a Macau

## ISABEL TELO MEXIA

Lisboa, 29.9.1942 | Cresceu em Angola, trabalhou em Macau e vive em Portugal | Formada em físico-química, foi professora no Liceu de Macau | Esteve ligada à produção do Festival Internacional de Música | Começou a cantar o Fado em 1991, em Macau, num jantar de amigos | É a única fadista em Macau com discografia

## FADO NA LITERATURA

O livro *A República de Macau* conta histórias de um grupo de recém-formados, que nos finais do século XIX chegou a Macau para trabalhar. O casarão onde viviam tornou-se, segundo a nota introdutória, “na mais importante instituição masculina da cidade, onde pontuava a fina flor do funcionalismo público”. A obra, publicada em 1896, conta o dia-a-dia desta república, e traz à memória os bailaricos da altura, onde até se cantava o fado, como se pode ler na seguinte passagem: “(...) De súbito um brando rumor de vozes, ao lado da varanda que dava sobre a escadaria de entrada. Em seguida, uma voz de tenor, elevando-se como a medo, sobranceira ainda assim aos acordes de uma viola francesa. Era o capitão Dores, hoje tenente-coronel reformado, a cantar um fadinho acompanhado à viola. Acorreram as senhoras todas à varanda. Eu não sei explicar a influência e o prestígio que tem sobre o sexo belo um fadinho bem cantado e bem acompanhado. Não sei; mas o facto existe. Em dois minutos a varanda estava apinhada, e fora dela, só se viam damas a correr, como pombas mansas à cata de painço”.

# ROTEIRO DO FADO EM MACAU

## ESCOLA DE GUITARRA PORTUGUESA

Wei Qing segue atenta os ajustes do mestre à guitarra. O *liuqing* (instrumento chinês de cordas) deu-lhe a destreza dos dedos e já não estranha as seis cordas duplas da guitarra portuguesa. De mansinho, acaba por chegar ao tom certo. “É difícil controlar as cordas.”

Solista de *liuqing* na Orquestra Chinesa de Macau, Wei Qing só soube o que era o fado em 2005, quando Kátia Guerreiro, acompanhada pela Orquestra, cantou no Auditório da Torre de Macau. “Fiquei impressionada, a melodia era tão forte.” Foi também a primeira vez que ouviu guitarra portuguesa, pelas mãos de Paulo Valentim. “Parecia que o som vinha do paraíso.” Preciso de esperar até 2011 para começar a aprender guitarra. Nesse ano, Paulo Valentim mudou-se para o território e, juntamente com a Casa de Portugal, deu uma nova vida ao fado em Macau.

O guitarrista toca no Restaurante Lvsitanvs, no Museu do Vinho e está à frente da nova Escola de Guitarra Portuguesa, um parto que se adivinhava difícil neste canto asiático. “É difícil atingir um nível superior de guitarra portuguesa onde não há prática fadista”, explica o guitarrista. Wei Qing, uma das cinco alunas, sonha um dia acompanhar um grande fadista português. Para isso não interessa se ela e o mestre não falam a mesma língua. Aqui vale o lugar-comum, a música é uma linguagem universal. E nada mais interessa.





### RESTAURANTE LVSITANVS

Quando Paulo Valentim foi viver para Macau, trouxe de Portugal algumas das guitarras portuguesas que coleciona há largos anos. São exemplares que vão desde finais do século XIX até aos anos 20 e que estão expostos no Restaurante Lvsitanvs.

O espaço, um projecto da Casa de Portugal, nasceu e cresceu a ouvir fado. Paulo Valentim começou por ser acompanhado pelo saxofonista Paulo Pereira, numa linguagem menos convencional do género musical. Aqui o saxofone vem substituir a voz do fadista que falta em Macau e procura “manter os floreados, o ênfase em todas as notas, aquele choradinho, que é estender a nota”, explica Paulo Pereira.

Numa segunda fase, os dois músicos começaram um novo projecto de fados tradicionais. O saxofonista regressou às origens e voltou a pegar no primeiro instrumento que aprendeu, a guitarra clássica.

### RESTAURANTE ANTÓNIO

Iluminado pela luz débil das velas, o quadro da mítica fadista Maria Severa e do Conde de Vimioso leva por momentos os clientes do restaurante até uma antiga casa de fados na Mouraria. A música de fundo só é interrompida quando Marcelino aparece de guitarra. “Quando são japoneses ouço logo a palavra fado.” Apaixonados pelo estilo musical, os japoneses são clientes frequentes e não estranham quando o músico interpreta *Até que a voz me doa*, o famoso fado de Maria da Fé. Mas Marcelino não é homem de uma música só e aqui as noites são feitas de sons alentejanos e outros ritmos portugueses.

Com uma comunidade reduzida de portugueses em Macau, o responsável pelo restaurante, António Coelho, acredita que uma casa exclusivamente dedicada ao fado seria “um risco económico”, mas não põe de lado a abertura de um outro espaço. Com fado e quem sabe, fadistas. ●



## PAULO VALENTIM

Lisboa, 9.12.1964 | A primeira experiência profissional surgiu em 1990, quando integrou a Orquestra da Companhia Nacional do Teatro de D. Maria II | Permaneceu com Filipe La Féria nos musicais *Passa por mim no Rossio*, *Maldita Cocaína* e *Grande Noite* | Guitarrista e compositor, acompanhou grandes nomes do fado como Kátia Guerreiro e Mafalda Arnauth | Em Macau toca no Lvsitanvs e no Museu do Vinho

## PAULO PEREIRA

Esposende, 4.2.1988 | Formou-se em Música Erudita Contemporânea na Universidade de Aveiro | Foi professor no Conservatório de Música da Jobra | Em Portugal faz parte de um quarteto de saxofone e entre os vários trabalhos deste grupo consta um projecto instrumental de fado | É professor de saxofone em duas escolas de música de Macau | Actua no restaurante Lvsitanvs

## MARCELINO MARQUES

Briteiros, 20.4.1951 | Estudou no Seminário de Braga, onde teve formação musical | Engenheiro de profissão, esteve 37 anos ligado à Administração Pública portuguesa | Foi vocalista de um grupo de rock e de um grupo alentejano | Acompanhou Nuno da Câmara Pereira no Belém Clube, onde desenvolvia um projecto de música | Actua em vários restaurantes em Macau como o Escada e o António





À MESA  
COM  
Rui Rocha

Conversar à mesa é uma arte aprimorada ao longo de anos e que em Macau também se cultiva. Convidámos Rui Rocha, versão poeta, para um almoço japonês

Texto **Hélder Beja** | Fotos **Carmo Correia**

**A**s línguas prestam-se aos melhores trocadilhos. Se não vejamos: *tacho* é uma palavra portuguesa que todos conhecemos e da qual sabemos o significado. *Itacho*, por sua vez, significa chefe de cozinha em japonês e é parte do nome do restaurante onde estamos para almoçar com Rui Rocha, director do Instituto Português do Oriente prestes a cessar funções e poeta recentemente publicado. É o Rui Rocha poeta que queremos sentar à mesa, para falar de livros, do seu livro, *A Oriente do Silêncio*, para falar do que lhe apetece menos de trabalho. O *Itacho Sushi*, no piso térreo da Torre Macau, foi a escolha do convidado. “A comida é boa, o restaurante é barato e o lugar é óptimo.” Estávamos convencidos.

Comer num japonês faz todo o sentido neste caso – não só a cultura daquele país é um dos grandes interesses de Rui Rocha, a par da cultura chinesa, como o livro de poemas que acaba de publicar pela Esfera do Caos tem claras influências do *haiku*, a mais popular forma poética japonesa.

“Muitas vezes as pessoas julgam que a comida japonesa é só *sushi* e *sashimi*, mas há muito mais”, aponta Rocha. Depressa percebemos que o muito popular peixe cru não é o forte do

nosso convidado. A comida, mesmo japonesa, vai melhor cozinhada. O *okonomiyaki*, uma “espécie de tortilha japonesa”, e o *yakitori*, o grelhado japonês, são duas alternativas apontadas por Rui Rocha. Desta vez a escolha acaba por ser uma sopa *mizu*, seguida de bife com gengibre, *pickles* japoneses, salada e arroz branco. Por agora.

Estamos servidos e depressa a conversa vai parar aos livros. Rui Rocha é um leitor de carreira, um homem que sempre viveu perto das bibliotecas. Hoje não tem muito tempo para dedicar à ficção, mas foi exactamente por aí que começou, ao ler *O Fio da Navalha*, de Somerset Maugham, quando tinha apenas 12 anos. “Esse livro foi a primeira descoberta da Ásia”, diz. Não desta Ásia mas da Índia e de todo um território exótico.

Aos 15 anos, Rocha leu *Le Bouddhisme Zen*, de Alan Watts. Era um livro que haveria de influenciar de forma decisiva a *beat generation* de Jack Kerouack, Allen Ginsberg e companhia. Era o tempo da sua formação enquanto homem, o tempo da filosofia mas também da política e de aprender a ler a realidade. O Oriente ajudava-o a encontrar um certo equilíbrio, apesar de Rui Rocha não ser dado a misticismos.





## RESTAURANTE

Itacho Sushi (Torre de Macau)

### No prato

Sopa *Mizu*

Bife com gengibre, *pickles* japoneses,  
salada e arroz branco

*Sashimi* de polvo

### No copo

Chá

### A fechar

Pastel de nata

Café

### Conta

160 patacas por pessoa

Já vamos saboreando o bife bem temperado, com chá a acompanhar, quando o nosso convidado começa a falar da Dinastia Tang (618-907), de todas a que mais o fascina na História da China. A poesia Tang, em especial o poeta Wang Wei, foi também decisiva para o livro de Rui Rocha, que abre precisamente com um poema de Wang que não vem traduzido e que deixa propositadamente curiosos todos os que não sabem ler caracteres.

É certo que o período Tang foi de uma enorme riqueza no que toca à artes e à cultura. Mas isso também se reflectia na organização social. O código jurídico dos Tang, conta Rui Rocha, foi usado dos séculos VII ao XIV, sem nunca perder actualidade. A civilização chinesa estava então muitos passos à frente do mundo ocidental.

*A Oriente do Silêncio* é o primeiro livro de poemas que Rui Rocha publica mas “há muito mais coisas na gaveta”. Os que saíram da privacidade para as mãos dos leitores são poemas sobre a vida, sobre o que nos rodeia, sobre o amor

Do passado milenar da China, passamos para a vida portuguesa, viajando entre os dois mundos que preenchem as várias gerações da família de Rui Rocha e o seu próprio imaginário. Paramos em Miguel Real, escritor, pensador, homem que esmiúça os vazios da política quando a política é vazia. *Nova Teoria do Mal* (Dom Quixote) é o novo livro do autor e Rui Rocha recomenda o prefácio, por ser uma análise profunda da política lusa durante as últimas décadas.

A meio da refeição pensamos: como é que um homem tão dedicado aos factos, das origens da linguagem à História dos homens, consegue depois coser linhas poéticas como esta? “escrevi o teu nome / tantas vezes sobre o mar que, / exausto de tanto azul, ali ficou / deitado nas areias da praia / onde ainda repousa ao sol”. Porque a poesia vem de outro lugar, do lugar onde o hábito de escrever nunca desapareceu.

*A Oriente do Silêncio* é o primeiro livro de poemas que Rui Rocha publica mas “há muito mais coisas na gaveta”. Os que saíram da privacidade para as mãos dos leitores são poemas sobre a vida, sobre o que nos rodeia, sobre o amor. “Há uma parte do livro, os ‘contos da lua vaga’,

que identifico com um segmento da minha vida privada, que é a minha vida afectiva.”

A obra, assume o autor, tem “marcas dessa parte mais desconhecida” da sua vida.

O almoço prossegue com um *sashimi* de polvo, que Rui Rocha prefere ao de salmão e por isso não renega. A

sobremesa não há-de ser comida aqui no *Itacho*, mas no piso inferior da Torre Macau, onde a padaria/pastelaria *Patisserie* é um dos segredos ainda bem guardados de Macau. Um pastel de nata e um café, à boa maneira portuguesa, para rematar uma conversa onde também entraram Herberto Hélder e Nuno Júdice, algumas das referências poéticas de Rocha. À mesa, os poetas também se entendem. ●

# UM LUGAR EM BRANCO

As saudades de Carlos d'Assumpção, ou do doutor Assumpção, como ainda lhe chamam, são cada vez mais fortes. Duas décadas depois da sua morte, não há em Macau uma individualidade que se lhe compare, diz quem o conheceu. Dotado de uma inteligência extraordinária, Carlos d'Assumpção continua a fazer falta à vida pública do território e àqueles que o rodearam

Texto **Alexandra Lages**



**H**á quem se deixe dominar pela nostalgia. Contam histórias e experiências pessoais com um sorriso desenhado nos lábios, maravilhados por terem convivido com esta personalidade histórica. E há, claro, situações em que o discurso é atropelado por uma saudade imensa. Suspiram após cada frase como que a tentar esconder a emoção e, sobretudo, a tristeza pela ausência de Carlos d'Assumpção.

Fabuloso, exímio, de uma inteligência superior, humano, afável, extremamente educado, nunca mais acabam os elogios que se fazem a este homem que desapareceu há 20 anos. Todos vivem com uma certeza: como Carlos d'Assumpção não há ninguém, “nem hoje, nem nos próximos séculos”, diz o seu antigo pupilo Leonel Alves.

Todos os dias ao entrar na Assembleia Legislativa (AL), a então presidente substituta Anabela Ritchie parava em frente ao retrato de Assumpção e pedia-lhe a bênção. “Em muitas situações pensava: Como será que ele resolveria isto?” Carlos d'Assumpção era mais do que amigo, pai, marido, político ou jurista. Era um mestre. Foi mestre de Anabela Ritchie, que o substituiu na presidência do hemiciclo após a sua morte, e de tantos outros macaenses que hoje têm um papel preponderante na vida pública desta região administrativa especial que o doutor Assumpção não chegou a ver nascer.

“Senti muito a falta dele”, diz Anabela Ritchie, emocionada. “Depois de 20 anos, ainda sinto dentro de mim o diálogo interrompido de uma maneira muito intensa”, confessa.

Anabela Ritchie e Carlos d'Assumpção trabalharam juntos no Conselho Ad Hoc criado para elaborar o Estatuto Orgânico de Macau após a Revolução de Abril. Ela foi nomeada deputada pelo Governador e ele eleito por sufrágio directo e promovido a presidente da AL. Foi o começo de uma “grande amizade”. “Foi um mestre que me ensinou tudo de política e da história de Macau”, diz a representante da comunidade macaense.

Carlos d'Assumpção tinha alma de professor. “Tinha paciência de chinês para ensinar”, dizem. Contudo, rejeitou o convite para docente

“Trabalhava em casa. Fizemos muitos projectos-lei pela noite fora. Tinha a cabeça sempre fresca. Podíamos estar a cair de sono, mas ele estava fresquíssimo”

**ANABELA RITCHIE**



de Direito em Coimbra, pois sentia a terra que o vira nascer em Março de 1929 a chamar por si. “Era um professor nato e tinha imenso prazer em ensinar. Ele tomou para si o encargo de transmitir o que sabia aos mais jovens e tinha prazer em partilhar os seus conhecimentos. Era extraordinário”, recorda Anabela Ritchie. “Beneficiei muito por ter encontrado um Carlos d’Assumpção na vida.”

### **REFERÊNCIA PARA A VIDA**

Leonel Alves, deputado à AL e advogado, não se esquece da primeira vez que viu Carlos d’Assumpção. “Se me lembro? Ainda hoje está presente”, exclama. Já ouvia falar no doutor Assumpção quando ainda era estudante de Direito em Coimbra. Voltou para Macau e fez questão de o conhecer. Colocou-se ao seu dispor para “dar um contributo para Macau” e recebeu “vários conselhos como advogado, homem e macaense”.

Jovem advogado, “com todas as dificuldades óbvias de quem inicia uma carreira”, Leonel Alves consultava muitas vezes Carlos d’Assumpção quando tinha dúvidas em alguns casos. E ficavam “até altas horas” a conversar. Carlos d’Assumpção era um noctívago. Era após o pôr-do-sol que se reunia com os amigos, conversava, ensinava, estudava e trabalhava.

Numa manhã do Verão de 1984, o jovem causídico recebeu um telefonema. Carlos d’Assumpção convidava-o para integrar uma lista para as eleições directas da primeira legislatura da AL de Macau. “Não podia dizer que não ao doutor Assumpção, mas pedi-lhe 24 horas para pensar. Era um grande compromisso, quando me disponibilizei era para debates e análises e não para seguir uma carreira política de deputado. Isso iria retirar-me muito tempo ao meu dia-a-dia. Estava no início da minha carreira de advogado e sentia dificuldades por todo o lado.”



\* Carmo Correia

“A primeira vez que veio o presidente da República a Macau, Mário Soares, o doutor Assumpção esteve a preparar o seu discurso durante horas e horas e fiquei de boca aberta com a sua eloquência, pois limitou-se a ler o primeiro parágrafo do discurso. O resto foi de improviso (risos). Pôs o texto de lado. Era realmente fabuloso, fabuloso”

**LEONEL ALVES**

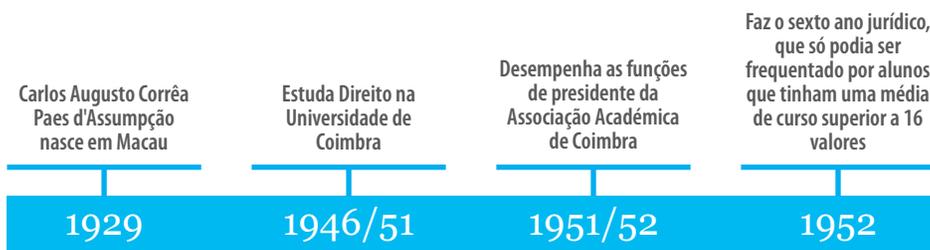
Contudo, Leonel ficou logo desarmado. “Ele disse: ‘Só tem dez minutos para decidir’”, relembra o advogado entre risos. “Aqueles minutos foram terríveis para mim. Antes de chegar ao termo desses dez minutos, recebi um novo telefonema dele a querer saber a resposta.” A resposta foi um sim meio inseguro e Leonel Alves iniciou uma “fase profícuca em todos os sentidos: como jurista, legislador, político, homem e macaense”. Ainda hoje, Carlos d’Assumpção é a referência do advogado. “Tudo o que faço é sempre na mira que estou a seguir a mesma filosofia e pensamento que é, ao fim ao cabo, proteger bem a população de Macau e enaltecer os valores da comunidade macaense.”

**O DEPUTADO E O GENERAL**

O jovem coronel Garcia Leandro foi o primeiro governador de Macau após o 25 de Abril. Os primeiros tempos do seu mandato, entre 1974 e 1976, “tiveram altos e baixos, até porque grande parte da população portuguesa de Macau estava com medo do futuro, face ao que se passava no restante ultramar português de então”, recorda Garcia Leandro.

Conheceu o jurista e político macaense em Junho de 1974 quando se deslocou a Macau em missão. “Nessa altura, contactei todas as entidades mais representativas de Macau e o Carlos d’Assumpção impressionou-me logo pela informação que me deu, pela qualidade e prudência dos seus conselhos, pela verdade que me transmitiu sobre a situação real de Macau, sobre o quadro de interesses em confronto, e pelo comportamento que manteve enquanto estive em funções, durante mais de quatro anos”, salienta. Garcia Leandro teve uma “relação muito forte e diversificada” com Carlos d’Assumpção. “Era o líder da comunidade macaense. O seu conselho foi-me sempre muito útil para questões que ele conhecia pela cronologia e por dentro, como ninguém”, sustenta.

Como político, o ex-governador recorda-o como sendo “muito hábil” e dirigia com “grande





\* Carmo Correia

\*“O macaense mais ilustre do seu tempo” é a inscrição que tem o busto do político numa rotunda na Taipa

mestria” a AL desde a sua abertura solene em Agosto de 1976 até à sua morte, em 1992. Por vezes, “tinha dificuldade em conciliar interesses divergentes que a si recorriam,” diz. Relativamente aos interesses de Portugal e de Macau, às relações com a República Popular da China e com Hong Kong, Garcia Leandro e Carlos d’Assumpção estiveram “sempre de acordo”. “Pôs sempre, acima de tudo, os interesses de Portugal - era um grande patriota - e teve sempre muito cuidado com o futuro dos macaenses.”

**PORTUGUÊS DE MACAU**

Anabela Ritchie acredita que Carlos d’Assumpção tinha uma visão para Macau. “Era um acérrimo português de Macau e macaense”, defende. “Tinha muito a ideia do tripé, que há três comunidades em Macau, e é preciso haver um equilíbrio.” Na AL, Carlos d’Assumpção era o “fiel da balança” e um “super-deputado”, recorda Leonel Alves. “Com a sua ausência, obviamente tudo se modificou”, afirma o antigo pupilo. “Não posso dizer que a mudança foi para pior, mas

Regressa a Macau depois de ter recusado o convite para professor de Direito em Coimbra. Inicia a carreira de advogado e mais tarde a de notário

1953

Participa nas negociações entre a República Popular da China e o Governo português de Macau durante o incidente “123”

1966/67

Vogal do Conselho Legislativo e procurador à Câmara Corporativa

1969/74

É agraciado com a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique

1971

## EFEMÉRIDE

foi diferente. A marca da AL passou a ser outra. Até hoje, deputados chineses lembram-se como a Assembleia funcionava, o papel que o doutor Assumpção tinha ao nível das comissões e ao nível dos pareceres. Não havia parecer nenhum que não passasse pelo crivo político-jurídico e até literário dele – porque ele escrevia com um belíssimo português”, conta.

O filho mais velho, também Carlos, tinha 31 anos quando o pai morreu. Recorda-se de ver a casa “sempre cheia de gente” durante a sua infância e adolescência. “O meu pai estava sempre pronto a ajudar quem necessitasse. Tinha imenso orgulho em ser português”, enfatiza.

Carlos d’ Assumpção, o pai, não cobrava honorários para dar conselhos jurídicos a macaenses e portugueses. Até ajudava adversários políticos que procuravam os seus préstimos. “Um dia perguntei-lhe porque é que os ajudava”, recorda Leonel Alves. “Ele riu-se e respondeu: ‘Temos que ser humanos’”.

E ganhava os recursos administrativos. Aliás, ganhava quase todos os seus casos. “Daí ter conquistado o imenso respeito da comunidade chinesa”, explica Anabela Ritchie.

“O meu pai era um homem conservador, mas capaz de sentimentos muito profundos, embora não fosse muito demonstrativo”, conta o primogénito com palavras emocionadas. “Era muito amigo do seu amigo, muito íntegro, e gostava de estar com os amigos à hora do jantar”, introduz.

Carlos lembra-se das histórias que o pai lhe contava quando



\* Albergue SCM

“Quando estava no primeiro ano da universidade, tive que ir a exame final. Era um exame global que incluía todas as cadeiras. O meu pai estava em Portugal de férias.

Estávamos na Figueira da Foz e fomos a Lisboa ver os resultados do exame. Tanto eu, como a minha irmã, tínhamos passado. Abraçou-nos e disse: ‘Nunca tive dúvidas’. Mas ele estava nervoso. Apesar de ser aparentemente calmo, às vezes também se enervava.”

### CARLOS D’ASSUMPÇÃO FILHO

Co-funda com um grupo de macaenses a Associação para a Defesa dos Interesses de Macau (ADIM), um grupo político de matriz portuguesa e de cariz conservador e localista

1974

Participa na elaboração do Estatuto Orgânico de Macau. Mais tarde é eleito por sufrágio directo para a primeira legislatura da Assembleia Legislativa de Macau

1975/76

Exerce as funções de deputado e presidente da Assembleia Legislativa de Macau

1976/92

“Estava a fazer uma investigação sobre Camilo Pessanha e ele disponibilizou-me a sua biblioteca jurídica. Encontrei processos onde ele intervinha e, devido à sua complexidade jurídica, eu pedia-lhe explicações. Ele tinha uma paciência infinita, com elementos de humor. Humor é prova de inteligência”

### **CELINA VEIGA DE OLIVEIRA**

era criança, da maneira como o pai gostava de ver as pessoas a aprender. “Era muito exigente, mas não exigia mais de nós [os três filhos] do que a si próprio. Exigia, mas dava o exemplo”, afirma.

O pai era muito grato a Macau, conta. “Dizia que era um português de Macau e que isso lhe deu todas as oportunidades que teve na vida. Dizia que tudo o que tinha devia a Macau.”

Carlos sempre teve um grande orgulho no pai. “Sinto-me muito orgulhoso porque ele se considerava português. Quando foi convidado para participar na redacção da Lei Básica, o meu pai insistiu em pedir autorização ao então presidente da República de Portugal. Antes de tudo, era português de Macau.”

Grande parte do actual capítulo sobre as liberdades e garantias da Lei Básica foi feito pela mão de Carlos d’Assumpção. Trabalhou nisso, já doente.

### **UM CAVALHEIRO**

Tal é a admiração que a investigadora Celina Veiga de Oliveira tem por Carlos d’Assumpção que está prestes a publicar a sua biografia. Quando se mudou para Macau para dar aulas no liceu, em 1980, já tinha ouvido falar do jurista e político várias vezes em Portugal. “Falaram-me que era um excelente advogado, grande aluno em Coimbra e presidente da AL. Não demorou muito para nos encontrarmos.”

E as expectativas foram mais do que superadas. “Era uma figura que se destacava, culto, bem educado, elegante, afável para as pessoas e disponível para ajudar os outros”, recorda.

Era ao mesmo tempo discreto. Um verdadeiro cavalheiro. “Não tinha muita vontade de protagonismo, mas tinha um carisma muito forte que toda a gente respeitava. Era um português com um toque britânico. Muito ponderado, tudo o que dizia era com um enorme bom senso, muitíssimo sensato e inteligente.”

A investigadora destaca o facto de Carlos d’Assumpção ter sido sempre eleito deputado pela via directa, o que lhe conferia “muita legitimidade”. Na obra *Um Homem de Valor*, Celina Veiga de Oliveira presta-lhe homenagem. A fotobiografia deverá ser lançada até ao fim deste ano.

“Tinha uma postura de líder”, acrescenta Anabela Ritchie. Era, no fundo, uma personalidade ímpar. “Ainda hoje penso, se ele continuasse vivo, o que é que faria em determinados momentos, mesmo depois da transição para a China”, diz Leonel Alves. “Costuma-se dizer que ninguém é insubstituível. Neste caso concreto, a substituição é extremamente difícil.” ●

A Assembleia Legislativa é dissolvida pelo Presidente português Ramalho Eanes depois de Carlos d’Assumpção ter protagonizado um conflito político invulgar com o Governador Vasco Almeida e Costa. Novas eleições são realizadas e d’Assumpção é novamente eleito por sufrágio directo

Membro da Comissão de Redacção da Lei Básica de Macau

Presidente da Mesa da Assembleia-geral da Associação dos Advogados de Macau

Morre a 20 de Abril e é agraciado meses mais tarde com a Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo, a título póstumo

1984

1988/92

1991/92

1992



\* Arquivo Histórico de Macau

# O HOMEM, O ADVOGADO E O POLÍTICO

Texto **Vanessa Amaro**

Oriundo de uma família tradicional de Macau, Carlos Augusto Corrêa Paes d'Assumpção (1929-1992) fez a sua vida em torno do direito e da política. Após concluir os estudos do secundário no Liceu Nacional D. Henrique, rumou a Portugal para iniciar a licenciatura na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Durante os cinco anos de vida académica, Henrique de Senna Fernandes dividiu casa, na Travessa do Olimpo, e também experiências boémias, com d'Assumpção. Ao abordar certa vez o tema, Senna Fernandes recordava as conversas que tinha com o colega de casa à volta da mesa de jantar. “Conversávamos sobre os mais variados assuntos. Expúnhamos as nossas ideias e opiniões, os nossos sonhos e as nossas ambições. Tínhamos discussões acaloradas, mas antes de azedarmos definitivamente, interrompíamos a conversa para contar anedotas, histórias brejeiras e comentários saborosos sobre o eterno feminino. Macau estava sempre presente.”

Entre 1951 e 1952, d'Assumpção presidiu a Associação Académica de Coimbra, o que significava, na altura, uma distinção para um aluno ultramarino. Fez o sexto ano jurídico, privilégio que estava reservado aos melhores, aqueles que tinham média de curso superior a 16 valores. O aluno macaense teve 17. O feito afável que todos lhe reconhecem trouxe-lhe amigos no tempo da capa e batina. A sua fama de bom aluno espalhou-se por Coimbra e d'Assumpção usava os serões para dar explicações sobre as matérias mais difíceis aos colegas da Faculdade de Direito.

O brilhante aluno macaense foi convidado para ficar a leccionar em Coimbra. Mas a opção foi o regresso a casa, em 1953, onde se destacou logo como causídico, sem nunca cobrar honorários a macaenses e portugueses.

Tendo trabalhado politicamente nas hostes da União Nacional, foi vogal do Conselho

Legislativo de Macau, vogal do Conselho de Governo de Macau e, mais tarde, procurador à Câmara Corporativa (1969-1974). Foi também delegado substituto do Procurador da República de Macau e provedor da Santa Casa da Misericórdia de Macau, em cuja qualidade integrou a Câmara Corporativa, representando as misericórdias das províncias ultramarinas portuguesas.

Todos estes cargos vieram a confirmar o destaque e a importância que Carlos d'Assumpção tinha e ocupava dentro da comunidade macaense. Em 1974, co-fundou a Associação para a Defesa dos Interesses de Macau (ADIM), de cariz conservador e politicamente próxima do Centro Democrático Social (CDS) português. O principal objectivo da ADIM era evitar que a descolonização portuguesa de África pudesse ser de alguma forma aplicada a Macau. A ADIM defendia a curto prazo a manutenção do *statu quo* de Macau como território português.

Num eleitorado que naquela altura era ainda pequeno (cerca de 3600 eleitores), a ADIM conseguiu ganhar nas eleições realizadas em 1975 para a Assembleia Constituinte de Portugal. Com 1622 votos (0,03%), conseguiu eleger um deputado, Diamantino de Oliveira Ferreira, pelo círculo eleitoral de Macau, derrotando assim o Centro Democrático de Macau.

“O trabalho para a minha terra fá-lo-ei sempre. Seja como advogado ou como simples cidadão, nunca deixarei de fazer aquilo que for necessário pela terra que me viu nascer e à qual devo tudo o que sou hoje”

**IN COMÉRCIO DE MACAU, 1988**

Nas primeiras eleições legislativas em Macau, em 1976, a ADIM voltou a vencer e, com cerca de 55% dos votos (1497 votos num total de 2846 eleitores), conseguiu eleger quatro deputados à Assembleia Legislativa de Macau, por via do sufrágio directo. Logo, Carlos d'Assumpção foi eleito presidente da Assembleia Legislativa de Macau (AL), cargo que exerceu até à data da sua morte (1992).

Nas eleições legislativas de 1980, a ADIM voltou a vencer com 1433 votos (59,3%), conseguindo eleger quatro deputados - Carlos Augusto Corrêa Paes d'Assumpção, Joaquim Morais Alves, Anabela Fátima Xavier Sales Ritchie e Diamantino Oliveira Ferreira - por sufrágio directo. Nesta legislatura, Carlos d'Assumpção, como presidente da AL, protagonizou um conflito político invulgar em Macau com o Governador Vasco Almeida e Costa (1981-1986), que causou uma situação de grande desconforto entre a comunidade macaense.

Em 1984, a Assembleia Legislativa foi dissolvida pelo Presidente português Ramalho Eanes, por sugestão do Governador Almeida e Costa, através de um telegrama assinado no dia 27 de Fevereiro. A dissolução da Assembleia Legislativa uniu a comunidade macaense em torno de Carlos d'Assumpção. Foram convocadas neste mesmo ano novas eleições legislativas, as primeiras em que houve um domínio do eleitorado não português no sufrágio directo, fruto das reformas e incentivos fiscais ao recenseamento eleitoral decretados pelo Governador Almeida e Costa, dias antes da dissolução da Assembleia Legislativa.

Carlos d'Assumpção, com a ajuda das forças tradicionais de Macau, liderou uma lista composta por vários elementos importantes da comunidade chinesa. A sua lista (União Eleitoral), que também incluía portugueses vindos da ADIM, venceu com 16.003 votos (58,87%), conseguindo eleger quatro deputados - Carlos Augusto Corrêa Paes d'Assumpção, Manuel de Mesquita Borges, Lau Cheok Vá e Leonel Alberto Alves - por sufrágio directo.

Aquando da visita do então primeiro-ministro português Cavaco Silva a Macau, em 1987 (após a sua ida a Pequim para a assinatura da

Um advogado tão sabedor  
Macaense de tão grande  
aceitação  
Que vive só para Macau  
Com Portugal no coração.

**[POEMA DE  
JOSÉ DOS SANTOS FERREIRA, ADÉ  
DEDICADO A CARLOS D'ASSUMPÇÃO]**

Declaração Conjunta Sino-Portuguesa sobre a Questão de Macau), Carlos d'Assumpção, perante a Assembleia Legislativa e Cavaco Silva, afirmou o seguinte: "Seja-nos permitido manifestar a nossa firme convicção de que a população de Macau não será arredada ou mantida alheia de quanto se revele indispensável para a correcta interpretação do acordo, a pronta integração das suas eventuais lacunas, a escrupulosa e fiel execução das suas políticas e, inclusivamente, a sua preparação para poder administrar Macau na primeira metade do século XXI". Por fim, lançou também uma frase emblemática: "É em Macau que se administra Macau".

Enquanto presidente da Assembleia Legislativa



\* Arquivo Histórico de Macau

**\* Numa sessão na Assembleia Legislativa na década de 1980, ao lado do então Governador Almeida e Costa**

recebeu, em Novembro de 1990, o então presidente português Mário Soares, proferindo um discurso marcante, que revelava bem a sua defesa pelos valores nucleares da política e do seu amor pela terra. “A miscigenação física e cultural não mudou os que sempre pautaram a sua vida em consonância com a do povo que, impelido pela ânsia criadora e pelo espírito de aventura e descoberta, trouxe até aqui os valores morais e espirituais da civilização ocidental. Tão pouco transformou o povo portador de uma cultura e sabedoria de milénios com a sua própria concepção do mundo e da vida. Macau é um padrão europeu no Oriente, uma moeda rara e preciosa, concebida e cunhada pelo génio

luso-chinês que importa preservar, sejam quais forem os custos”, proferiu.

Carlos d'Assumpção morreu no dia 20 de Abril de 1992, a poucos meses antes das eleições legislativas de 1992, com apenas 63 anos de idade, numa época ainda incerta para Macau. O cargo de presidente da Assembleia Legislativa passou a ser ocupado pela deputada Anabela Fátima Xavier Sales Ritchie.

Em 1971, Carlos d'Assumpção recebeu a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique. Em 1992, foi agraciado com a Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo, a título póstumo. Uma alameda, uma rotunda e um parque na zona dos Novos Aterros do Porto Exterior (NAPE) têm hoje o seu nome. ●

# SOMBRAS PARA A ETERNIDADE



O teatro chinês de sombras é, desde o ano passado, Património Imaterial da Humanidade. A tradição chinesa entrou para a Lista Representativa da UNESCO devido à sua forte história cultural, crenças sociais e costumes locais. Viaje pela história da arte que combina marionetas, canto, literatura oral e artesanato

Texto **José Simões Morais**

O teatro de sombras, uma arte folclórica tradicional chinesa, já soma quase 2000 anos de história, mas só agora, depois da sua inscrição na lista de Património Imaterial da Humanidade pela UNESCO em Novembro de 2011, dá mostras de que o seu risco de extinção faz parte do passado. A eleição internacional deu um novo fôlego à preservação da tradição das sombras, especialmente em zonas rurais da China, onde se tem notado um esforço pelo resgate de conceitos esquecidos através de gerações.

Consideradas como um precursor do cinema moderno, as sombras chinesas são peças teatrais encenadas por figuras de papel, couro de búfalo ou de burro projectadas numa tela branca. O actor manipula as marionetas por trás do ecrã enquanto canta o enredo do conto.





Em Xian, tivemos o primeiro contacto com as silhuetas usadas no teatro de sombras. Foi também nesta cidade, conhecida antigamente por Chang'an, que viemos à procura do museu das silhuetas recortadas em couro transparente, trabalhado e pintado. Na Província de Zhejiang, na aldeia de Wuzhen, assistimos à representação de uma peça de teatro projectada num ecrã improvisado com um lençol, que escondia os actores que cantavam a história enquanto as figuras resplandeciam sobre o branco.

Nos bastidores desta tradição, observamos como as varas eram manejadas com uma vivacidade que, combinada com a disputa entre a voz e os sons da música, dava magia aos movimentos das sombras. Já em Chengdu, capital da Província de Sichuan, fomos contemplados com um espectáculo didáctico a narrar não uma estória, mas sim a história desta arte milenar.

Com uma fonte luminosa e mãos à sua frente, criam-se sombras de figuras que parecem ter vida. O teatro de sombras de couro, ou *pi ying xi* como se diz em mandarim, é um dos três tipos de espectáculos que usa bonecos. Já os outros géneros recorrem a fantoches, bonecos de luva ou títeres.

Os espectáculos tiveram uma origem anterior à Dinastia Han (206 a.C. a 220 d.C.). Mas foi nesta corte que o uso de sombras, com formas de figuras humanas e de animais através de folhas de árvores recortadas, servia já para entreter as crianças. Entre 445 e 396 a.C., Zi Xia, discípulo de Confúcio, conjugava sombras e música durante as suas palestras nocturnas na Província de Shanxi, como forma de agarrar a atenção dos espectadores.

No início, os raios de sol criavam a silhueta desejada. Mais tarde, as sombras ganharam novos contornos com fogueiras no interior de grutas. A noite é propícia às sombras, graças à luminosidade da lua. Milhares de anos passaram desde que se começou a ter consciência dos diferentes tipos de sombra e, conseqüentemente, a forma de serem usadas para fins de diversão ou de ensinamentos.

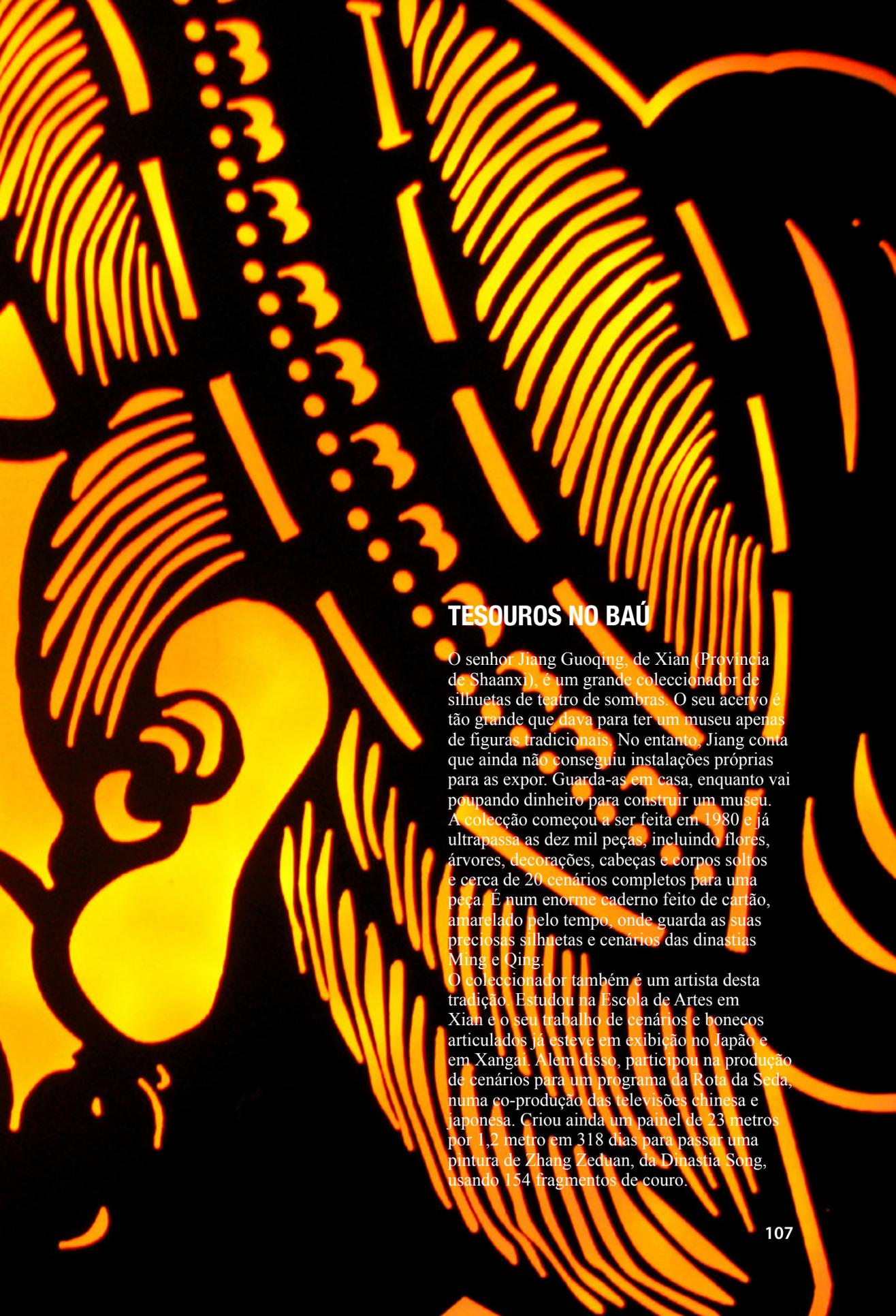
Diz uma lenda que o filho do primeiro imperador da Dinastia Qin (221 a.C. a 206 a.C.), Shi Huang Di, só parava de chorar quando via vultos a passar pelas janelas. Os criados foram então mandados passear pela escuridão para entreter a criança. A partir dessas sombras, foram recriadas figuras em madeira tridimensionais. Mais tarde, desenvolveram-se silhuetas bidimensionais de fácil manejo, construídas com seda ou papel e controladas por varas de bambu.

Conta a história que Wu Di, o sexto imperador da Dinastia Han do Oeste, que governou entre 141 e 87 a.C., estava deprimido com a morte de uma das suas concubinas favoritas, Li. Mandou então fazer um retrato da senhora e a cerimónia fúnebre foi realizada como se tratasse de uma imperatriz. Das 18 mil concubinas da corte do

Consideradas como um precursor do cinema moderno, as sombras chinesas são peças teatrais encenadas por figuras de papel, couro de búfalo ou de burro projectadas numa tela branca







## TESOUROS NO BAÚ

O senhor Jiang Guoqing, de Xian (Província de Shaanxi), é um grande colecionador de silhuetas de teatro de sombras. O seu acervo é tão grande que dava para ter um museu apenas de figuras tradicionais. No entanto, Jiang conta que ainda não conseguiu instalações próprias para as expor. Guarda-as em casa, enquanto vai poupando dinheiro para construir um museu. A coleção começou a ser feita em 1980 e já ultrapassa as dez mil peças, incluindo flores, árvores, decorações, cabeças e corpos soltos e cerca de 20 cenários completos para uma peça. É num enorme caderno feito de cartão, amarelado pelo tempo, onde guarda as suas preciosas silhuetas e cenários das dinastias Ming e Qing.

O colecionador também é um artista desta tradição. Estudou na Escola de Artes em Xian e o seu trabalho de cenários e bonecos articulados já esteve em exibição no Japão e em Xangai. Além disso, participou na produção de cenários para um programa da Rota da Seda, numa co-produção das televisões chinesa e japonesa. Criou ainda um painel de 23 metros por 1,2 metro em 318 dias para passar uma pintura de Zhang Zeduan, da Dinastia Song, usando 154 fragmentos de couro.

## TRADIÇÕES CHINESAS

imperador, Li pertencia ao círculo mais restrito das mulheres que com ele intimamente se relacionavam, tendo-lhe dado um dos seis filhos varões. A princesa morreu jovem e o imperador caiu num estado de profunda tristeza. Foi quando alguém se lembrou de chamar Li Shao Weng, um criador de ilusões, para lhe fazer uma surpresa e aliviar-lhe do desgosto.

No palácio de Chang'an, montaram-se duas tendas brancas, uma ao lado da outra. O imperador foi transportado à noite para um dos recintos e teve instruções para jamais sair de lá. O ilusionista projectou então a silhueta da concubina esculpida em madeira no pano da tenda. Ao ver a sombra da sua dama a passear no outro lado da tenda, o imperador levantou-se e correu para a porta a chamar por Li. Mas logo a luz se apagou e a imagem desapareceu. Assim, o imperador deixou de sofrer e com esta última recordação dedicou-lhe um poema. Foi o primeiro espectáculo de teatro de sombras a ficar registado na história.

Durante a Dinastia Tang (618 a 907), os budistas serviam-se desta arte para contar a história de Buda. Mas foi apenas durante a Dinastia Song (960-1279) que as sombras se tornaram um popular método de entretenimento. Antes disso, os livros focavam-se em determinados pormenores desta arte e durante a Dinastia Song do Norte, muito se escreveu sobre o teatro de sombras.

Por exemplo, 都城纪胜 - 瓦舍众伎 (*Du Cheng Ji Sheng - Wa She Zhong Ji*), escrito por Nai De Weng, 梦梁录 - 百戏伎艺 (*Meng Liang Lu - Bai Xi Ji Yi*), de Wu Zi Mu, ou 事物纪原 - 影戏 (*Shi Wu Ji Yuan - Ying Xi*), de Gao Cheng, fazem uma descrição detalhada do teatro de sombras, referindo o aparecimento dos primeiros grupos profissionais no reinado do imperador Ren Zong (1023-1063).

Naquela altura, o teatro de sombras era exibido em dias de festa e nas casas de senhores ricos, com temas sobretudo históricos, passando a ser também uma presença constante na vida cultural da sociedade. Quando em 1126, Kaifeng, a capital da Dinastia Song do Norte



A primeira peça de teatro de sombras a ser registada na China aconteceu durante a Dinastia Han do Oeste. O imperador Wu Di estava deprimido com a morte de uma das suas damas e um ilusionista acalmou-lhe o coração com uma exibição de sombras com traços da amada

foi conquistada pela Dinastia Jin, entre os quase 3000 prisioneiros levados da corte Song para Harbin, havia 150 pessoas que trabalhavam nos teatros de sombra.

No século XIII, durante a Dinastia Mongol dos Yuan, os diferentes teatros de sombra das províncias do Oeste (Gansu, Ningxia e Shaanxi) foram levados para a capital, onde se fundiram, integrando as melhores características de cada género.

Com a mobilidade facilitada pelo amplo espaço do território mongol, que se estendia às portas da Europa e às fronteiras com os nómadas do Sudeste Asiático, as representações para distrair as tropas – até então limitadas ao interior das tendas - passaram a ser realizadas pelos caminhos do Oeste, desde a Ásia Central ao Império Otomano e no Sudeste da Ásia, onde encontrou um terreno profícuo.

A sociedade do Sudeste da Ásia, que prezava o decoro e não via com bons olhos manifestações de afecto em público, acabou por encontrar no teatro de sombras um lugar para representar e mostrar tais sentimentos, já sem o elemento humano a limitar.

Durante a Dinastia Ming (1368-1644) havia mais de 40 grupos só em Pequim e alguns dos dramas representados noutras formas de teatro tiveram origem no teatro de sombras.

O jesuíta J. B. du Halde (1674-1743), através do livro *Descrição do Império da China*, levou para a Europa um relato sobre o teatro de sombras chinês. "Fiquei admirado ao ver

delicadas figuras trabalhadas com delicados padrões cheios de imaginação em pele fina e colorida e o trabalho do manobrador que consegue fazer as figuras andarem, os cavalos galoparem...", narrava.

O religioso descreveu como tal resultado era possível. "Além do manipulador, existe em cada grupo de cinco a seis pessoas. Um cantor cria todas as vozes das figuras e toca gongo e tambor. Os outros tocam 16 instrumentos musicais. Cada figura está ligada a um som próprio e a um estilo de movimentos."

Em meados da Dinastia Qing, esta forma de arte atingiu o seu esplendor, mas foi também então que surgiram problemas. Muitas vezes os espectáculos serviam para fazer críticas acérrimas à governação.

Com a Revolução de 1911, muitas das melhores colecções de silhuetas foram vendidas para o estrangeiro. Actualmente, o Museu de Offenbach, na Alemanha, alberga a maior colecção de antigas silhuetas chinesas, contando-se entre elas a do imperador Qianlong. Sem a concorrência de outras formas de entretenimento, como a televisão ou o cinema, o teatro de sombras foi uma forma de divertimento muito apreciada por diferentes gerações. Mesmo após a fundação da República Popular da China, o primeiro-ministro Zhou Enlai (1949-1976) chegou a brindar os seus convidados, tanto estrangeiros como locais, com espectáculos de sombras chinesas. No entanto, a seguir a Revolução Cultural este género de arte quase deixou de existir. Os bonecos tiveram que ser escondidos para não serem destruídos.

Actualmente, o teatro de sombras é muito popular na Província de Shaanxi, onde está dividida em duas escolas: Nanlu (do Sul) e Beilu (do Norte). As silhuetas dos bonecos de Nanlu têm 33 centímetros e estão todas decoradas da mesma maneira. As da escola Beilu foram influenciadas por tradições de Pequim.

Os bonecos provenientes daquela região têm a cabeça exageradamente grande, onde sobressaem olhos enormes com as sombras abertas em grandes proporções. A boca é trabalhada de acordo com o sexo: o homem fica com os lábios fechados e a mulher, com eles abertos. Também os teatros de sombras das províncias de Hebei e de Liaoning são muito famosos.

## TRADIÇÕES CHINESAS

# AS TRÊS ESCOLAS DO TEATRO DE SOMBRAS

A partir de 1911, três escolas do teatro de sombras tomaram forma na China: a Ocidental (centrada sobretudo na arte de Shanxi), a do Norte (dominada por artistas de Luanzhou na Província de Hebei) e a do Sul (com origem em Hangzhou, Província de Zhejiang). Com o desenvolvimento e a adoção de música e culturas locais, o teatro de sombras ganhou uma enorme popularidade em mais de 20 províncias de toda a China. Diferentes cidades e aldeias criaram figuras únicas, com características das suas próprias tradições, criando personagens únicas e canções que enriquecem ainda mais este património intangível. ●

### O PROCESSO

As marionetas são feitas de vários materiais, como couro, pele e papel. A matéria-prima mais usada é o couro. Depois de removidas impurezas, o couro é esticado numa moldura e deixado a secar por semanas.



Depois de seco, o couro é marcado pelo artesão em diferentes partes. Cada pedaço é utilizado especificamente para um membro diferente do corpo da silhueta.



As partes mais finas destinam-se aos membros superiores de forma a garantir leveza de movimentos. As mais grossas vão para os membros inferiores para maior estabilidade.



O artesão recorta as partes marcadas e cose os membros com linha de couro. O próximo passo é a ilustração e as formas que dão vida às diferentes partes do corpo.



Detalhes como expressões faciais são cuidadosamente entalhados. O artista adiciona então cores básicas e começa a dar vivacidade às figuras.



O artesão utiliza agora uma maior variedade de cores e dá o toque final à marioneta. Depois de a tinta estar seca, bastões de bambu são colados por detrás das marionetas.



## ALTOS-E-BAIXOS DAS SOMBRAS



1023 - 1063

Começa-se a discutir a origem da tradição. O primeiro registo do teatro de sombras remonta os tempos do imperador Ren Zhong da Dinastia Song (960-1279). A prosperidade social impulsiona a popularidade do teatro de sombras entre civis abastados.



1127 - 1279

O teatro de sombras chega a um nível de popularidade nunca antes visto. Aparecem os primeiros artesãos totalmente dedicados às marionetas e proliferam-se companhias de artistas de sombras principalmente em Hangzhou.



1369 - 1644

A Dinastia Ming transfere a capital da China para o Norte do país, levando consigo uma legião de artistas do Sul, que abrem escolas e oficinas de marionetas nas cidades de Leting e Luanzhou, na Província de Hebei. Registam-se os primeiros espectáculos longe do Sul.

# OS 12 TIPOS DE MARIONETAS

## NORTE DA CHINA



**Qinghai:** as figuras são pequenas e esguias



**Tangshan:** também conhecidas por figuras de "Laoting", "Laotai" e "Luanzhou". As silhuetas são feitas de pele de burro



**Liaoning:** gravuras únicas, marionetas delicadas com expressões vividas



**Heilongjiang:** similares às figuras de Luanzhou na Província de Hebei

## OESTE DA CHINA

**Shaanxi:** gravuras delicadas com muita atenção aos detalhes



**Chengdu:** as figuras têm 13 articulações. Cabeça, rostos, bigodes, dedos, pés, braços e pernas - tudo é manuseado pelo artista



**Kunming em Yunnan:** nenhuma figura tem a parte da cintura conectada aos membros inferiores ou superiores



**Tengchong em Yunnan:** as marionetas são altas com pernas pequenas

## CENTRO E SUL DA CHINA

**Henan:** o espetáculo é acompanhado por oito instrumentos musicais tradicionais, que, segundo a mitologia chinesa, foram usados pelos Oito Imortais



**Haining na Província de Zhejiang:** figuras simples e cheias de cor



**Hubei:** canções que datam de 500 anos a.C.



**Lufeng na Província de Guangdong:** dialecto local dá voz ao teatro



**Hunan:** as figuras são feitas de papel e levam poucas cores



GUILLERMO MUNRO, DENG ZHANGYU / CHINA DAILY



1767 - 1781

A tradição chinesa chega à Europa, principalmente através de artistas franceses, alemães e ingleses. Pouco a pouco, a arte torna-se conhecida por todo o mundo.



1796 - 1900  
Agricultores organizam

espectáculos nos tempos livres, rompendo as muralhas dos palácios imperiais. Mas a instabilidade do país faz com que o teatro seja proibido e as marionetas desapareçam.



1913 - 1949

A arte volta a fazer furor depois do fim da Dinastia Qing (1644-1912). Editoras de Xangai e do Japão gravam álbuns das canções mais populares dos espectáculos de sombras.



1966 - 1976

Com a Revolução Cultural é ordenada a destruição dos guiões e das marionetas. Perde-se um grande legado artístico  
1982  
É criada a Associação de Marionetas e Artes de Sombras da China

PERFIL



# PERFECCIONISTA ILUSTRADO

Fortes Pakeong Sequeira é um dos mais singulares artistas da cena local de Macau. Ilustrador, pintor, músico, o seu percurso artístico inflecte para um registo cada vez mais performativo

Texto **Carlos Picassinos**



\* Obra "Tá-se Bem" no Museu do Oriente, Lisboa

Articula umas palavras em português em resultado do ambiente e da educação doméstica, mas a fluência não resiste durante muito tempo à conversa no pátio do Albergue SCM, num fim duma tarde de Outono, em que Fortes Pakeong Sequeira, artista gráfico, músico, *performer*, revisita as suas opções artísticas, o estado das artes em Macau e o momento em que se encontra o seu trabalho.

É aqui que a conversa escorrega para o céu de Lisboa voltando a Março do ano passado quando, numa iniciativa inédita, a Fundação Oriente organizou uma colectiva de artistas de Macau na capital portuguesa. A mostra possibilitou a deslocação à capital portuguesa de uma delegação de artistas locais onde se encontrava Pakeong. Se a viagem a Portugal não significou para o luso-descendente uma epifania, a mudança de ares andou lá perto. "Passei a ter cor, passei a usar cor!", sublinha. "Não sei se notaram, mas nesse meu trabalho aconteceu o que nunca tinha acontecido antes de



Esta vocação para as artes  
descobriu-lha a tia,  
quando Pakeong tinha quatro anos.

“Reparou que eu  
desenhava muito bem.”

ir a Lisboa. Usei vermelho”, afirma, inspirando fundo como se regressasse ao local daquele “ar leve, acolhedor, suave, tão diferente”, recorda ele a sensação.

A ambiência foi tão determinante que passados estes meses ainda faz comparações com o que se passa na Ásia. “Por exemplo, em Taiwan é verdade que são todos muito simpáticos, que na

Malásia as pessoas costumam ser muito dialogantes, e no Japão, muito formais. Por isso, quando fui a Lisboa senti alguma coisa diferente. Senti-me muito acolhido”, recorda. “Mas eu próprio também achei que tudo aquilo, de alguma forma, era inspirador. Foi a primeira vez que me senti bem a usar uma cor nos meus trabalhos. Quando voltei ao museu, pus-me a pintar com vermelho.”

Esta vocação para as artes descobriu-lha a tia, quando Pakeong tinha quatro anos. “Reparou que eu desenhava muito bem.” Neste pequeno embalo, a família foi notando a inclinação do petiz. Na verdade, a família e o universo alucinado da sua infância atravessam, em resíduo, toda a produção de Pakeong.

A exposição que, em Fevereiro deste ano,



\* Pakeong Sequeira em pleno processo de desenho directo numa mesa

inaugurou na galeria do *Art for All* recupera essa memória infantil de refúgio, de introspecção e solidão profundas. *Soul Out*, o título genérico da mostra, assumia certa dimensão autobiográfica. Os trabalhos eram atravessados pela expiação sentimental de uma família quebrada, da sua deriva pela grande cidade de Hong Kong, onde trabalhou ainda adolescente, e onde chegou a ser traficante e consumidor de estupefacientes. Pakeong, nascido em 1978, contava ter vivido à custa desse mundo, na marginalidade que lhe está associada, até que aos 17 anos decidiu regressar a Macau e recomeçar os estudos.

Nestas peripécias de adolescente, a música ou a pintura foram sempre companheiras de estrada. É verdade que, pragmaticamente, jamais ambicionou tornar-se naquele pintor cuja obra conheceria, mais tarde, no Instituto Politécnico de Macau, onde estudou, e o único que verdadeiramente o impressionou: Salvador Dalí. Nunca se projectou assim.

Não porque o génio o tivesse abandonado, mas simplesmente porque acabou por pesar mais nele a geografia (e a economia) de Macau do que o sonho pueril. E daí a opção pelo Design Gráfico e não pelas Belas Artes. “Seria difícil sobreviver”, explica. “Não sou uma pessoa rica. As pessoas não sobrevivem com a pintura, ainda hoje é muito difícil e, na altura em que estava a estudar, mais difícil era.”

Apesar de tudo, o panorama está longe de ser o mesmo de há dez ou 15 anos, quando Pakeong estava a tirar o curso. Hoje, a dinâmica artística e a internacionalização de Macau trouxeram oportunidades que antes não se imaginariam.

Pakeong Sequeira impôs-se no meio como designer gráfico. Mais concretamente como ilustrador, designação que hoje já diz ser equívoca. “O meu trabalho é uma mistura de várias linguagens, mas nunca prescindindo do computador porque quando me vem uma ideia importante à cabeça a única maneira de a agarrar é ter ali o computador à mão.”

Ainda assim, alguém mais familiarizado com o meio artístico local e com as sucessivas exposições desta jovem geração de artistas identifica Pakeong pelo seu trabalho directo na tela. “Deixo-me levar pela minha imaginação automaticamente. Pinto no impulso. Surreal mas nem sempre. Acho que há uma palavra que designa bem o meu trabalho: vida. E vida porque nos meus desenhos, que não é apenas pintar ou desenhar, há acção envolvida.”

Foi um toque que lhe ficou dos grafitis que, a determinada altura, também lhe interessaram. “Cheguei a ser *writer* e hoje penso que há qualquer coisa dessa linguagem no trabalho que vou fazendo. Há um fogo na alma que nos impele para essa acção.” O mesmo fogo que lhe faz buscar o perfeccionismo.



O único pintor que  
verdadeiramente o  
impressionou recorda  
hoje: Salvador Dali. Nunca  
ambicionou ser assim, revela

“A ilustração hoje é muito determinada pelo trabalho no computador, mas isso ajuda-me mesmo muito porque sou um perfeccionista. O que eu procuro é a perfeição, a linha perfeita, suave, limpa.”

Da pintura, ou da ilustração para a fotografia, seria um passo natural, e da fotografia para o vídeo, outro passo, mas nunca foi por aí. Nunca até ao recente Festival Fringe, para o qual preparou uma instalação-performance. Na verdade, Pakeong acaba por reconhecer que se considera um *performer*, destacando a relação que estabelece com o público quando, nas galerias ou nos museus, desenha directamente na tela.

“Esse lado performativo interessa-me muito.

Quando estou a trabalhar as pessoas vêm falar comigo e essa ideia entusiasma-me muito, estar a trabalhar e ao mesmo tempo estar a conversar com as pessoas, como se aquilo fosse um palco”, nota. “Sinto-me mais a fazer performance do que, propriamente, ilustração ou pintura.” Uma intervenção que se prolonga na música e na sua banda Blademark, na qual é compositor, letrista e cantor, estando a finalizar um novo álbum de originais.

Instalado num território de multiplicidade, Pakeong é ainda um artista em transição. Experimentando, arriscando, num jogo entre novos mundos. Na sua arte, assim como na sua biografia. ●



\* Fortes Pakeong Sequeira com a mãe, Madalena



# “A ARTE É UM ESPELHO DO HOMEM”

Dez anos depois de fechar a digressão de *Sexo, Drogas e Rock and Roll* em Macau, o actor português Diogo Infante volta este mês de Junho ao território, desta vez para estrear uma nova peça também adaptada dos monólogos do dramaturgo norte-americano Eric Bogosian

Texto **Filipa Queiroz** | Fotos **Paulo Cordeiro**, em Portugal



O público de Macau vai ser o primeiro a assistir a *Preocupo-me, logo existo!*, o novo espectáculo de Diogo Infante. O actor português, que nos últimos anos se desdobrou em mil e um projectos e (en)cargos, resolveu voltar a levar à cena um espectáculo do actor, dramaturgo e novelista norte-americano Eric Bogosian. Depois do tremendo êxito *Sexo, Drogas e Rock and Roll* há uma década, Infante admite que foi levado pelo ímpeto crítico provocado pelo contexto socioeconómico e político dos tempos que correm. “Deixou tanta saudade, foi preponderante na altura, e coincidentemente terminou em Macau. Estreou em Lisboa em 2000, fez duas digressões, esteve quase dois anos em cena. Volvidos dez anos tive vontade de me reencontrar com o Bogosian numa altura que me pareceu apropriada, e surgiu esta oportunidade de começarmos ao contrário, estreando o espectáculo aí”, conta o actor à MACAU.



*Preocupo-me, logo existo!* chega no dia 25 de Junho através da Casa de Portugal e vai à cena no Centro Cultural de Macau. Adaptado do original *Pounding Nails in the Floor with My Forehead*, Diogo Infante interpreta neste novo *one man show* uma série de textos distribuídos por várias personagens. “Todas elas são um bocadinho marginais de uma sociedade contemporânea, onde o tom é necessariamente de um humor muito corrosivo e sarcástico, em que Bogosian, ao seu jeito habitual, faz uma crítica aos bons valores, ao *modus vivendi* das sociedades urbanas e contemporâneas de hoje em dia”, explica Infante.

### O PALCO E A CRISE

Eric Bogosian é autor de peças de teatro de grande sucesso como *Talk Radio*, nomeado ao Prémio Pulitzer e levada ao grande ecrã por Oliver Stone no filme homónimo de 1988. Os solos que encheram plateias durante anos em palcos dos Estados Unidos e da Europa renderam-lhe três

Prémios Obie de teatro e edificaram a imagem do autor de origem arménia conhecido pelo humor afiado a que nenhum norte-americano ficava indiferente na década de 1980 e 1990.

Com a ajuda da encenadora Natália Luísa, Diogo Infante pegou nos textos e reconstruiu-os a partir de improvisações e conceitos criados de forma a potenciá-los e torná-los identificáveis ao público de hoje. “A ideia é que através da sua voz consigamos reconhecer um discurso e uma capacidade de nos comover, entreter. É sempre um discurso muito reactivo, activo, muito com o objectivo de mudar o mundo”, explica Infante. Bogosian aborda temas que vão “desde a religião à extrema direita” e brinca com uma série de estereótipos. Infante agarrou na tradução e contextualizou os textos nos tempos em que vivemos. Ou seja, “onde há uma forte componente financeira, onde a crise já é um lugar comum. Portanto é esta mobilização que ele faz à necessidade de reagirmos seja pela via espiritual, da reflexão, seja pela reacção política,



澳門國際品牌連鎖加盟展  
Exposição de Franquia de Macau  
Macao Franchise Expo

2012

品牌無限延伸

商機一觸即發

Brand expansion continues  
Business opportunities to be seized



06-08/07/2012

澳門威尼斯人 度假村 酒店 展館D  
The Venetian Macao Resort Hotel Exhibition Hall D

主辦機構

Organisers



澳門貿易發展局  
Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau  
Macao Trade and Investment Promotion Institute



台灣連鎖加盟促進協會  
Association of Chain and Franchise Promoters, Taiwan



澳門連鎖加盟協會  
Maca Chain Stores & Franchise Association

香港專利授權及特許經營協會  
Licensing & Franchising Association of HK

支持機構  
Supporting  
Organisations



中國連鎖經營協會  
China Chain Stores & Franchise Association



Franchising  
Building your business,  
one opportunity at a time.



承辦機構  
Coordinator



澳門廣告商會  
The Association of Advertising Agents of Macau

www.mfe.mo

電話Tel: +853 87989675/87989610 傳真Fax: +853 28727 123 電郵E-mail: smec@ipim.gov.mo



## ÁTRIO

é uma série de propostas que me parecem muito interessantes”, avança o actor. “É sobretudo um divertimento e um desafio a uma certa reacção apática aos momentos complicados que atravessamos.”

Momentos complicados que inclusive ditaram a retirada de Diogo Infante da direcção artística do Teatro Nacional D. Maria II (e antes do Teatro Maria de Matos), mas que são também incontornavelmente inspiradores. Além do teatro, o actor acaba de terminar um telefilme da Rádio e Televisão de Portugal (RTP), *Há sempre um amanhã*. Fez de Paulo Lima, engenheiro responsável por uma multinacional que a crise

económica arrasta para o Brasil.

“É um reflexo dos tempos que estamos a viver e é natural que a arte, a ficção, se preocupe com estes temas. São temas que estão em cima da mesa e sobre os quais temos todos de pensar. Não só para nos entreter mas também para pensar de que forma é que nos queremos posicionar e o que é que estamos dispostos a fazer”, diz. “A arte tem sempre essa grande vantagem. É um espelho do homem, da sociedade, e aponta. Não dá soluções mas aponta, aponta os problemas, denuncia estados de espírito, e portanto não é por acaso que isto está tudo a acontecer. Há uma ebulição latente.”



O actor diz que foi movido pela paixão por essa mesma arte que saiu do D. Maria II, perante a impossibilidade de “continuar um projecto artístico de qualidade e com dignidade para um teatro nacional”, numa altura em que o Estado “não assegurava as mínimas condições financeiras”. Mas olhando para trás Infante garante que o saldo de cinco anos dedicado à direcção artística é “francamente positivo”, e não descarta a hipótese de assumir novamente um cargo semelhante, apesar de admitir que até lá é preciso “mudar a forma como os políticos e os governantes portugueses encaram a cultura na sociedade”.



## MIL OFÍCIOS

Já dissemos que esteve recentemente a braços com um telefilme mas há mais. Depois de oito anos afastado da representação no pequeno ecrã, Infante também está a gravar uma série. Chama-se *Depois do Adeus* e retrata a sociedade portuguesa pós-25 de Abril, mais concretamente os retornados das ex-colónias. O actor encarna um desses retornados, Victor Castro, invisual. Como é que consegue fazer tudo? “É uma gestão delicada mas apesar de tudo muito planificada. A gestão dos ensaios [de *Preocupome, logo existo!*] é feita alternadamente com esta ocupação, sendo que não consigo ensaiar mais do que quatro horas porque sendo o único actor no fim de quatro horas estou absolutamente esgotado”, confessa. A peça vai ter a duração de pouco mais de uma hora.

Para trás ficam papéis marcantes para o actor como *Hamlet*, *Rei Édipo* e mais recentemente Salieri na peça *Amadeus*; também a colaboração com nomes incontornáveis do teatro português como Ruy de Matos ou Carlos Avilez; no cinema João Botelho, Luís Filipe Rocha, Joaquim Leitão, sem contar com a encenação de peças de Harold Pinter, Tennessee Williams e Kaufman; e dezenas de séries, telenovelas e programas de televisão.

Para a frente prefere esperar para ver o que traz a maré, mas há um papel à espreita na gaveta. “É um projecto que tenho com o João Mota que é o *Cyrano* de Bergerac. Uma personagem que gostava de fazer enquanto tenho energia.”

Aos 45 anos, o actor lisboeta, que cresceu no Algarve e começou a vida profissional como guia-intérprete, confessa que, apesar de todos os problemas, deixar Portugal nunca foi uma opção. Admite que o país “padece de uma pequenez de mentalidade”, mas é lá que ainda acredita que pode “fazer a diferença”.

A Bogosian seguir-se-à um projecto de leitura da *Ode Marítima* de Álvaro de Campos musicada ao vivo por João Gil. Mais um registo a solo e deveras existencialista, desta feita poético e com assinatura pessoana. Chegará também a Macau?

“Quem sabe.” ●



## BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES

### Ballet Nacional da Estónia

A companhia com vasto repertório internacional de clássicos pegou no conto dos irmãos Grimm e transformou-o num bailado alegre e cheio de ritmo. Um espectáculo com influências do teatro musical com toques de sapateado e dança tradicional da Estónia, cenários muito coloridos e um guarda-roupa especial. O espectáculo tem direcção artística de Thomas Edur, coreografado por Gyula Harangozó e é acompanhado ao vivo pela Orquestra de Macau.

**Centro Cultural de Macau  
13, 14 e 15 Junho**

## CABARET

### Ute Lemper

Já conquistou públicos do Carnegie Hall de Nova Iorque às salas de Paris, Londres e Viena, e chega agora a Macau. Na bagagem traz clássicos de Jacques Brel, interpretações de composições de Kurt Weill e Bertolt Brecht, personagens como Marlene Dietrich e Edith Piaf, até um toque sul-americano da música de Astor Piazzolla. A carismática cantora de cabaret, que já colaborou com cantores e compositores norte-americanos e europeus como Michael Nyman, Tom Waits, Elvis Costello, Philip Glass e Nick Cave, canta em cinco línguas e mostra temas também da própria autoria, incluídos no álbum de 2003 *But One Day*. Em Macau dá um concerto intimista acompanhada ao piano por Vana Gierig, Marcelo Nisinman no bandonéon e Steven Millhouse ao contrabaixo.

**Centro Cultural de Macau  
7 Junho de 2012, 20h**

## AGARRANDO O CHÃO COM A NUCA

### Mute Comp. Physical Theatre

Chama-se teatro físico e é a construção de formas compreensíveis ao imaginário colectivo, feita através do corpo do actor que comunica a esse imaginário, seja através de formas de sombras, móveis e fixas, com ou sem estrutura dramática, estilo, e não necessita do uso da palavra, embora também não a exclua necessariamente. O Mute Comp. Physical Theatre vem da Dinamarca com um trabalho que confronta o público com os mistérios da vida e a origem dos problemas através de dança, representação, acrobacia, cenas caricatas sobre a natureza humana e o destino, tudo musicado ao vivo pela banda Valvran e com cartas de tarô pelo meio. Inclui no elenco a actriz anã Sigrid Husjord, nomeada para o prémio de Melhor Interpretação Feminina no Festival Internacional de Teatro Experimental do Cairo e Fringe de Dublin.

**Centro Cultural de Macau  
29 e 30 de Junho, 20h**





## NINE SONGS

### Cloud Gate Dance

A poesia e a dança de mãos dadas na peça concebida e apresentada pela companhia Cloud Gate Dance de Taiwan. É inspirada na obra-prima homónima composta há mais de 2000 anos com autoria atribuída ao poeta Qu Yuan durante o exílio. Pretende ser uma celebração da vida e ao mesmo tempo uma exaltação da morte, que evoca figuras divinas com sonoridades tipicamente asiáticas, da Índia e das tribos indígenas taiwanesas.

O espectáculo tem assinatura do coreógrafo Lin Hwai-min e um elenco internacional que já passou pelos palcos do Festival de Artes de Singapura à Ópera do Kennedy Centre em Washington.

## THE UNLIMITED HORIZON

### A Painting and Calligraphy Exhibition de Lee Yi-hong

Retrospectiva de uma década de produção criativa do artista taiwanês em 34 pinturas a óleo e caligrafia. Peças que mostram o toque tradicional e forte espírito literário do artista, estilo que segue como base o desenho e a forma da caligrafia chinesa, com especial queda para a composição e atmosfera

**Galeria de Exposições Temporárias do Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais, Macau**  
Até 24 de Junho



**Centro Cultural Macau**  
10 de Agosto, 20 horas

## EXPOSIÇÃO ANUAL DE ARTES VISUAIS DE MACAU 2012

Faz parte do Festival de Artes de Macau e vai na 12.<sup>a</sup> edição. Uma exposição cujo objectivo é servir de plataforma para os artistas locais mostrarem o talento e contribuírem para estimular a descoberta de novos artistas, e desenvolvimento da educação artística de Macau. Obras que reflectem as características únicas da cultura local através dos mais variados formatos.

**Edifício do Antigo Tribunal, Macau**  
Até 5 de Agosto

## FREE INDIVIDUAL TRAVEL... HOW MUCH FREE?

### Uma Exposição de Arte Contemporânea

O Armazém do Boi lançou o repto aos artistas locais de transformarem em arte a noção que têm de liberdade. É o olhar dos artistas sobre os viajantes que chegam a Macau para passear e acabam por se tornar elementos chave do desenvolvimento da cidade, despertando emoções e respostas trabalhadas através do pincel, da objectiva e das mais variadas formas de expressão artística.

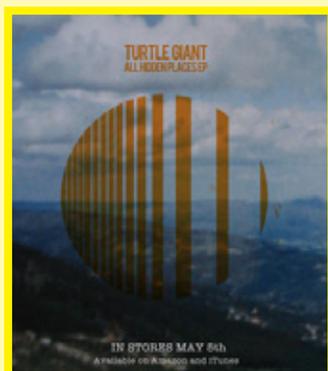
**Armazém do Boi, Macau**  
Até 8 de Julho

## COM TODO O RESPEITO

**Jorge Palma**

“Tenho uma página em branco e uma guitarra na mão, ando nisto há quatro dias e não me sai a canção”, diz o primeiro single *Página em Branco*. Mas lá sai. Não demorou quatro dias mas quatro anos o novo álbum de originais de Jorge Palma, o 13.º de uma carreira que de resto já dura há quase quatro décadas. O tema principal não muda, continua a ser o amor “pintado a lápis de cor” e o olhar sobre a sociedade habituais nas composições do músico lisboeta. Sucessor de *Voo Nocturno* (2007), *Com Todo o Respeito* conta com as participações da banda Demitidos, Cristina Branco, Flak dos Rádio Macau, Carlos Barreto, Carlos Bica e o filho de Palma, Vicente Palma. Carlos Tê assina a letra de *Uma Alma Caridosa* e *Pensámos em Nada* sai da pena de José Luís Peixoto.

**EMI Music Portugal | 2012**



## ALL HIDDEN PLACES

**Turtle Giant**

Marca uma nova etapa na vida da banda e tem um travo maior a Macau, a começar pela gravação no mítico Teatro D. Pedro V. Os Turtle Giant estão de volta e cresceram. Depois de uma digressão em Espanha e um primeiro disco, *Feel to Believe* (2009), gravado no Brasil, os manos Frederico e Beto Ritchie agora fazem-se acompanhar por António Conceição, do projecto *O Monstro*. *All Hidden Places* tem cinco temas com sabor indie rock e um toque de rock psicadélico dos anos 60, com influências que vão dos jovens Tame Impala, Grizzly Bear e Arcade Fire, aos veteranos folk e rock Nick Drake, Bob Dylan, Beatles e Pink Floyd. A infância é o tema transversal do novo disco que na capa tem uma foto tirada na Serra da Estrela nos anos 80.

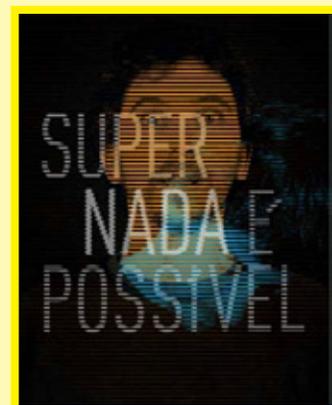
**Turtle Giant | 2012**

## NADA É POSSÍVEL

**Supernada**

Já existem como banda desde 2002, mas só agora editaram o álbum de estreia. *Nada é Possível* documenta a vida da banda que nasceu para tocar ao vivo liderada por Manuel Cruz, mítico cantor dos Ornatos Violeta, Foge Foge Bandido e Pluto. Neste projecto faz-se acompanhar por Francisco Fonseca na bateria, Ruca Lacerda na guitarra, Miguel Ramos no baixo e Eurico Amorim nas teclas. Depois de vários concertos a gravação do disco lá aconteceu mas o processo de gestação durou seis anos, com aproveitamento de músicas antigas e criação de novas, e uma série de “momentos” registados nas gravações como extra. Na apresentação em Portugal os Supernada fizeram questão de oferecer os concertos às pessoas que encomendarem o disco.

**Arthouse | 2012**



## TRANSVERSAL DO TEMPO

### Elis Regina

Este ano completam-se três décadas sobre a morte de Elis Regina e para assinalar a data foram lançados dois discos com gravações de espectáculos da diva da MPB. *Transversal do Tempo* foi gravado no Rio de Janeiro em 1978 e agora organizado por Rodrigo Faour, com mistura do filho mais velho de Elis Regina, João Marcello Bôscoli. São 25 temas, entre eles interpretações inéditas de canções como *Maravilha*, de Chico Buarque e Francis Hime; *Gente*, de Caetano Veloso; *Amor à Natureza*, de Paulinho da Viola; e *Esta Tarde Vi Llover*, do mexicano Armando Manzanero. O outro disco é duplo, chama-se *Um Dia* e são espectáculos que Elis Regina deu no Festival de Montreux, na Suíça, em 1979. Registos que em vida Elis nunca chegou a autorizar e que incluem as versões inéditas de *Corrida de Jangada*, de Edu Lobo e José Carlos Capinam, e *Triste*, de Tom Jobim.



Universal Music | 2012

## QUINTO António Zambujo

O nome fala por si, é mesmo o quinto disco do fadista alentejano que passou pelo Festival Internacional de Música de Macau no ano passado. Mas não é só daí que vem o nome. *Quinto* nasce precisamente das digressões pelo mundo em formato quinteto com Bernardo Couto e Luís Guerreiro a acompanhar na guitarra portuguesa, José Miguel Conde no clarinete, André Conde no trombone,

Jon Luz no cavaquinho e Ricardo Cruz no contrabaixo, baixo e direção musical. Na lista de colaborações repetem-se nomes como Maria do Rosário Pedreira, João Monge, Ricardo Cruz e José Eduardo Agualusa, e há uma estreia - Pedro da Silva Martins, dos Deolinda, assina as canções *Queria Conhecer-te Um Dia* e *Algo Estranho Aconteceu*. O próprio Zambujo assina a composição de duas: *Flagrante* e *Noite Estrelada*.

Universal | 2012





## A COMUNIDADE MACAENSE EM PORTUGAL: ALGUNS ASPECTOS DO SEU COMPORTAMENTO CULTURAL

**Isabel Pinto Almedina**

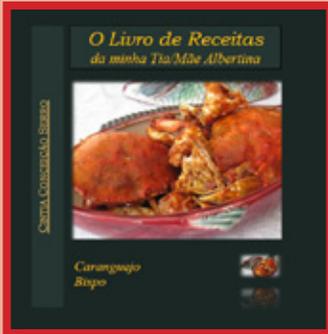
Começou por ser tese de doutoramento, um estudo que nasceu do contacto de Isabel Pinto com as famílias macaenses no território, onde trabalhou como enfermeira obstetra durante quase duas décadas, e a realidade da comunidade em Portugal, quando do seu próprio regresso ao país. *A Comunidade Macaense em Portugal* é o resultado de cinco anos e meia centena de entrevistas conduzidas de Norte a Sul do país, durante as quais a investigadora identificou dois tipos de macaenses: os que ficaram depois de concluídos os estudos, e as mulheres que casaram com militares portugueses antes do 25 de Abril, tempo em que o serviço obrigatório também se cumpria em Macau. Em comum têm a religião católica e a língua portuguesa. São abordados aspectos do comportamento cultural da comunidade, dos elementos orientais à integração e ligação que mantém, ou não, com o território.

## JOSÉ VICENTE JORGE: MACAENSE ILUSTRE

**Graça Pacheco Jorge e Pedro Barreiros Albergue SCM**

Depois da gastronomia e colecionismo de arte, Pedro Barreiros e Graça Pacheco Jorge reuniram em imagens as facetas de diplomata, professor em chinês e inglês, avô, entre outras ocupações daquele que foi personalidade destacada de Macau no final do século XIX e princípio do século XX. Folheando a fotobiografia trilingue (em português, chinês e inglês) *José Vicente Jorge: Macaense ilustre* descobre-se em imagens o espólio do intérprete, inclusive momentos importantes como o casamento, a ligação com Camilo Pessanha e a partida para Portugal durante a Guerra do Pacífico. São cerca de 400 fotografias com textos introdutórios, a maioria inédita e restringida até agora ao acesso do círculo familiar, sobre o homem que iniciou funções no Expediente Sínico em 1890 e esteve destacado em Pequim, ao serviço da diplomacia portuguesa, nos primeiros anos do século XX.





## O LIVRO DE RECEITAS DA MINHA TIA/MÃE ALBERTINA

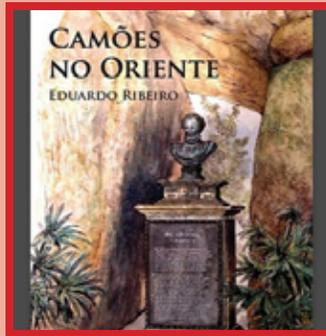
**Cíntia Conceição Serro**  
**Instituto Internacional de  
Macau**

Minchi, arroz gordo, camarões à moda de Macau, feijoada à moda de Macau e ou o tão apreciado diabo são algumas das mais de 80 receitas que Cíntia Conceição Serro reuniu em livro. A membro da Confraria da Gastronomia Macaense propôs-se ao desafio de recuperar os cadernos manuscritos da Tia/Mãe Albertina, com quem aprendeu a cozinhar os petiscos macaenses. Com 200 páginas ilustradas, a obra é mais um testemunho da culinária como expressão da identidade de uma comunidade macaense publicado pelo Instituto Internacional de Macau, com o apoio da Fundação Macau e do Instituto Cultural de Macau.

## CAMÕES NO ORIENTE

**Eduardo Ribeiro**  
**Labirinto de Letras**

Como e quando é que Camões veio para Macau? Era Dinamene a “moça china”



que viveu com o poeta e morreu no naufrágio na latitude do Mecom? São algumas das questões a que Eduardo Ribeiro dá resposta em *Camões no Oriente*. É o mais recente contributo que o jurista e investigador dá ao tema camoniano desde a publicação do texto Camões nas partes da China no jornal *Ponto Final*, em 2006. O livro reúne textos revistos e actualizados publicados na revista eletrónica do Núcleo de Estudos Portugueses Labirintos e em jornais locais que percorrem a vida do poeta lusitano desde a partida de Portugal até à morte num naufrágio incluindo, claro está, a tão questionada passagem por Macau.

## ESTÓRIA DE PRIMAVERA LILI HAN

**Associação de Estórias de  
Macau**

Em três línguas - português, chinês e inglês - a poetisa e tradutora Lili Han apresenta uma série de poemas, escritos em verso livre, onde se lêem o quotidiano, as línguas, o ritmo, as relações entre indivíduos, viagens. Como Farewell sobre o Tibete. A edição está dividida em três partes, a primeira com as linhas mais recentes da poetisa; a segunda com poemas amadurecidos, revistos e traduzidos de chinês para português. A secção final é reservada a trabalhos de tradução realizados pela também professora do Instituto Politécnico de Macau. Sete poemas de Isabel Matos, ex-aluna de Han, e o colega Manuel Pinho também aparecem na obra. É o segundo livro da poetisa, que em 2010 publicou *Estória do Inverno*, de onde alguns poemas foram transferidos para o novo livro desta feita sob o signo do Verão.





\* Macau Antigo

\*\*\*

## MIL HISTÓRIAS POR CONTAR

Este postal feito em Hong Kong no início do século XX tem uma particularidade que é rara: a legenda St. John's Monument at the Avenida. O monumento é o da Vitória, o John's é São João Baptista, referência ao dia da cidade de Macau, 24 de Junho, e da vitória sobre os holandeses em 1622. A “avenida” chamava-se, na época, Vasco da Gama.

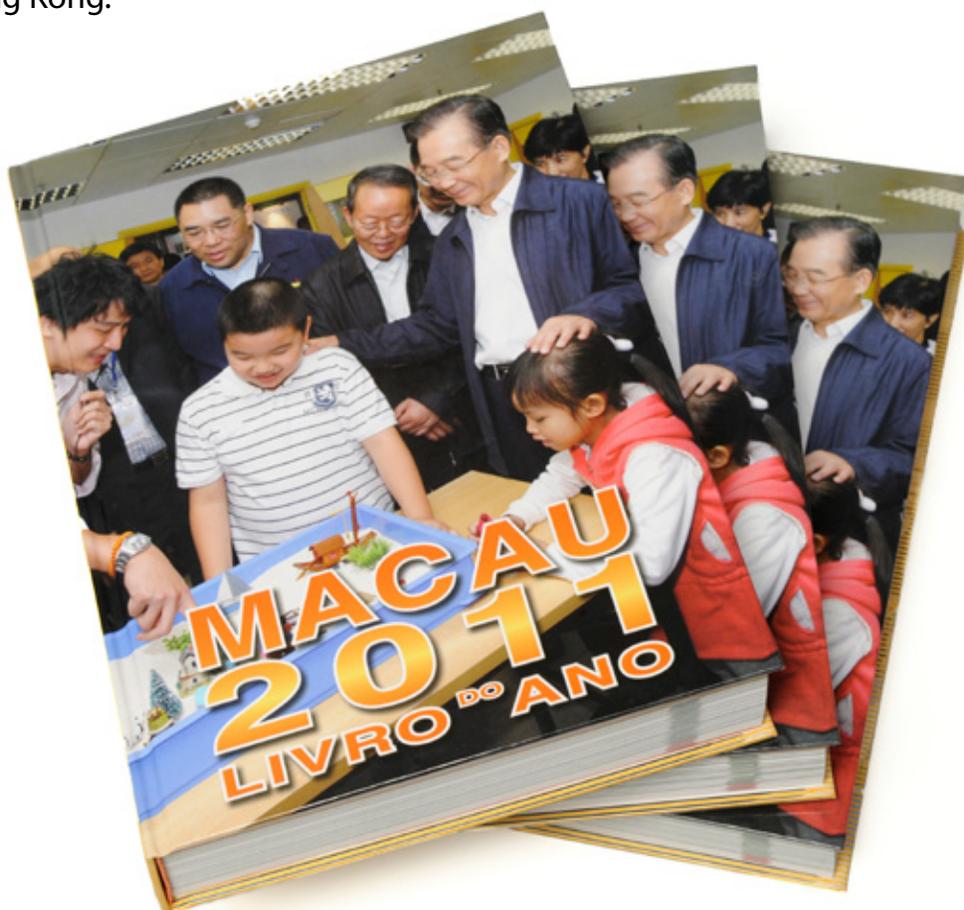
O monumento entretanto mudou de local. Mil e uma histórias que ficam por contar.

# MACAU 2011

## LIVRO DO ANO

As edições em língua chinesa, portuguesa e inglesa do **MACAU 2011** – Livro do Ano, uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), já estão à venda.

O **MACAU 2011** – Livro do Ano é uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social que regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da região administrativa especial, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos quantos desejam estudar e compreender melhor Macau. O **MACAU 2011** – Livro do Ano, edições chinesa, portuguesa e inglesa, pode ser adquirido ao preço de capa de 120 patacas por exemplar, acompanhados da oferta de um CD-ROM com a versão PDF do livro, nas maiores livrarias de Macau e no Centro de Informações ao Público, na Loja de Filatelia (Estação Central dos Correios) ou nas estações dos Serviços de Correios da Rua do Campo, do Terminal Marítimo do Porto Exterior, do Aeroporto e dos Jardins da Nova Taipa, bem como nas livrarias da The Commercial Press Ltd, em Hong Kong.



# BNU, o seu Parceiro de Negócio em Macau



Web site: [www.bnu.com.mo](http://www.bnu.com.mo)

O **Banco Nacional Ultramarino** é uma referência para todos aqueles que, ao longo de mais de um século de actividade, nos privilegiaram com a sua preferência.

*Orgulhamo-nos da nossa história e do apoio que sempre demos e recebemos da comunidade local.*

*Hoje, como ontem, acreditamos no futuro e o apoio da Caixa Geral de Depósitos, um dos maiores grupos financeiros europeus, com uma vasta e abrangente rede de balcões em 20 Países da Europa, Ásia, África e Américas, permite ao BNU otimizar o seu conhecimento local com uma profunda experiência internacional e colocar ao seu dispor um conjunto de soluções criativas, dinâmicas e integradas.*

*Porque estamos determinados a ser bem sucedidos, acreditamos que o BNU é o seu Parceiro de Negócio em Macau.*

## **BNU**

Banco Nacional Ultramarino  
大 西 洋 銀 行



— Desde 1902 —